

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO TECNOLÓGICO - CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO



INFLUÊNCIA MODERNISTA NA ARQUITETURA RESIDENCIAL DE FLORIANÓPOLIS

Josicler Orbem Alberton

Dissertação submetida à Universidade
Federal de Santa Catarina para
obtenção de Grau de Mestre em
Arquitetura e Urbanismo

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Carolina Palermo Szücs

Florianópolis, março de 2006.



INFLUÊNCIA . MODERNISTA . NA . ARQUITETURA . RESIDENCIAL . DE . FLORIANÓPOLIS

ARQUITETURA **HABITAÇÃO**
MODERNISTA

Josicler Orbem Alberton

**INFLUÊNCIA MODERNISTA NA ARQUITETURA RESIDENCIAL DE
FLORIANÓPOLIS**

Essa dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final no programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para obtenção do título de:

Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Florianópolis, 28 de março de 2006.

Profª Drª Alina Gonçalves Santiago
COORDENADORA DO CURSO

Profª Drª Carolina Palermo Szücs
ORIENTADORA

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Hugo Segawa
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP
Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto

Profª Drª Eloah Rocha Monteiro de Castro
UFSC, Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Profª Drª Sônia Afonso
UFSC, Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Dedico este trabalho à minha mãe.

AGRADECIMENTOS

À grande força, presente em todo universo, que muitos chamam de Deus;

À minha família, principalmente à mamãe e à nonna, que sempre acreditaram e investiram em mim;

Aos grandes mestres da arquitetura moderna, em especial Le Corbusier, pela maneira apaixonada que escreve sobre arquitetura, e Lucio Costa, pela sabedoria e respeito ao patrimônio;

À Prof^a Carolina Szücs por estar sempre presente, por ter me ensinado a trabalhar com paixão e por ser esta pessoa tão maravilhosa;

À família GHab (Grupo de Estudos da Habitação- UFSC) pela oportunidade de aprendizagem junto a um grupo de pesquisa produtivo e pelas grandes amizades que me propiciou. Agradeço em especial à Mari e a Nanni por terem me ajudado nas entrevistas com os moradores das casas inventariadas;

Aos membros da banca examinadora pela contribuição e pela oportunidade de crescimento que me propiciaram;

Aos amigos que fiz nestes últimos dois anos no PósARQ, em especial àqueles que acompanharam de perto minha jornada dissertante;

À comunidade do PósARQ-UFSC, em especial à secretaria do programa que sempre atende os alunos com carinho e dedicação;

Aos velhos amigos pela confiança e apoio que sempre depositam em mim;

A todos os moradores das casas estudadas pela vontade de cooperar com a pesquisa;

À SUSP, principalmente ao sr. Juraci por me atender sempre com boa vontade;

À CAPES pela concessão da bolsa de mestrado;

Agradeço, de coração, às pessoas que contribuíram de alguma forma com este trabalho que representou uma etapa muito importante da minha vida. Estes dois anos me trouxeram muitos aprendizados que ultrapassaram as barreiras acadêmicas.

Já estou com saudades de muita gente e de muita coisa!

Muito Obrigada a todos.

(...) Desde que o sol se pôs é o tempo mais longo. Aquele que dorme sob um teto refugia-se no calor de seu cobertor de lã e o vagabundo que dorme sob a luz das estrelas encolhe-se como um feto. O vapor da água em suspensão no espaço precipita-se e, de repente, a terra inteira se cobre com água: é o orvalho. E neste momento explode o sol, como um tiro de canhão, nas bordas do horizonte. Reparem com que rapidez ele caminha. É vertiginoso. Tem-se a impressão de que tomou impulso para sair! Não, esta velocidade impressionante que se pode medir na linha do horizonte é seu único regime mas, contemplando a abóbada do céu, pensamos: "vai durar o dia inteiro". Observar esta extrema velocidade do sol é notar como é rápida e fugaz nossa vida, e como é irreparável o tempo perdido. Quanta severidade: como é irreparável o tempo perdido (...).

LE CORBUSIER

10 DE DEZEMBRO DE 1929

RESUMO

O Movimento Moderno marcou fortemente a história da arquitetura mundial, e sua relevância é inquestionável. No último século, os paradigmas modernos, não obstante definidos por um pequeno número de profissionais, provocaram verdadeiras revoluções no pensamento arquitetônico. No Brasil, a influência modernista chegou à arquitetura nos últimos anos da década de 20, vinda principalmente da corrente racionalista européia, bem representada pelos mestres alemães e por Le Corbusier. Arquitetos e engenheiros adequaram os preceitos modernistas à realidade nacional, criando uma arquitetura genuinamente brasileira, reconhecida mundialmente, e que em poucos anos estava presente em muitos lugares do país.

Em Florianópolis, as primeiras edificações modernistas datam da década de 50, entre estas, algumas casas. Foi através da arquitetura intimista de residências que os princípios modernistas foram aplicados nos projetos, geralmente atendendo a famílias abastadas, atentas ao que havia de mais atual na época. A casa tradicional, com suas paredes auto-portantes, deu lugar à moderna, construída geralmente com estrutura de concreto armado, o que permitiu novos arranjos espaciais que buscavam integração e setorização de ambientes.

O presente trabalho traz alguns exemplares de residências unifamiliares, localizados na área central de Florianópolis, construídos nas décadas de 50, 60 e 70 e que apresentam, em maior ou menor grau, linguagem modernista. O objetivo é resgatar os princípios modernistas para habitação e destacar a importância dos projetos analisados, não só pela qualidade que apresentam, mas também pela importância histórica do seu registro, tanto para Florianópolis, quanto para o Brasil, por retratarem a difusão da arquitetura moderna pelo país.

Palavras-chaves: Arquitetura Moderna, Florianópolis (SC), Projeto Arquitetônico Residencial, Habitação, Inventário.

ABSTRACT

The Modern Movement was a strong mark in the history of Architecture of the world, and the importance of such influence is unarguable.

In the 20th century, the standards of modernism, set by a small number of professionals, revolutionized ideas and studies about architecture. In Brazil, the influence of the movement arrived in the late 1920s, coming, mostly, from the rationalist current, well represented by the German professors and by Le Corbusier.

Architects and engineers adapted the modernist precepts to the reality of the country, eventually creating a kind of architecture genuinely Brazilian, recognized worldwide, which, in a few years, became present in a great deal of places across the country.

In Florianópolis, the first modernist buildings were built in the 1950s. Some of them were houses. It was through the introspective architecture of those houses that modern principles were employed on the plans, generally serving the wealthiest part of the inhabitants, aware of what was new at the time. The traditional house, whose walls had a structural role, was replaced by the modern house, usually built with concrete and steel structure, which allowed new spatial solutions aiming for the integration and separation of rooms.

The present work contains some examples of private family houses, located in the central area of Florianópolis, built during the 1950s, 60s and 70s and which present, in a higher or lower degree, a modernist language. The objective is to rescue the principles of modernism in the residential architecture and emphasize the importance of the plans which has been analysed, not only for the high quality they carry, but also because the historical relevance, to Florianópolis and to Brazil, since they picture the spreading of the modernist architecture throughout the country.

Key words: Modern Architecture, Florianópolis SC, Residential House Planning, Habitation, Inventory.

SUMÁRIO

Capítulo 1

Introdução

1.1 Apresentação	10
1.2 Justificativa e Importância do Tema	11
1.3 Referencial Teórico	14
1.3.1 Início das Discussões Modernistas sobre Habitação	14
1.3.2 Arquitetura Modernista Internacional: A Casa	18
1.3.3 Arquitetura Modernista Brasileira: A Casa	24
1.3.3.1 Primeiras Manifestações	24
1.3.3.2 A Arquitetura da Capital Federal: Rio de Janeiro	26
1.3.3.3 Arquitetura Moderna em São Paulo	28
1.3.4 Casa Moderna x Casa Tradicional	31
1.3.5 Declínio da Arquitetura Moderna e a Importância da Participação do Estado	33
1.4 Perguntas da Pesquisa	35
1.5 Objetivos	35
1.5.1 Objetivo Geral	35
1.5.2 Objetivos Específicos	36
1.6 Dificuldades Encontradas	36
1.7 Métodos e Técnicas	37
1.8 Estrutura do Trabalho	40

Capítulo 2

A Cidade e o Movimento Moderno

2.1 Introdução ao Capítulo 2	41
2.2 Contexto Local, Modernização e Arquitetura	41
2.3 Expansão do Centro Urbano: Nova Arquitetura, Nova Casa	49
2.4 Considerações Finais do Capítulo 2	56

Capítulo 3

Habitação Modernista Em Florianópolis - Um Inventário

3.1 Introdução ao Capítulo 3	57
3.2 Um Local No Centro: Área de Estudo	58
3.3 Doze Casas – Um Inventário	61
3.4 Sobre os Projetos Inventariados	75
3.4.1 Terrenos e Áreas	75
3.4.2 Ambientes Encontrados	76
3.4.3 Modificações Nos Projetos Originais	78
3.5 Entrevistas com Moradores	81
3.6 Considerações Finais do Capítulo 3	83

Capítulo 4

Conclusões

4.1 Florianópolis Modernista	85
4.2 Considerações Finais	91
4.3 Recomendações para trabalhos futuros	92

Referências	93
--------------------	-----------

Lista de Figuras	96
-------------------------	-----------

Apêndices	98
------------------	-----------

Apêndice A- Exemplo de Ficha Cadastral das Casas	98
Apêndice B- Modelo de Entrevistas Realizadas com Moradores	99
Apêndice C- Entrevista com o arquiteto Ademar Cassol	101

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

Esta dissertação, resultado de dois anos de trabalho, trata dos princípios modernistas internacionais e nacionais para habitação e da arquitetura residencial modernista realizada em Florianópolis, influenciada por estes princípios. Inicialmente, um dos principais objetivos deste trabalho era identificar os elementos modernistas de projeto presentes na arquitetura residencial da Ilha, nas décadas de 50, 60 e 70; avaliando em que medida eles foram aplicados e se ainda poderiam ser usados nos projetos atuais, verificando sua atualidade. No decorrer do trabalho, através de uma melhor compreensão das propostas do movimento moderno e da dinâmica urbana de Florianópolis, outras questões, tão importantes quanto as pensadas inicialmente, foram percebidas.

Durante o trabalho de campo foi observado que estas casas, embora sendo consideradas recentes devido às datas de construção, estão sendo substituídas gradativamente por outras edificações que permitem um maior aproveitamento dos terrenos. Este processo, desencadeado pela especulação imobiliária, é muito acentuado no contexto do município. O registro de algumas destas residências, enquanto ainda existem, resgatando memórias daquela época, tornou-se também importante para o trabalho diante do quadro de destruição arquitetônica presente. Sendo assim, doze casas foram inventariadas, fornecendo um quadro da arquitetura residencial modernista, construída em Florianópolis, que viabilizou a verificação das influências que aqui chegaram.

1.2 JUSTIFICATIVA E IMPORTÂNCIA DO TEMA

Passadas mais de oito décadas, é possível afirmar que o Movimento Moderno marcou de fato a história da arquitetura mundial e que é de importância inquestionável. As primeiras discussões modernistas

surgiram na Europa nos primeiros anos do século XX e tratavam principalmente da questão habitacional. Segundo os arquitetos modernistas, o projeto da casa e por conseqüência, o modo de morar, precisava ser revisto para que as necessidades da família da sociedade industrial pudessem ser atendidas. Estes profissionais acreditavam que através de uma nova arquitetura, atrelada ao contexto industrial, muitos problemas sociais poderiam ser resolvidos, dentre estes, o déficit habitacional.

Os valores estritamente estéticos e a adequação dos estilos arquitetônicos perderam importância no projeto da casa moderna, cuja forma passou a ser conseqüência da distribuição dos ambientes segundo suas funções e onde os ornamentos não eram mais bem vindos. A proposta modernista para habitação tornou-se, aos poucos, popularmente conhecida devido, principalmente, ao paralelo que o arquiteto Le Corbusier (1887- 1965) fez com a casa e a máquina, afirmando que a casa é a “máquina de morar”.

As idéias de vanguarda que surgiram na Europa não demoraram a chegar ao Brasil, tendo grande repercussão entre os profissionais que aqui atuavam. O pensamento modernista desembarcou no Brasil ainda na década de 20 trazido por arquitetos que fizeram parte de seus estudos na Europa ou que tiveram contato com a produção arquitetônica européia e norte-americana através de viagens e/ou revistas especializadas. Apesar da pouca maturidade desses arquitetos, suas ações estabeleceram um marco divisor entre a tradicional arquitetura brasileira, de visibilidade apenas local, e a nova arquitetura, cuja qualidade rapidamente obteve reconhecimento internacional no final dos anos 30. Profissionais como Lúcio Costa (1902-1998), Affonso Eduardo Reidy (1909-1964), Oscar Niemeyer (1907), Rino Levi (1901-1965), Vilanova Artigas (1915-1985), entre outros, adequaram os princípios modernistas internacionais à realidade nacional, criando uma arquitetura tipicamente brasileira.

É importante destacar que no Brasil as décadas de 40 a 60, no pós-guerra, foram marcadas por intensa industrialização e urbanização que representaram avanço técnico e econômico, tendo como conseqüência profundas transformações sociais.

Embora haja projetos residenciais modernistas datados do final da década de 20, como pode ser constatado na obra de Gregori Warchavchik (1896- 1972), a construção mais intensa destes exemplares se deu a partir da década de 40. Estas casas eram feitas com estrutura de concreto armado e tinham como diretrizes de projetos princípios modernistas como, por exemplo, o da planta-

livre¹ que fornecia ampla flexibilidade ao projeto, atendendo às questões de funcionalidade e composição.

As habitações individuais isoladas aproveitariam de modo especial as inovações arquitetônicas, decorrentes do avanço técnico e econômico. Pela primeira vez seriam exploradas amplamente as possibilidades de acomodação ao terreno (...). Para isso contribuiria principalmente o uso das estruturas de concreto (...); as paredes de tijolos não mais seriam estruturais, mas funcionariam apenas como painéis de vedação (REIS FILHO, 1978, p. 88).

A casa tradicional com suas paredes auto-portantes foi aos poucos dando lugar à casa moderna. A edícula, localizada no quintal, foi integrada à construção principal, surgindo assim as áreas de serviços, ocupando geralmente parcelas dos afastamentos dos lotes. A organização frente-fundo, hierarquizada, foi substituída pela valorização de todas as fachadas, sendo possível encontrar na frente do lote a nova área de serviço devidamente protegida por muros. O paisagismo foi aos poucos sendo valorizado e os velhos quintais foram transformados em pátios e corredores, que quando conformavam jardins, faziam a ligação entre espaço externo e interno. Ambientes como a cozinha e banheiros ganharam igual importância no tratamento arquitetônico. A organização espacial acontecia em prol da valorização da vida familiar, então, os arquitetos buscavam continuidade espacial através da integração de ambientes como as salas e até, em casos mais inovadores, a cozinha (REIS FILHO, 1978, pp. 88-95).

Em Florianópolis, como quase todas as cidades do interior do Brasil, a arquitetura moderna destacou-se principalmente ligada ao ciclo desenvolvimentista da década de 50, bem representado pelo governo de Juscelino Kubitschek (1902-1976). A arquitetura moderna era sinônimo de atualidade e progresso, era considerada o caminho para o novo Brasil urbano que se almejava construir, saindo assim da estagnação em busca de um futuro promissor. A partir desta década, o centro de Florianópolis passa a ser pontilhado por edificações cujos projetos, concebidos sob preceitos modernistas, marcaram o início de um renascimento da cidade que buscava reafirmar seu lugar de capital do Estado, alcançando seu espaço no contexto cultural nacional.

Os primeiros prédios que traziam a linguagem moderna para a Ilha eram públicos, porém, esta linguagem não tardou a chegar aos projetos habitacionais, bem representados por residências unifamiliares, construídas geralmente para a classe mais abastada. Ainda hoje, é possível encontrar casas remanescentes desta época em vários pontos de Florianópolis. O registro destas casas é de

¹ Um dos cinco postulados da arquitetura moderna segundo Le Corbusier.

fundamental importância, haja vista o alto ritmo de renovação urbana presente na cidade, submetido principalmente à especulação imobiliária, responsável pela substituição gradativa de tais unidades por edifícios multifamiliares e/ou comerciais.

As fotos (Ilustração 01) registram a demolição de uma destas casas, em 2004, que constava no projeto de pesquisa deste mestrado como exemplo a ser inventariado e localizava-se no centro de Florianópolis.



Ilustração 01: Casa na rua Presidente Coutinho, Centro, Florianópolis, demolida em 2004.

Fonte: André Paiva, 2006.

O presente trabalho pretende, entre outros objetivos, registrar e analisar algumas destas residências, construídas nas décadas de 50, 60 e 70, cujos projetos caracterizam a arquitetura modernista que foi feita na ilha. Para tanto, faz-se necessário estudar quais os princípios modernistas aplicados à habitação, tanto no contexto internacional quanto no nacional, identificando em que medida os profissionais que atuaram em Florianópolis aplicaram tais influências em seus projetos.

Esta pesquisa apresenta um conjunto de projetos residenciais que propiciam reflexões sobre as questões projetuais e a aplicabilidade dos princípios modernistas, no âmbito da concepção e dos elementos formais. É importante também sob o ponto de vista do patrimônio histórico porque configura

um registro dos exemplares arquitetônicos que representam uma época de Florianópolis e que tendem a desaparecer, haja vista que não encontram proteção nas Leis que regem o município.

1.3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este referencial está dividido em três partes. A primeira parte trata do quadro da arquitetura no início do século XX e aborda as mudanças decorrentes da Revolução Industrial e a situação das escolas de arquitetura na época. Traz também as primeiras manifestações de arquitetos no sentido de mudar, formalmente e em termos de concepção, a arquitetura produzida na época. Estas mudanças propiciaram o aparecimento de uma nova linguagem arquitetônica que chegou à arquitetura residencial. O que tinha de diferente nestas casas? A resposta a esta pergunta será buscada na segunda parte deste referencial, através do resgate de algumas propostas arquitetônicas, referências até nossos dias.

A arquitetura modernista chegou ao Brasil poucos anos depois das primeiras discussões na Europa e influenciou uma geração de arquitetos que conseguiu adequar, de maneira admirável, as propostas internacionais à realidade nacional, produzindo assim, uma arquitetura modernista brasileira, que misturava elementos da arquitetura colonial com as propostas racionalistas européias. A terceira e última parte aborda a casa moderna brasileira.

1.3.1 INÍCIO DAS DISCUSSÕES MODERNISTAS SOBRE HABITAÇÃO

Com a Revolução Industrial, no século XIX, as cidades cresceram rapidamente, sem infra-estrutura suficiente para suportar o aumento populacional ocasionado principalmente pelo êxodo rural. As pessoas saíam do campo para encontrar trabalho na cidade, sujeitando-se às condições precárias de vida. Muitas discussões surgiram sobre este tema, voltadas para a busca de soluções para os problemas enfrentados pelo proletariado.

Embora o tema habitação estivesse em discussão, as escolas de arquitetura no início do século XX continuavam alheias à questão, voltando-se aos ensinamentos tradicionais do ecletismo e distantes da nova realidade industrial que surgia como principal elemento transformador das cidades. A engenharia

se destacava como a escola moderna daquela época e desenvolvia-se em paralelo à indústria. Pontes, grandes torres, aviões, automóveis, passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas como as grandes inovações (LE CORBUSIER, 1973).

Em 1928 na Suíça, no castelo de Hélene de Mandrot, vinte quatro arquitetos, atentos à realidade industrial, se uniram e organizaram o primeiro Congresso Internacional de Arquitetura Moderna - CIAM, com o objetivo de fazer uma conexão entre arquitetura e sociedade e de fortalecer a idéia de que o arquiteto deve atuar conforme sua época (AYMONINO, 1973).

O segundo CIAM aconteceu, em 1929, na Alemanha e teve como tema principal o déficit habitacional. As discussões buscavam caminhos para se chegar a um mínimo espaço relativo, que garantisse qualidade e condições existenciais (biológicas e sociais). Este mínimo relativo não deveria ser confundido com o mínimo absoluto, já praticado por parte dos especuladores imobiliários nas periferias urbanas (AYMONINO, 1973). No evento, arquitetos de dezoito países participaram dos debates e produziram artigos que são referências para a discussão do tema até hoje.

Segundo May² o Estado tinha como dever organizar a construção de casas para as pessoas com baixo poder aquisitivo, baratear aluguéis e construir alojamentos públicos, evitando a especulação imobiliária. Para tanto, havia necessidade de métodos científicos exatos também na construção, que até então se dava empiricamente. A casa deveria ser desenvolvida como produto, chegando a um modelo perfeito, e o arquiteto deveria trabalhar em conjunto com outros profissionais (engenheiros, higienistas, físicos) que auxiliariam na elaboração melhores de projetos (AYMONINO, 1973).

O arquiteto Walter Gropius³, também alemão, escreveu um artigo abordando as mudanças decorrentes do aparecimento da indústria e como estas afetaram a rotina familiar, afirmando que o projeto da casa deveria atender às novas necessidades que surgiram, logo, o modo de morar precisava ser revisto. Propõe algumas mudanças como a união de uma série de unidades habitacionais com concentração de serviços - cozinha e áreas de serviço comunitárias, por exemplo- diminuindo assim, o trabalho da mulher. Destaca também que o mínimo necessário para uma família viver descentemente muda segundo as condições particulares de cada cidade, região, paisagem e clima (AYMONINO, 1973).

² O arquiteto alemão Ernst May (1886-1970) trabalhou no planejamento urbano de Frankfurt entre 1925 a 1930, projetando vários bairros operários (siedlung), fato este que tornou seu trabalho reconhecido mundialmente.

³ Walter Gropius (1883-1969) formou-se arquiteto em Munique, Alemanha, e é responsável pela proposta e método revolucionário, unindo artes aplicadas e belas artes, da Bauhaus que lançou base para o design moderno.

Le Corbusier (1887-1965), arquiteto suíço, também publica um artigo no congresso com seu primo, o engenheiro Pierre Jeanneret, intitulado “Análise dos Elementos Fundamentais no Problema da Casa Mínima” que abordava as técnicas construtivas. Estes profissionais insistiam em novos e simples métodos de industrialização e padronização, afirmando que a produção em série baratearia os custos e que o ofício do arquiteto não desapareceria, mas sim, se difundiria a outros campos (AYMONINO, 1973).

O terceiro CIAM aconteceu em Bruxelas, em 1930, e concentrou os debates nas técnicas construtivas e na ocupação do solo. Segundo Giedion⁴ (apud AYMONINO, 1973), para resolver o problema da casa para o operário, o edifício alto era de maior eficácia, também quanto à ocupação do solo. Porém, a aplicação da tipologia em altura só seria eficaz mediante intervenção do Estado como órgão fiscalizador e proprietário, com a ressalva de que os edifícios altos exigiram o pleno domínio da técnica.

Os debates nos três primeiros CIAMs concentraram-se na questão habitacional. As discussões, acerca da moradia, buscavam soluções para problemas gerais, como o déficit e a insalubridade das habitações, que atingiam quase toda Europa, principalmente depois da primeira grande guerra. As soluções pretendidas deveriam vir através de um bom projeto arquitetônico, sempre atrelado ao contexto local e que levasse em consideração que várias casas formam um bairro e que vários bairros formam a cidade. Aconteceram dez congressos no total, cujos locais podem ser encontrados na tabela abaixo:

Congressos	Ano	Local
CIAM I	1928	La Sarraz, Suíça (fundação dos CIAM)
CIAM II	1929	Frankfurt, Alemanha
CIAM III	1930	Bruxelas, Bélgica
CIAM IV	1933	Atenas, Grécia (publicação da Carta de Atenas)
CIAM V	1937	Paris, França
CIAM VI	1947	Bridgwater, Inglaterra (reafirmação dos objetivos dos CIAM)
CIAM VII	1949	Bérgamo, Itália
CIAM VIII	1951	Hoddesdon, Inglaterra
CIAM IX	1953	Aix-em-Provence, França
CIAM X	1956	Dubrovnik, Iugoslávia

Tabela 01: Congressos realizados. Fonte: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: janeiro de 2006.

⁴ Sigfried Giedion (1888- 1968) foi o primeiro secretário geral do CIAM. É autor de alguns livros, entre eles, Space, Time & Architecture, lançado em 1941.

Embora o academicismo predominasse nas escolas, desde os primeiros anos do século XX, alguns arquitetos se destacavam por trazerem novos conceitos de projeto. Ernst May lançou na Alemanha, em 1928, os apartamentos *Existenzminimum* com 32m², projetados inicialmente como alojamentos temporários para refugiados e que se tornaram ao longo do tempo, definitivos. Um ano depois, estes apartamentos influenciaram o tema de discussão do segundo CIAM (WESTON, 2002).

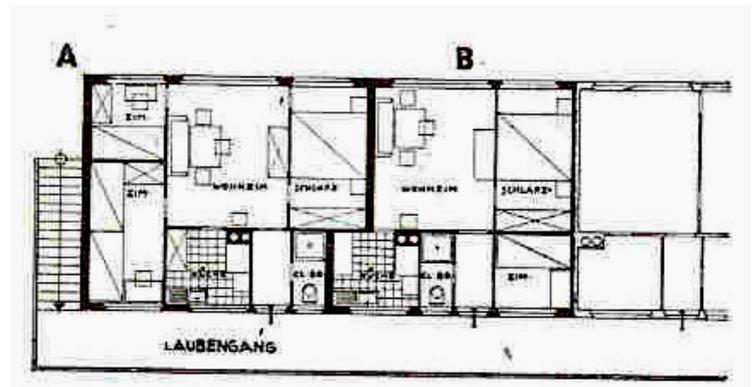
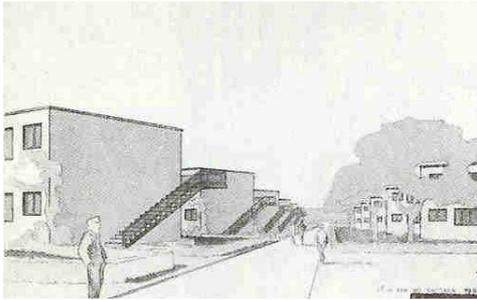


Ilustração 02: Conjunto Habitacional construído em Warschau, Alemanha, em 1928. Apartamentos *Existenzminimum*. Fonte: AYMUNINO, 1973.

A Alemanha foi o berço de muitos arquitetos da vanguarda modernista, entre eles, Ernst May, Walter Gropius, Mies van der Rohe e Bruno Taut⁵. Em 1927, o Werkbund- associação alemã fundada em 1907 que divulgava idéias de arte e design– organizou a exposição *Weissenhofsiedlung*⁶ em Stuttgart com o objetivo de apresentar a nova arquitetura ao público alemão, coordenada por Mies Van der Rohe. Dezesete arquitetos modernistas europeus apresentaram suas idéias para habitação, entre eles Le Corbusier e Gropius (WESTON, 2002).



Ilustração 03: Propaganda da exposição Weissenhofsiedlung. Fonte: WESTON, 2002.

⁵ Bruno Taut (1880-1932) estudou em Berlim e em 1921 assumiu a posição de arquiteto da cidade de Berlim, sendo sua obra conhecida por trabalhar com o Expressionismo.

⁶ Nome dado à exposição que significa o loteamento em Weissenhof (Weissenhof= fazenda branca, siedlung= loteamento).

Frampton (1997) considera que esta exposição foi a primeira manifestação internacional do modo de construir usando o branco, com volumes prismáticos e cobertura horizontal, que em 1932, durante uma exposição no Museu de Arte Moderna de Nova York – MoMa, passou a ser identificado como Estilo Internacional. Esta exposição tinha como nome *The International Style: architecture since 1922* e os organizadores foram os arquitetos Henry- Russel Hitchcock e Philip Johnson⁷ que usaram o termo Estilo Internacional no catálogo da mesma, impondo três condições para os novos edifícios: volume simples, regularidade e recusa de ornamentos.

Embora existissem particularidades no modo de projetar de cada arquiteto modernista, a fundamentação teórica era semelhante, fato este que contribuiu para a identificação dos pensadores modernistas como representantes de um estilo, o Internacional. Curiosamente, embora houvesse uma negação dos estilos por parte dos profissionais modernistas, a nova arquitetura, ficou popularmente conhecida como um novo estilo.

O tema preferido dos arquitetos da vanguarda modernista européia era a habitação. As discussões tratavam de como deveria ser a nova casa, dos planos habitacionais e de como deveria acontecer a construção voltada à indústria. Embora tratassem principalmente de habitação coletiva, foi através dos projetos arquitetônicos de residências unifamiliares, geralmente para classe média, que estes arquitetos puderam experimentar suas idéias, aplicando a nova linguagem modernista, sedimentando um conceito de arquitetura funcional.

1.3.2 ARQUITETURA MODERNISTA INTERNACIONAL: A CASA

O advento da arquitetura moderna representou, além de uma nova linguagem arquitetônica, uma grande ruptura metodológica no processo do projeto. Levando em consideração que o edifício é o conjunto de vários subsistemas (estrutura, esquadrias, divisões internas), no classicismo, “os subsistemas convergem e se confundem com a estrutura formal, em geral materializando-se por meio de espessas alvenarias de tijolo ou pedra”. Na arquitetura moderna há o abandono da imitação no procedimento projetual devido à independência dos subsistemas que passam a ser concebidos separadamente (MAHFUZ, 2002).

⁷ Ambos arquitetos são norte-americanos. Henry- Russel Hitchcock (1903-1987) é conhecido por ser historicista, tratando da arquitetura moderna em suas obras, e Philip Johnson (1906-2005) foi um dos maiores defensores da arquitetura racionalista alemã em solo americano.

As primeiras casas cujos projetos não apresentavam mais as influências da escola clássica datam dos primeiros anos do século XX. Estes projetos foram idealizados por arquitetos de vanguarda, que passaram a buscar novos caminhos que levassem a uma arquitetura adequada à sociedade industrial. A industrialização trouxe mudanças que refletiram na estrutura e costumes familiares.

(...) com o movimento moderno, surgem vários estudos encaminhados a compreender que a obra de arquitetura não seria um organismo com vida própria, havendo uma relação de dependência com o ser que a habita. O edifício passa a ser entendido como estrutura reflexiva, alimentada pelos incessantes impulsos sociais (MIGUEL, 2004, p.15).

Em 1908, o arquiteto vienense Adolf Loos escreveu um ensaio intitulado “Ornamento e Crime”. Neste ensaio, execrava o ornamento na arquitetura, bem como na decoração de interiores, por serem arcaicos e desnecessários para a sociedade moderna e industrial. Começou a projetar mansões que se destacavam externamente pelas paredes brancas, lisas e sem ornamentação, telhados planos sem cornijas e janelas retangulares. Entretanto, ao mesmo tempo em que se opunha à ornamentação, os interiores destas casas não refletiam o exterior (RYBCZYNSKI, 2002, p. 207).



Ilustração 04: Casa Horner, Viena, Áustria, 1912, Adolf Loos. Ilustração 05: Casa Müller, Praga, República Checa, 1930, Adolf Loos. Fonte: WESTON, 2002.

A casa Moderna, com M maiúsculo, aparecia no continente europeu por volta de 1920, estendendo-se depois, rapidamente, ao resto do mundo. Exteriormente, as paredes planas e destituídas de ornamentos eram rasgadas por grandes áreas envidraçadas. No interior, a compartimentação isolada daria lugar ao espaço contínuo e fluido, tornado possível pela estrutura independente. A “planta livre” resultante refletia os novos modos de vida, acabando com as antigas hierarquias sociais e reduzindo o número de serviços (WESTON, 2002, p. 34).

Em 1909, o arquiteto norte-americano Frank Lloyd Wright projeta a *Robie House*, considerada a primeira casa modernista e localizada no sul de Chicago, EUA. Esta casa é identificada pela horizontalidade, marcada pelo embasamento de pedra, pelos grandes beirais e pelo tijolo aparente das

fachadas. O arquiteto fez uso do aço para fazer o balanço dos telhados, sem deixá-lo a vista, por considerar a exposição da estrutura uma “exposição indecente”, embora tivesse a convicção de que era necessário construir segundo a natureza dos materiais (WESTON, 2002, p. 35).



Ilustração 06: Casa Robie House, Illinois, EUA, 1909. Fonte: <<http://www.columbia.edu>>. Acesso em: maio de 2005.

A Casa Robie foi apelidada pelos críticos de “barco de pradaria” e por Neil Levine, considerado um dos mais polêmicos intérpretes da obra de Wright, comparada com o Cubismo Analítico, de Picasso. Levine afirmava que da mesma forma que os artistas citados fragmentaram as figuras em planos que se interceptam e sobrepunham, Wright submeteu a imagem tradicional da casa a uma série de transformações. Segundo Weston, Wright “reinventou a habitação segundo uma série de planos abstratos que definiam formas geométricas em alturas distintas, anulando as diferenças tradicionais entre paredes e janelas, dentro e fora” e concebeu a primeira casa moderna “onde o espaço não apenas se afirma como principal meio de composição, mas também as formas exteriores deixam transparecer o interior”. Wright concebe uma arquitetura que foi classificada como orgânica, em oposição à racionalista, dos mestres alemães e de Le Corbusier. Ambas correntes eram partidárias da tecnologia, da planta livre e da criação de uma continuidade espacial - fruto da visão cubista-; porém, apresentavam finalidades plásticas diferentes. Nos projetos influenciados pela corrente organicista, havia uma preocupação com a diluição da arquitetura na paisagem, portanto, materiais tradicionais como a pedra, a madeira, a telha e o tijolo eram usados em projetos que rejeitavam o modelo e a estrutura modular, dando primazia para a concepção do interior – a distribuição dos ambientes definiria o volume e, conseqüentemente, a forma. A corrente racionalista prezava pela simplicidade formal, fazendo uso de materiais industrializados como o concreto, o aço e o vidro; e adotando padrões e a estrutura modulada (BRUAND, 1981, p. 270).

Le Corbusier foi o arquiteto com maior destaque entre os racionalistas, talvez porque além de arquiteto e artista, ele era também escritor. Sua obra escrita tornou-se mundialmente conhecida pela clareza e

objetividade com que dissertava sobre as idéias que defendia, sistematizando-as e transformando-as em elementos formais para serem aplicados nos projetos.

Escreveu muitos artigos, geralmente em tom irônico, criticando a estagnação das escolas de arquitetura no início do século XX. Em 1923 publica o livro *Vers une Architecture*, uma coletânea de alguns de seus artigos – manifesto, editada em português com o nome “Por uma Arquitetura”. Num contexto de pós-guerra, escreve que para reconstruir a Europa, uma arquitetura ligada à realidade industrial se fazia necessária, assim, poder-se-ia atender à demanda populacional, garantindo baixo preço e alta qualidade.

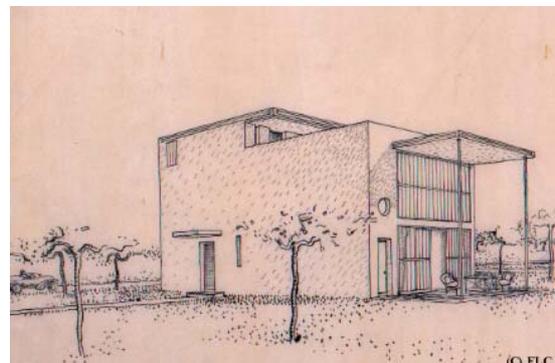
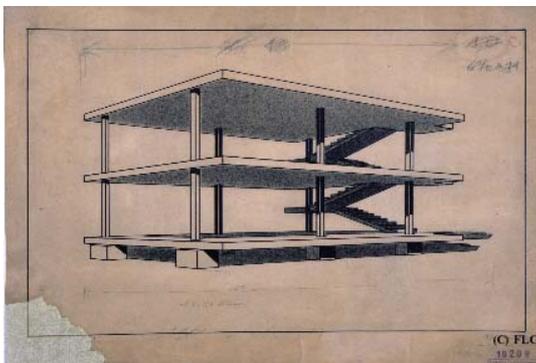


Ilustração 07: sistema Dom-ino, 1914, e casa Citrohan, 1921, Le Corbusier.

Fonte: <<http://www.fondationlecorbusier.asso.fr>>. Acesso em: janeiro de 2006.

A casa para Le Corbusier era um abrigo contra o calor, o frio, a chuva, os ladrões e os indiscretos; um receptáculo de luz e de sol, com certo número de compartimentos. Deveria ter um cômodo para cozinhar, um para comer, um para trabalhar, um para se lavar e um para dormir. Devia ser tratada como uma máquina, a “máquina de morar”, respondendo às reais necessidades da família e não mais aos caprichos culturais da velha tradição. O projeto deveria ser simples, suprimindo as necessidades básicas da família e lhe oferecendo conforto térmico, acústico e lumínico. A divisão da casa deveria acontecer em função das atividades, cada espaço com sua determinada função (LE CORBUSIER, 1973).

Na Exposição *Weissenhof*, já citada, Le Corbusier publica o livro *Five Points of a New Architecture*, os cinco pontos da nova arquitetura. Segundo Maciel (2002), estes cinco pontos orientaram de modo parcial a concepção das primeiras casas de Le Corbusier, “especialmente na definição de um repertório formal que se adequasse às novas possibilidades tecnológicas recém surgidas, especialmente a impermeabilização e o concreto armado”. Os cinco pontos são os seguintes:

- 1- **Pilotis**, liberando o edifício do solo e tornando público o uso deste espaço antes ocupado, permitindo inclusive a circulação de automóveis;
- 2- **Terraço Jardim**, transformando as coberturas em terraços habitáveis, em contraposição aos telhados inclinados das construções tradicionais;
- 3- **Planta livre**, resultado direto da independência entre estruturas e vedações, possibilitando maior diversidade dos espaços internos, bem como mais flexibilidade na articulação;
- 4- **Fachada livre**, também permitida pela separação entre estrutura e vedação, possibilitando a máxima abertura das paredes externas em vidro, em contraposição às maciças alvenarias que outrora recebiam todos os esforços estruturais dos edifícios;
- 5- **A janela em fita**, ou *fenêtre en longueur*, também consequência da independência entre estrutura e vedações, se trata de aberturas longilíneas que cortam toda a extensão do edifício, permitindo iluminação mais uniforme e vistas panorâmicas do exterior (MACIEL, 2002).

Foi no projeto da *Villa Savoye* (1928-1929) que Le Corbusier aplicou integralmente os cinco pontos, sendo esta obra considerada uma síntese de seu pensamento modernista.



Ilustração 08: Villa Savoye, França, 1928. Fonte: <<http://www.images.google.com.br>>. Acesso em: janeiro de 2006.

A casa se destaca pela massa sobre pilotis e pelas fachadas uniformes. O projeto explora ao máximo o conceito de planta - livre, definindo nichos, armários e compartimentos. O concreto armado foi usado na estrutura. As janelas em fita contrastam com as paredes em alvenaria pintada de branco e no interior, uma grande rampa é a circulação principal, permitindo ao usuário um passeio minucioso pela casa (MACIEL, 2002).

Embora Le Corbusier tenha apresentado os cinco pontos como requisitos da arquitetura moderna, constitui-se apenas em um dos repertórios formais possíveis. Fato este exemplificado pelo próprio arquiteto quando projeta a Casa Errazuriz (1930) no Chile, optando por materiais existentes no local (pedra, madeira e telha). Segundo o arquiteto a rusticidade dos materiais não era impedimento para um projeto modernista (MACIEL, 2002).

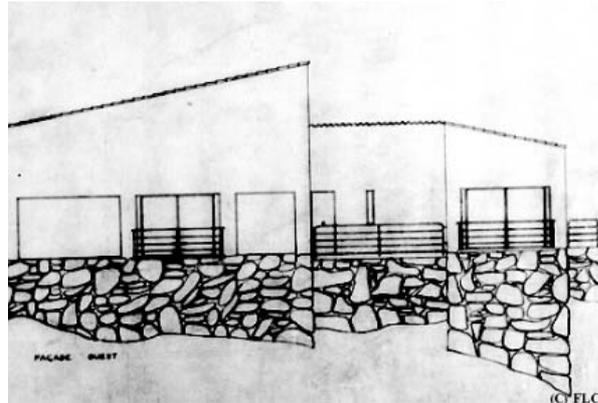


Ilustração 09: Villa Errazuriz, Chile, 1930. Fonte: <<http://www.foundationlecorbusier.asso.fr>>. Acesso em: janeiro de 2006.

Outros arquitetos projetaram casas, sob preceitos racionalistas, que se tornaram referências modernas pelas inovações que trouxeram. Gerrit Ritveld projetou a Casa *Schoröder*, na Holanda, em 1924, quando ainda era estudante. Esta casa se destaca pelo jogo de cores, pelos largos peitoris e principalmente por seu interior cujo mobiliário foi pensado totalmente integrado à construção. Mies van der Rohe em 1945 faz o projeto da Casa *Farnsworth*, popularmente conhecida como “casa de vidro”. A residência destaca-se pela transparência dos grandes planos de vidro; pela fluidez dos espaços e pela ilusão de que o edifício está flutuando acima do solo.



Ilustração 10: Casa Schoröder, Holanda, 1924, Gerrit Ritveld; e Casa Farnsworth, EUA, 1945, Mies van der Rohe. Fonte: <<http://www.artehistoria.com>>. Acesso em: maio de 2005.

O arquiteto europeu de maior influência no Brasil foi Le Corbusier e suas idéias chegaram ao país ainda na década de 20. Arquitetos da vanguarda modernista brasileira aderiram aos preceitos da nova arquitetura, adequando-os à realidade nacional. O resultado desta adequação foi uma arquitetura única, tipicamente nacional, que já na década de quarenta tornou-se referência mundial.

1.3.3 ARQUITETURA MODERNISTA BRASILEIRA: A CASA

1.3.3.1 Primeiras Manifestações

No início da década de 20 o movimento Neocolonial brasileiro se destacava na arquitetura como contestador do domínio, principalmente econômico, das nações industrializadas sobre as nações agrícolas, fornecedoras de matéria-prima. Os arquitetos neocoloniais buscavam soluções na arquitetura vernacular, desenvolvida ao longo dos séculos anteriores, cuja linguagem adequava-se às condições de cada região. Embora houvesse muito entusiasmo e idealização por parte destes profissionais, faltava a compreensão da arquitetura como fato cultural, espelho de seu tempo, havendo uma desconsideração das profundas transformações trazidas pela indústria, discutidas intensamente na Europa (XAVIER et al, 1991, p. 18).

Ainda na década de 20, aconteceram as primeiras manifestações influenciadas pelas discussões modernistas que ocorriam na Europa. Em 1925 duas publicações foram feitas em jornais locais por Rino Levi e Gregori Warchavchik. Ambas tratavam de temas comuns como a praticidade e a economia na arquitetura, a redução dos elementos decorativos ao mínimo e a necessidade do arquiteto ser artista e técnico (BRUAND, 1981, p. 65).

Levi era estudante de arquitetura em Roma quando enviou uma carta para o jornal “O Estado de S. Paulo” com o título: “A Arquitetura e a Estética das Cidades”. Nesta, destacava a realidade moderna chamando a atenção para utilização de novos materiais. Warchavchik, arquiteto russo emigrado para o Brasil, publicou no “Correio da Manhã” do Rio de Janeiro um artigo intitulado “Acerca da Arquitetura Moderna” que já havia sido publicado na Itália, sob o título “Futurismo?”. Neste fazia uma apologia à racionalidade, trazida pela indústria, e criticava o uso estilos arquitetônicos do passado. (SEGAWA, 2002, p.44).

Warchavchik projeta sua própria casa em 1928, conhecida como a primeira casa moderna da cidade de São Paulo. As formas elementares, o uso do ângulo reto, a regularidade do conjunto e dos detalhes na planta e na elevação eram reflexos dos projetos de Le Corbusier. Porém, as inovações se limitaram ao plano estético (BRUAND, 1981, p. 67). Era uma casa executada em alvenaria de tijolos revestidos, onde não foi usado concreto armado nem componentes pré-fabricados ainda não disponíveis na época. Nas obras posteriores do arquiteto já era possível encontrar concreto armado, soluções como os

terraços nas coberturas (sem jardins) e volumetrias racionalistas. Em 1929 o arquiteto foi convidado por Le Corbusier para ser delegado para a América Latina do CIAM e no início dos anos 30 inseriu o Brasil no mapa da arquitetura moderna mundial, fato este que tornou Warchavchik conhecido historicamente como o responsável pela introdução da arquitetura moderna no Brasil (SEGAWA, 2002, pp.46-54).



Ilustração 11: Casa na rua Santa Cruz, São Paulo, 1928, Warchavchik. Fonte: <<http://www.vitruvius.com.br>>. Acesso em: maio de 2005.

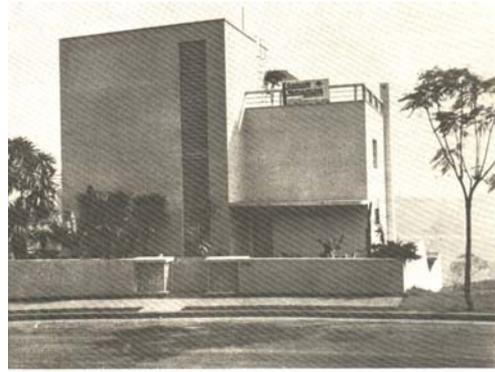


Ilustração 12: Casa na rua Bahia, São Paulo, 1930, Warchavchik. Fonte: XAVIER, 1983.

Em outubro de 1920 Le Corbusier e Ozenfant lançam o primeiro número da revista *L' Esprit Nouveau*, publicada até 1925, que trazia artigos sobre a nova arquitetura. Até 1922, onze brasileiros constavam na lista de assinantes da revista. Em 1929 Le Corbusier fez conferências em Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo, fundamentais para a disseminação das idéias corbusianas na América do Sul (SEGAWA, 2002, p.77).

A Revolução de 30 marcou o fim da República Velha e a ascensão de Getúlio Vargas. Houve muitas reformas neste governo, entre elas, a nomeação do jovem Lucio Costa em outubro de 1930 para a direção da Escola de Belas-Artes (ENBA), no Rio de Janeiro, que incluiu no quadro docente Warchavchik, Reidy e o arquiteto belga Alexander Buddeus. Esta experiência inovadora durou até 1931 quando Costa foi dispensado e em decorrência disto, houve uma greve de estudantes em favor de sua permanência, apoiada inclusive por Wright que se encontrava na cidade na ocasião (SEGAWA, 2002, p.78).

O episódio do concurso para o edifício-sede do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, em 1935, marcado pelo convite feito a Lúcio Costa pelo ministro Gustavo Capanema para realizar o projeto, embora o arquiteto Arquimedes Memória tenha sido o vencedor do concurso, gerou muitas polêmicas, mas consolidou o trabalho de Lucio Costa que formou uma equipe de "jovens modernistas" formada por Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira, Ernani Vasconcelos e Niemeyer, que puderam contar com o assessoramento de Le Corbusier junto ao projeto (XAVIER et al, 1991, p. 21).

1.3.3.2 A Arquitetura da Capital Federal: Rio de Janeiro

Na década de 40 se deu a consolidação de uma arquitetura moderna, tipicamente brasileira, feita por arquitetos da então Capital Federal, que devido à linguagem da arquitetura que faziam, ficaram rapidamente conhecidos como membros da “escola carioca”. Lucio Costa é, sem dúvida, o personagem principal desta arquitetura.

Costa buscou na arquitetura mineira do século XVIII inspiração para a nova arquitetura colocando em evidência duas tendências. A primeira era uma vontade de progredir, de romper com o passado e a segunda, era um apego sentimental e racional a esse passado, especialmente da época colonial. A nova arquitetura moderna brasileira vai refletir estas duas tendências, mostrando preocupações revolucionárias e, ao mesmo tempo, nacionalistas (BRUAND, 1981).

Não foram muitos os projetos residenciais de Lucio Costa, mas todos podem ser consideradas exemplares conceituais autênticos da arquitetura moderna brasileira. São elementos formais desta arquitetura: telhado em águas com telhas coloniais; grandes beirais, usados para proteção do sol e da chuva; treliças de madeira (protegendo do sol e garantindo intimidade), como os muxarabis; venezianas; varanda que corre ao longo de todo o andar; pátio interno (mediterrâneo); elementos vazados de concreto; murais artísticos (aproximação do artista com o arquiteto); superfícies nas fachadas diferenciadas (cerâmica, pedra, tijolo); entre outros.



Ilustração 13: Casa Argemiro Hungria Machado, Rio de Janeiro, 1942, Lucio Costa. Fonte: MINDLIN, 2000.

Outros arquitetos como Carlos Leão, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Sergio Bernardes e os irmãos M.M.M. Roberto, entre outros, foram responsáveis pela consolidação da arquitetura moderna brasileira que segundo Mahfuz (2002), apropria-se de procedimentos importados, transformando-os, adaptando-os e tornando autêntica a produção local. Consegue abstrair valores da arquitetura

tradicional, apresentando raízes históricas devido ao aproveitamento da substância dos precedentes históricos ao invés da sua aparência.



Ilustração 14: Casa George Hime, Rio de Janeiro, 1949, arquiteto Henrique Mindlin. Fonte: MINDLIN, 2000.



Ilustração 15: Casa Guilherme Brandi, Rio de Janeiro, 1952, arquiteto Sérgio Bernardes. Fonte: MINDLIN, 2000.



Ilustração 16: Casa de Canoas, Rio de Janeiro, 1953, arquiteto Oscar Niemeyer. Fonte: MINDLIN, 2000.



Ilustração 17: Casa Geraldo Baptista, Rio de Janeiro, 1954, arquiteto Olavo Redig. Fonte: MINDLIN, 2000.

Em 1938, Lucio Costa e Niemeyer projetam o Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Nova York, com muita repercussão, porém, foi em 1938, com a exposição *Brazil Builds* no MoMa de Nova York, que a arquitetura nacional ganhou repercussão mundial. O arquiteto Philip Goodwin organizou a exposição, que circulou também no Brasil através de um catálogo de 200 páginas, e separou as obras em antigas e modernas. Esta ordenação destacava a relação entre tradição e modernidade no discurso dos arquitetos cariocas (SEGAWA, 2004. p.100).



Ilustração 18: Pavilhão do Brasil em NY, EUA, 1938. Fonte: <<http://www.vitruvius.com.br>>. Acesso em: janeiro de 2006.

A condição de Capital Federal fazia do Rio de Janeiro o centro emissor de cultura, conseqüentemente, a produção arquitetônica carioca foi absorvida como imagem da arquitetura moderna no Brasil. Porém, em São Paulo outros caminhos estavam sendo traçados por arquitetos pioneiros como Warchavchik, Rino Levi, Flávio de Carvalho e Vilanova Artigas, em busca de uma linguagem própria e diferenciada como expressão (XAVIER et al, 1991, p. 24).

1.3.3.3 Arquitetura Moderna em São Paulo

A arquitetura moderna em São Paulo na década de 30 era representada por poucos exemplares. Estes, geralmente habitacionais, foram construídos isoladamente para uma clientela restrita. Até meados da década de 40, Wright era fonte de inspiração para os paulistas. No início da década de 50, com a expectativa da mudança da Capital Federal para Brasília, o Rio foi perdendo sua característica de centro difusor e São Paulo estava crescendo. Além da abertura de museus e a fundação da Bienal, ocorreu, em 1947, a abertura da Faculdade de Arquitetura Mackenzie e em 1948, a abertura da FAU/USP (ACAYABA, 1986).

Segundo Acayaba (1986), “a adoção dos cinco postulados de Le Corbusier favoreceu a consolidação da linguagem moderna na arquitetura doméstica” na década de 50, mas, foi somente nos anos 60 que a “arte bruta” de Le Corbusier propiciou aos arquitetos paulistas o desenvolvimento de uma expressão própria (ACAYABA, 1986).

Rino Levi se formou arquiteto no ano de 1926 em Roma e trouxe para o Brasil princípios da arquitetura moderna racionalista européia, revelados na sua arquitetura junto com uma preocupação com aspectos construtivos e com soluções adequadas ao clima. Seus projetos de residência são elegantes e introvertidos. Os pátios internos remetem aos pátios mediterrâneos e propiciam continuidade espacial e controle de luminosidade ao mesmo tempo em que trazem a presença da natureza para o interior da casa. Esta solução projetual, de pátios, garantia melhor aproveitamento do lote urbano, geralmente pequeno, e maior privacidade à família. O arquiteto usava materiais artificiais contemporâneos como a telha ondulada de fibrocimento e elementos vazados de concreto; *brise-soleil* e também mobiliário como divisão interna (BRUAND, 1981, pp. 273-281).



Ilustração 19: Casa do arquiteto, 1946, arquiteto Rino Levi. Fonte: MINDLIN, 2000.

João Batista Vilanova Artigas formou-se engenheiro-arquiteto em 1937, na Escola Politécnica, e nas suas primeiras casas mostrou influência da corrente organicista. A partir de 1945, seus projetos passam a seguir a corrente racionalista, já praticada no Rio de Janeiro, mas no início dos anos 50 adota uma postura de contestação, entre organicismo e racionalismo, que segundo o arquiteto são opostas em termos teóricos. “A obra de Vilanova Artigas é permeada por essa oposição ou mesmo se distingue pelo desejo de sua superação, resolvendo-se esteticamente em forma de tensão” (ACAYABA, 1986, p.17).



Ilustração 20: Casa do arquiteto, 1942, arquiteto Vilanova Artigas. Fonte: ACAYABA, 1986.



Ilustração 21: Casa do arquiteto, 1943, arquiteto Vilanova Artigas. Fonte: ACAYABA, 1986.



Ilustração 22: Casa do arquiteto, 1949, arquiteto Vilanova Artigas. Fonte: MINDLIN, 2000.



Ilustração 23: Casa do arquiteto, 1956, arquiteto Vilanova Artigas. Fonte: XAVIER, 1983.

Merecem destaque também as casas de Forte, engenheiro-arquiteto, formado pela Escola de Engenharia Mackenzie em 1939. Teve como mestre Rino Levi, com quem descobriu que o caráter da arquitetura está no detalhe, entretanto, anos depois, conheceu a obra de Wright quando frequentou o ateliê do arquiteto, estudando as *Prairie Houses*. No universo do projeto de casas, lembrava sempre que a casa não era sua, mas do cliente e, além disso, acreditava que cada projeto era singular, dependendo do terreno, do programa e do arquiteto. Projetou casas, assim como Levi, muito adequadas aos materiais tradicionais existentes no mercado (ACAYABA, 1986, p.18).



Ilustração 24: Casa do arquiteto, 1948, Miguel Forte. Fonte: XAVIER, 1983.



Ilustração 25: Casa na Av. Brasil, 1953, Miguel Forte. Fonte: <<http://www.vitruvius.com.br>>. Acesso em: janeiro de 2006.

Oswaldo Bratke formou-se também no Mackenzie, em 1930, e até 45, construiu mais de quatrocentas casas, lidando com os operários, os materiais de construção disponíveis no mercado e com a produção da obra. Encerrou suas atividades como construtor e começou a projetar, segundo uma linguagem moderna. Projetava sob o conceito da “planta binuclear” onde a casa era dividida em “zona diurna” (estar, jantar e cozinha) e “zona noturna” (dormitórios) e os espaços externos entre os volumes, assim organizados, eram tratados como pátios, com espelhos d’água sombreados por pérgulas. Estes pátios garantiam uma continuidade visual, mas não se ligavam com os espaços internos. Usava materiais fornecidos pela indústria como elementos vazados nas varandas, tijolos nas alvenarias, cerâmicas vitrificadas e madeira nos pisos e fachadas e coberturas planas (ACAYABA, 1986, p.19).



Ilustração 26: Casa do arquiteto, 1953, Oswaldo Bratke. Fonte: MINDLIN, 2000.

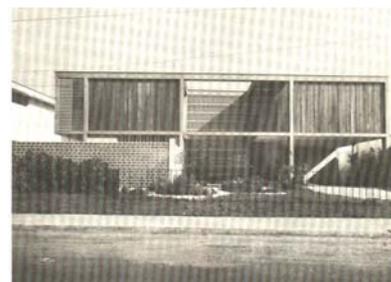


Ilustração 27: Casa Benjamin Fleider, 1956, Oswaldo Bratke. Fonte: XAVIER, 1983.

A produção arquitetônica do Rio de Janeiro e de São Paulo repercutiu em todo país, influenciando profissionais a buscarem uma linguagem moderna de projeto.

A repercussão internacional da moderna arquitetura brasileira representou, no plano doméstico, uma legitimação e um reconhecimento social inéditos para uma categoria e para uma prática profissional, até então visível como uma derivação da engenharia ou apenas uma atividade artística associada à construção. Elementos formais dessa arquitetura de prestígio foram apropriados como modismo, quer por construtores populares (às vezes com ingênua elegância), quer por engenheiros, tão ciosos quanto ignorantes do conteúdo arquitetônico por trás dessas formas. O extremo dessa situação foi o açambarcamento grosseiro de soluções formais “modernas” por anódinas construções patrocinadas pela especulação imobiliária oportunista. Cidades em todo Brasil que expandiam seus limites urbanos nos anos 1950-1960 formaram verdadeiros repositórios dessa arquitetura imitativa – às vezes, alcançando resultados agradáveis ou, no mínimo, toleráveis (SEGAWA, 220, p.129).

Na Ilha de Santa Catarina, em algumas casas construídas nos anos 50 e 60, é possível verificar esta repercussão da arquitetura moderna em muitos elementos de projeto, embora em algumas edificações esta linguagem modernista esteja limitada à fachada.

1.3.4 CASA MODERNA X CASA TRADICIONAL

Com o início da Primeira Guerra Mundial as importações vindas da Europa diminuíram drasticamente, afetando a construção civil, conseqüentemente, a arquitetura eclética que era feita tradicionalmente com materiais importados, entrou em declínio. A busca por matérias primas locais para construção iniciou-se, juntamente com a abertura de mercado para os Estados Unidos da América que começaram exportar para o Brasil mobiliários e objetos de decoração para casa, fato este que pode ser constatado pela adoção de termos para ambientes da casa como *living* e *hall*.

O Neocolonial apareceu como um estilo arquitetônico novo, voltado à realidade nacional, que trouxe novamente para as construções elementos como os largos beirais, os frontões curvos, as treliças, os painéis de azulejos, entre outros (LE MOS, 1996). Este estilo arquitetônico foi considerado por muitos arquitetos uma maneira de exaltar a cultura brasileira já que foi buscar no Brasil colonial inspiração para um novo arranjo arquitetônico que em pouco tempo tornou-se moda em muitas cidades brasileiras.

A casa neocolonial foi muito ligada à moradia de inspiração francesa quanto à sua planta, ao seu sistema de circulação e ao seu zoneamento. Sendo invariavelmente isolada das divisas, perpetuou as passagens laterais para automóveis e os vestíbulos em seus flancos (LEMOS, 1996, p.66).

O Art-deco, a partir da década de 30, apareceu como uma outra linguagem arquitetônica caracterizada pela busca de integração com as artes. Embora exteriormente a volumetria pura das edificações era uma grande inovação, interiormente, as casas continuavam excessivamente compartimentadas, como as casas feitas até então. A década de 30 e, principalmente, 40 foram marcadas por intensa industrialização que trouxe para dentro da casa uma modernização que exigiu, aos poucos, alterações dos espaços tradicionais. O aparecimento de eletrodomésticos como os refrigeradores e os liquidificadores, nos anos 40, e a máquina de lavar, nos anos 50, mudou consideravelmente o cotidiano de muitas famílias que podiam pagar por estes caprichos.

O modernismo chegou à arquitetura brasileira no final da década de 20 e a casa moderna apareceu para atender as novas necessidades da família da sociedade industrial. Além das inovações estéticas relacionadas à forma, mais pura e sem ornamentos, a casa moderna trouxe uma nova distribuição de ambientes que implicou em novos hábitos, como por exemplo, a convivência num grande espaço de estar. A casa tradicional, com suas paredes auto-portantes, foi aos poucos sendo substituída pela casa feita com estrutura de concreto armado (LEMOS, 1996).

Novas idéias relativas ao conforto e normas de convívio foram colocadas em prática na casa moderna, aliadas ao progresso das técnicas construtivas. Quanto aos ambientes, ocorreu um desuso de alguns ambientes e a superposição de atividades em outros, como é o caso da copa, considerada desde a década de 20 uma área de estar importante para a família, e que foi perdendo a importância aos poucos e desaparecendo das casas. A sala de visitas e a de jantar, por exemplo, que na casa tradicional aconteciam separadamente, sendo a primeira usada somente em ocasiões especiais, na casa moderna aparecem em um único ambiente que conforma a zona de estar e lazer da família (LEMOS, 1996).

Nas casas que apresentam linguagem moderna em Florianópolis podem ser encontrados ambientes tradicionais como a copa, junto à cozinha, e a edícula, geralmente no fundo do terreno e composta pela lavanderia e pela dependência de empregada. Porém, há claramente uma inovação quanto à distribuição de ambientes, distribuídos segundo sua função (social, íntimo e serviço). A sala de visitas aparece integrada com a de jantar, juntas conformam o ambiente de convívio e lazer mais importante da casa.

O hall, ambiente intermediário entre a casa e a rua, é encontrado em muitas casas. Este ambiente, além de receber o visitante que não invade visualmente o espaço domiciliar, também traz o acesso para o escritório ou biblioteca. Outro ambiente muito encontrado é o pátio interno, esse está integrado fisicamente com a zona de estar e traz referências paisagísticas para o interior da moradia.

No setor íntimo as grandes inovações encontradas são a suíte do casal, a suíte do casal com closet, o banheiro compartimentado, a rouparia na circulação e as divisórias entre quartos, feitas geralmente pelos armários. Outros princípios modernistas de projeto merecem destaque, como, por exemplo: a busca pelas formas puras e volumes simples; a racionalização do sistema construtivo; a valorização dos materiais industrialização; as grandes aberturas com vidro e as superfícies nas fachadas revestidas com diversos materiais (madeira, cerâmica, tijolo, pedra).

1.3.5 DECLÍNIO DA ARQUITETURA MODERNA E A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DO ESTADO

A produção arquitetônica modernista brasileira foi referência mundial e teve seu período áureo entre 1930 e 1960, coincidindo seu término com a construção de Brasília. Mahfuz (2002) sugere razões externas, relacionadas com o mundo no qual a prática da arquitetura estava inserida, e outras internas à própria disciplina, que diz respeito às práticas e ao pensamento dos próprios arquitetos, para este declínio.

Como fatores externos, cita o declínio do patronato estatal e o fenômeno da globalização. O declínio da qualidade na arquitetura coincide com o declínio do patronato, porém, isto não significa que toda boa arquitetura precisa do amparo do Estado e que nem toda produção arquitetônica estatal seja de alta qualidade. Entretanto, “é fato incontestável que a melhor produção coletiva já realizada no Brasil respondia a um grande número de encargos públicos e de parte de instituições para as quais a arquitetura ia muito além do seu valor comercial” (MAHFUZ, 2002).

A globalização e ascensão dos EUA como modelo cultural refletiu na arquitetura: “a influência americana representou a importação de uma arquitetura estilizada, erroneamente caracterizada como moderna”. Tal fenômeno gerou uma arquitetura simplificada em relação à arquitetura moderna, principalmente quanto ao seu conteúdo social porque era feita para responder à construção comercial, transformando-se “em estilo o que era um modo de conceber a forma arquitetônica” (MAHFUZ, 2002).

Ainda segundo o autor, um dos fatores principais que determinou o abandono da arquitetura moderna no Brasil foi o desconhecimento do que significava essa arquitetura e quais eram seus reais valores, por parte das novas gerações de arquitetos. Há uma dificuldade do arquiteto em considerar a arquitetura como produção intelectual, logo, o conhecimento disciplinar só era transmitido de maneira não explícita, no contato direto com os profissionais. A arquitetura moderna constituía um sistema formalizador completo, um guia para o projeto, fato este que permitiu a muitos profissionais gerarem produtos de qualidade aceitável, embora apresentassem muitas vezes pouca capacidade.

Para ilustrar a importância do Estado como divulgador e patrocinador de uma boa arquitetura pode-se citar o exemplo dado pelo primeiro governo de Vargas, ainda na década de 30, quando o mesmo passa a intervir diretamente na questão habitacional, passando a considerar o provimento da habitação como serviço de utilidade pública, assegurando a cada família o direito à habitação. Uma nova fase de reflexão sobre o problema da moradia se inicia no Brasil. O provimento habitacional, garantindo a cada família sua casa própria, era considerado importante não só para o desenvolvimento industrial no país, mas também, como elemento de formação ideológica, política e moral do trabalhador, do homem novo (BONDUKI, 1998).

Nesta época, mesmo sendo governado por conservadores, o Brasil voltou-se às idéias da vanguarda modernista. Arquitetos e engenheiros que trabalhavam para instituições governamentais buscavam inspiração na Europa para propor projetos habitacionais que garantissem, além da diminuição do déficit habitacional, qualidade de vida aos moradores. Muitas instituições foram criadas no Brasil na década de 30, pioneiras quanto à aplicação e adequação de preceitos modernistas à realidade brasileira. Podemos citar os IAPs (Institutos de Aposentadorias e Pensões) em 1937 e as novas instituições de ensino que surgiram, como o Instituto de Engenharia e da Escola Livre de Sociologia e Política. Em 1931 aconteceu em São Paulo o I Congresso de Habitação e Lúcio Costa assumiu o comando da Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, todos acontecimentos importantes para a arquitetura moderna brasileira (BONDUKI, 1998).

No Brasil, paralelo à construção de prédios públicos, houve uma expressiva produção habitacional modernista de interesse social, de caráter público, tanto em qualidade quanto em quantidade, que infelizmente não é lembrada, salvo raras exceções como é o caso do Conjunto Residencial de Pedregulho, projetado pelo arquiteto Affonso Eduardo Reidy em 1947, e que apresenta uma série de elementos modernistas, como, por exemplo, área coletiva de serviços; espaço de recreação; elementos vazados; blocos laminares e serpenteados, entre outros. (BONDUKI, 1998).

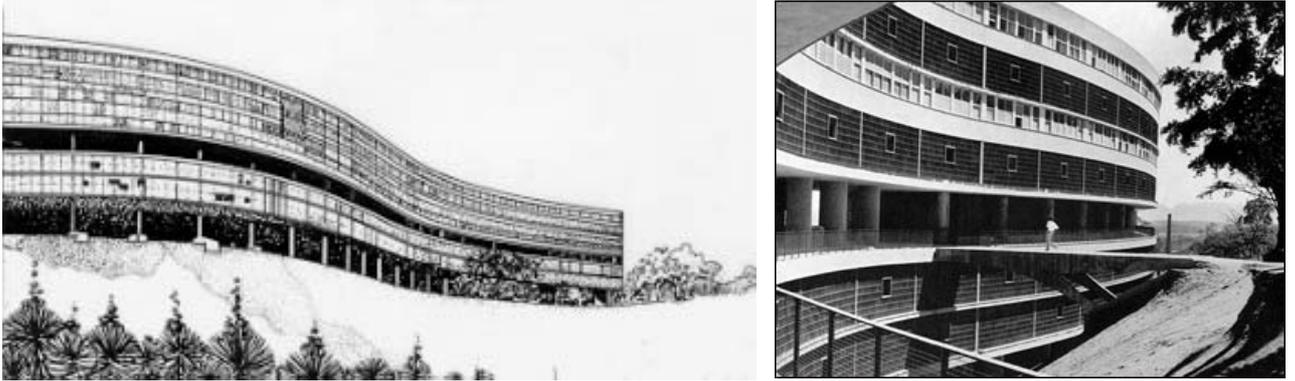


Ilustração 28: Conjunto Residencial de Pedregulho, 1947, arquiteto Affonso Eduardo Reidy.

Fonte: <<http://www.institutobardi.com.br>>. Acesso em: maio de 2005.

1.4 PERGUNTAS DA PESQUISA

Há algumas questões que norteiam a investigação e que esta pesquisa buscará responder:

1. Quais os princípios modernistas voltados à habitação?
2. Como a questão habitacional foi tratada pelos arquitetos modernos no Brasil?
3. Que elementos construtivos e compositivos marcam a arquitetura residencial modernista no Brasil?
4. Que arquitetura residencial modernista foi feita em Florianópolis?
5. Até que ponto as residências modernistas analisadas permanecem atuais?
6. Dentre as habitações analisadas, existe alguma que deveria ser indicada para preservação?

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 OBJETIVO GERAL

Identificar em que medida as idéias modernistas estiveram presentes na produção habitacional de Florianópolis, verificando a atualidade dos elementos construtivos e compositivos empregados em exemplares remanescentes identificados e inventariados, localizados no centro da cidade.

1.5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Resgatar os princípios modernistas para habitação;
2. Verificar como os princípios modernistas para habitação foram tratados e aplicados no Brasil;
3. Inventariar unidades habitacionais localizadas no centro de Florianópolis, cujos projetos apresentam características modernistas;
4. Verificar a atemporalidade destes princípios modernistas;
5. Recomendar a preservação histórica dos exemplares mais significativos.

1.6 DIFICULDADES ENCONTRADAS

Durante a pesquisa alguns assuntos pertinentes ao tema estudado foram tratados com uma atenção menor do que se pretendia inicialmente, como o detalhamento do sistema estrutural destas casas e as modificações feitas ao longo do tempo, devido aos seguintes motivos:

1. Dificuldade de acesso às casas;
2. Dificuldade de acesso à documentação de projeto, impossibilitando um estudo aprofundado da solução estrutural;
3. Incompatibilidade entre as plantas encontradas no setor público responsável - Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos, SUSP- e o que realmente foi construído;
4. Descaracterização dos projetos.

Para traçar um panorama mais abrangente da arquitetura residencial modernista realizada em Florianópolis seria necessário o registro de mais exemplares construídos pela cidade, porém, é importante destacar que o presente trabalho viabiliza uma avaliação consistente desta arquitetura realizada no município.

1.7 MÉTODOS E TÉCNICAS

Esta pesquisa dividiu-se em quatro partes:

1ª - Verificação do estado da arte – visa compreender quais os princípios modernistas para habitação, identificando métodos de concepção de projeto e elementos formais.

2ª - Levantamento de campo – visa reunir a maior quantidade de dados sobre as casas que permitem uma boa análise destas.

3ª - Organização dos dados levantando em campo e digitalização dos projetos arquitetônicos – visa selecionar as informações obtidas, definindo as que devem aparecer no trabalho e como devem se expostas.

4ª - Análise dos dados e conclusões – visa sistematizar o conjunto de informações obtidas de tal forma que as perguntas iniciais sejam respondidas pela pesquisa.

Para verificação do estado da arte foi utilizada a técnica da revisão bibliográfica. Informações sobre o que o movimento moderno propunha para habitação foram consultadas com o objetivo de identificar os princípios modernistas para o projeto habitacional, tanto no contexto internacional como no nacional.

É interessante destacar que salvo os CIAM, e alguns outros eventos, as idéias modernistas para a habitação são encontradas separadamente. Cada arquiteto trata a questão de maneira particular, embora a fundamentação teórica seja a mesma. Os conceitos modernistas que envolvem o projeto habitacional podem ser aplicados a diferentes tipologias, sendo assim, a abordagem teórica abrangeu os princípios para habitação, tendo como foco o projeto residencial unifamiliar.

Embora o contexto internacional seja de extrema importância, foi dada maior atenção à literatura que trata do Brasil. Tal fato se deu porque ao longo do trabalho houve compreensão da particularidade da arquitetura modernista brasileira e de sua importância como referência mundial. As informações foram buscadas, na sua maioria, em livros, porém, é importante destacar a internet, principalmente quanto ao acesso a artigos.

Com a finalidade de compreender como o movimento moderno chegou em Florianópolis, buscou-se compreender o contexto da cidade desde o início da década de XX. O material que trata da história de

Florianópolis é escasso e os que tratam do movimento moderno na Ilha se resumem a pouquíssimos exemplares.

No levantamento de campo foram usadas técnicas como a entrevista informal, o registro fotográfico, o levantamento físico-espacial e o levantamento dos projetos arquitetônicos junto à SUSP e/ou aos proprietários.

Um inventário preliminar de casas foi feito primeiramente identificando tipologia através de passeio realizado pelas ruas do centro, selecionando habitações que provavelmente teriam sido construídas durante as décadas em estudo. Foram levantadas mais de trinta residências e ficou evidenciado que um grande número destas encontrava-se agrupado em um local específico do bairro Centro, pode-se estabelecer assim este setor como de interesse para o trabalho.

Na SUSP, a localização dos projetos é feita facilmente quando em posse do nome do primeiro proprietário da casa. Pelo nome do logradouro a busca também pode ser feita, porém, como os números e alguns nomes de ruas mudaram, a localização do projeto fica difícil. O arquivo do município é bem organizado e as plantas são localizadas rapidamente, porém, é comum encontrá-las em estado precário de conservação, devido às condições em que são guardadas, num ambiente sem condições adequadas para arquivar documentos que, muitas vezes, são de importância histórica para o município.

Neste primeiro levantamento, foi possível perceber que embora tivessem ocorrido eventuais mudanças de uso (de residencial para serviço, por exemplo), um número considerável de edificações mantém o uso residencial e que um registro destas edificações, enquanto ainda existentes, seria importante. Surgiram algumas perguntas como, por exemplo, por que há uma concentração de casas modernistas num lugar determinado do centro? Logo, o trabalho que inicialmente tinha sua preocupação centrada nos parâmetros de projetos modernistas, foi ganhando uma dimensão histórica, visto a importância do registro de uma época através do registro de uma tipologia arquitetônica.

Após um levantamento preliminar, houve a redução do grupo de casas a serem inventariadas. Alguns fatores foram determinantes para esta redução, como, por exemplo: a visualização dos princípios modernistas presumidamente existentes; o bom estado de conservação da edificação e a localização próxima ou na área com maior concentração de exemplares.

A primeira tentativa de contato com o usuário foi à porta, em busca do proprietário. Quando o proprietário não estava, nos casos das casas com uso residencial, perguntava-se o número de telefone

para contato. Nas casas com outros usos se fazia a mesma abordagem. Quando o proprietário atendia pessoalmente, ocorria uma explicação sobre o trabalho, procurando deixar claro que se tratava de um trabalho acadêmico, e já era solicitado o agendamento para uma entrevista sobre a casa, breve e objetiva, que poderia ocorrer em meia hora. No contato feito por telefone, era utilizado o mesmo procedimento. Geralmente, a entrevista ultrapassava a tempo previsto porque o entrevistado se envolvia com o assunto. Querendo mostrar sua casa, levava para um passeio, explicando como cada ambiente era utilizado e as mudanças que tinham ocorrido ao longo do tempo.

Foram realizadas dez entrevistas. Destas, sete foram realizadas nas casas que ainda mantêm o uso residencial, duas foram realizadas com antigos moradores de casas que são ocupadas por comércio ou serviço e uma foi realizada por telefone. Durante a entrevista, eram obtidas as informações necessárias para localização do projeto na SUSP ou o próprio morador fornecia tal documentação, por vezes enriquecida por fotos. O modelo destas entrevistas, que enriqueceram o trabalho devido à aproximação com o usuário, pode ser encontrado neste trabalho no Apêndice B. Além dos moradores e numa oportunidade rara, um dos profissionais autores dos projetos, foi igualmente entrevistado, trazendo informações preciosas para a realização do estudo (Apêndice C).

À medida que as abordagens iam sendo feitas, ocorreu outra redução do grupo, chegando ao número final de doze casas. O fator que mais contribuiu para esta redução foi o acesso à documentação e ao usuário. No Apêndice A pode ser encontrada a ficha de registro aplicada na abordagem em campo, que auxiliou na redução do grupo de casas.

A organização dos dados obtidos em campo aconteceu à medida que estes eram coletados, evitando assim, a perda de informações. Pode-se citar como exemplo o registro das entrevistas que geralmente acontecia no mesmo dia em que eram realizadas ou, no máximo, no dia posterior. A digitalização dos projetos arquitetônicos, a que se teve acesso, juntamente com a classificação das imagens registradas, permitiram o estabelecimento de uma cronologia entre os projetos, além da crítica comparativa entre os elementos de concepção, identificados nos exemplares inventariados e os princípios modernistas destacados na bibliografia.

Paralelo à terceira etapa desta pesquisa, iniciou-se a análise dos dados que teve como resultado o inventário que é composto de doze fichas, em formato A³, que descrevem cada casa. Esta ficha é composta por duas partes: uma gráfica e outra textual. Na gráfica encontram-se plantas, implantação e fotos. A textual está subdividida em quatro partes, a primeira traz dados gerais da edificação e do morador, áreas e o programa da edificação; a segunda é uma descrição da edificação segundo a

relação com o terreno, a organização espacial e os materiais utilizados; a terceira traz informações da entrevista, quando feita; e a quarta sintetiza os elementos caracterizadores modernistas encontrados na edificação. Nesta última parte encontra-se também a imagem de uma casa, referência tipológica, construída no Brasil, plasticamente semelhante à casa estudada e que poderia servir-lhe de referência.

As conclusões foram tiradas ao longo do desenvolvimento do trabalho, graças ao conjunto de informações obtidas em cada etapa que viabilizaram respostas para as indagações que esta pesquisa se propôs a responder inicialmente.

1.8 ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho está dividido em quatro capítulos.

Capítulo 1: Introdução- traz a justificativa e importância da pesquisa, o referencial teórico, os objetivos, as dificuldades encontradas e os métodos e técnicas utilizados. Visa trazer um panorama geral da pesquisa que possibilite a compreensão do trabalho;

Capítulo 2: A Cidade e o Movimento Moderno- apresenta o contexto de Florianópolis no início do século XX e o período de modernização que a Capital viveu até os anos 50. Aborda também a expansão do centro urbano da capital e a construção de novos loteamentos residenciais, onde começaram a ser feitas as primeiras casas modernas;

Capítulo 3: Habitação Modernista em Florianópolis- Um Inventário – localiza a área em que se encontram as casas inventariadas, o inventário propriamente dito e traz uma análise dos dados retirados do inventário;

Capítulo 4: Conclusões- apresenta as conclusões da pesquisa abordando as casas tratadas no inventário, as considerações finais da pesquisa e as recomendações para trabalhos futuros.

CAPÍTULO 2

A CIDADE E O MOVIMENTO MODERNO

2.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO 2

O presente capítulo está dividido em duas partes. A primeira parte relata a condição de Florianópolis, desde o início até meados do século XX, procurando identificar como o movimento moderno chegou à cidade. Aborda um período de modernização da Capital que utilizou a arquitetura modernista, símbolo de desenvolvimento em todo o país principalmente com a construção de Brasília, para criar uma nova imagem para a cidade.

A segunda parte trata da expansão do centro urbano de Florianópolis. Visa compreender para onde a cidade cresceu, os novos loteamentos e as novas casas que foram construídas nestes locais com linguagem modernista. Procura identificar também quem eram os personagens, clientes e profissionais, que faziam esta nova arquitetura, além de trazer a área de estudo deste trabalho, onde estão localizadas as doze casas inventariadas do Capítulo 3.

2.2 CONTEXTO LOCAL, MODERNIZAÇÃO E ARQUITETURA

No início do século XX, Florianópolis era uma cidade pequena, portuária, de fortes tradições e costumes, que se encontrava territorialmente isolada. Por ser uma ilha, as pessoas que moravam na parte continental chegavam até ela de balsa, único meio de transporte utilizado para este fim até meados da década de 20, quando foi construída a primeira ponte. Embora pacata, já era a Capital do Estado de Santa Catarina.

O tráfego marítimo no porto da cidade aumentou consideravelmente entre 1900 e 1904 e entre 1908 e 1913. A economia nacional cresceu nestes períodos e as transações comerciais aumentaram com conseqüente benefício para Florianópolis (VEIGA, 1993, p. 148).



Ilustração 29– Mercado Público no início do século XX. Fonte: <<http://www.arq.ufsc.br/~soniaa>>. Acesso em: maio de 2005.

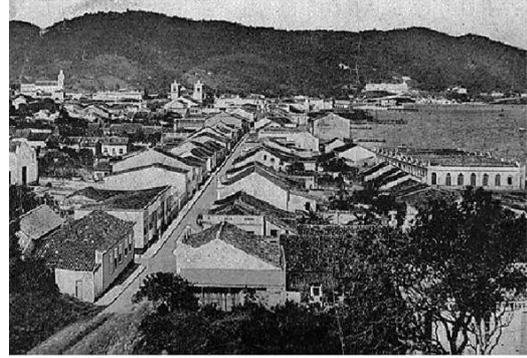


Ilustração 30– Rua Conselheiro Mafra no início do século XX. Fonte: <<http://www.arq.ufsc.br/~soniaa>>. Acesso em: maio de 2005.

Em 1922 começaram as obras para construção da Ponte Hercílio Luz (ver Ilustração 31). Naquela época, a cidade possuía em torno de 40 mil habitantes que dependiam do serviço, monopolizado e precário, das balsas para chegar ao continente, ou vice-versa. Por este motivo, a obra ficou popularmente conhecida como Ponte da Independência. A ponte pênsil, de aproximadamente 800 metros, feita em aço e projetada pelos engenheiros norte-americanos Robinson e Steinmann, foi inaugurada em 1926 (COELHO, 1997).

O governador Hercílio Luz⁸ conseguiu o empréstimo para construção da ponte, equivalente a dois orçamentos anuais do Estado, com bancos norte-americanos, mas não chegou a ver a obra pronta. Os esforços, por parte do governo para que ocorresse a construção, aconteceram com o intuito de consolidar Florianópolis como Capital de Santa Catarina, que àquela altura, se via ameaçada por outras cidades que consideravam a Ilha muito distante para ser o centro administrativo e político do Estado.

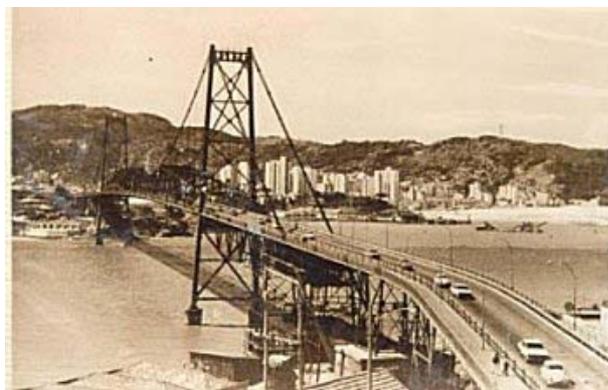


Ilustração 31– Ponte Hercílio Luz, 1970. Fonte: <<http://www.fmc.uni-karlsruhe.de/~oliver/floripa.html>>. Acesso em: janeiro de 2006.

⁸ Hercílio Luz foi governador do Estado em três períodos (1894/98 - 1918/22 – 1922/24). Teve grande responsabilidade no dinamismo e crescimento da capital. Faleceu em 20 de outubro de 1924.

Os primeiros trinta anos deste século foram, portanto, marcados por diversos momentos de modernização, traduzidos na adoção de vários serviços urbanos, considerados avançados não só para Florianópolis, como para outras capitais brasileiras. O desejo de conforto urbano se traduziu na implantação dos serviços de telefone, água encanada, luz elétrica, esgoto sanitário, linhas de bonde e novas opções de moradia e lazer (VEIGA, 1993, p.149).

Esta modernização, nos primeiros trinta anos do século XX, foi substituída nos anos seguintes por um período de calmaria. Veiga (1993) faz referência a esta fase como sendo a responsável pela conservação de muitos edifícios históricos do centro.

Considerando-se que a construção civil foi um dos indicadores mais expressivos da modernização, podemos admitir que, o que garantiu a permanência de muitos dos trechos da antiga paisagem da cidade após os anos 30, foi a própria estagnação nas transformações urbanísticas do período subsequente. Tal circunstância redundou ao que parece, na salvaguarda de grande parte do acervo histórico edificado, o que nos possibilita, ainda hoje, conviver e participar com estes testemunhos de uma história de metamorfose contínua da paisagem urbana (VEIGA, 1993, p.150).

A década de 50 chegou e Florianópolis ainda conservava os ares de cidade pacata, embora não mais isolada geograficamente do restante do Estado. Osmar Silva, que trabalhava como cronista da Rádio Diário da Manhã naqueles anos, num de seus programas comentou:

Alcanço a Rua Felipe Schmidt, a rua dos cafés e confeitarias, o fogo-fátuo das nossas pretensões a cidade grande! É a rua dos footings, das conversas fiadas! (...).

O ônibus arranca, enquanto uma tristeza mansa me segreda que Florianópolis está distante, muito distante do progresso que se alardeia por aí! É quando muito, uma caricatura... uma pálida caricatura de cidade grande! (SILVA apud CASTRO, 2002, pp.37 e 38).

Os esforços a partir dos anos 50 se direcionaram a reinventar a cidade como cidade turística, progressista e desenvolvimentista. Muitas pessoas abraçaram esta causa, entre elas; políticos, artistas e intelectuais; e se mobilizaram em prol do progresso que tornaria Florianópolis realmente uma Capital, podendo assim, se incluir no ciclo de desenvolvimento nacional reforçado pelo governo de Juscelino Kubitschek (CASTRO, 2002). A construção de Brasília foi slogan deste novo Brasil, industrializado e urbanizado, que o governo almejava criar.

A elaboração do primeiro Plano Diretor de Florianópolis teve início em 1952, quando a prefeitura contratou uma equipe de profissionais⁹ de Porto Alegre que iniciaram um diagnóstico do município. O documento propôs diretrizes gerais de desenvolvimento econômico, de expansão e de reorganização dos espaços através de um zoneamento das funções urbanas. Segundo Dias (2005) tal plano negava a identidade à medida que delimitava setores de desenvolvimento fora de seus eixos naturais de

⁹ A equipe era formada pelos arquitetos Edvaldo Pereira Paiva, Edgar Graef e Demétrio Ribeiro.

crescimento, todavia, ao definir a manutenção das atividades da área central acabou contribuindo para a manutenção do tecido urbano original (DIAS, 2005, p.68).

Castro (2002, p. 63) afirma que o Plano teve como base um modelo de urbanismo amplamente aceito pelos arquitetos da época, influenciado pela Carta de Atenas elaborada por Le Corbusier e aprovada pelo IV CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), realizado em Atenas na Grécia em 1933. Tal documento previa para a nova sociedade da máquina a cidade funcional repartida em zonas de concentração perfeitamente articuladas por amplas vias de circulação. Como pano de fundo ao Plano estava o anseio da Capital de dar um salto para acompanhar o progresso que se insinuava em todo país (CASTRO, 2002, p. 63).

Embora apresentasse muitas restrições econômicas, Florianópolis se inseria culturalmente no quadro vanguardista do país, fato este que pode ser percebido com a contratação da equipe de jovens arquitetos para elaboração do Plano Diretor e com a criação, em 1949, do Museu de Arte Moderna de Florianópolis que foi inaugurado dois anos após a criação do MASP (Museu de Arte de São Paulo) e um ano após a criação do MAM (Museu de Arte Moderna) em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em 1970 o Museu de Arte Moderna de Florianópolis passou a se chamar Museu de Arte de Santa Catarina, MASC, e hoje, depois de ter passado por vários lugares, está instalado no Centro Integrado de Cultura Prof. Henrique da Silva Fontes, CIC (FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA, 1987).

A inauguração do MASC no Grupo Escolar Dias Velho, hoje Escola Básica Antonieta de Barros, nas proximidades da Praça XV no centro da Capital, foi um grande evento para a cidade que já atravessava uma época de badalações incentivadas principalmente por um grupo de intelectuais que buscava contribuir com o movimento de modernidade na Ilha. Este grupo, em 1947, fundou o Círculo de Arte Moderna – CAM, ligado às idéias das vanguardas modernistas nas artes plásticas, no teatro e na poesia e em 1948 passou a publicar a primeira Revista Sul, editada até 57, que inseriu a produção local no circuito nacional e internacional de informação e divulgação (CASTRO, 2002).

A proposta estética do Grupo Sul - que se dizia herdeiro do movimento modernista de 22- bem como as discussões divulgadas na revista sobre arquitetura e sobre os rumos da cidade inserem-se num quadro onde a vontade de modernizar, de progredir e de se desenvolver é a mesma vontade de que a cidade supere seu isolamento político, cultural e econômico, e forte o suficiente para promover negociações, articulações sem aventar qualquer ruptura radical, estética ou política(...) (CASTRO, 2002, p.10).

O setor da construção civil sempre esteve diretamente ligado às mudanças que a capital vinha sofrendo desde o início do século XX. Na década de 50 havia uma efervescência entre os profissionais locais da construção impulsionada pela Associação Catarinense de Engenheiros-ACE, que promovia

discussões técnicas, éticas e jurídicas, incentivando o desenvolvimento técnico e científico entre os profissionais. As revistas especializadas em arquitetura, nacionais e estrangeiras, eram lidas por engenheiros, arquitetos e construtores e traziam a arquitetura funcional modernista como o que havia de mais moderno. A Revista Sul número 13, de 1951, trouxe um artigo intitulado “Função Social do Arquiteto”, escrito pelo arquiteto Carlos Henrique Bahiana, que dizia:

Assim assistimos à grande transformação. Os casarões cheios de artificialismo e preconceitos, dando lugar às residências despreziosas onde tudo é luz e natureza. Os grandes vãos envidraçados iluminando os interiores (...) A arquitetura moderna nada esconde. Não há compartimentos mais dignos e menos dignos. A continuidade espacial prepondera sobre as ante-câmaras, corredores de serviço, vestíbulos e toda sorte de esconde esconde... (BAHIANA apud CASTRO, 2002, p.61).

A arquitetura modernista que apareceu na Europa no início do século XX chegou ao Brasil pouco tempo depois, foi bem aceita pelos profissionais e conquistou o mercado estatal ainda na era Vargas. Em 1937 teve início a construção do edifício do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, projetado por Lúcio Costa e equipe (ver Ilustração 32). Segundo Mindlin, este edifício é o símbolo mais impactante da arquitetura moderna no Brasil e a primeira aplicação, em escala monumental, das idéias de Le Corbusier (MINDLIN, 2000).



Ilustração 32- Ministério da Educação e Saúde: Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Reidy, Jorge Moreira, Ernani Vasconcelos e Carlos Leão. RJ. Fonte: Nelson Kon, 2006.

Com o início da construção de Brasília em 1956 a arquitetura moderna ganhou status de arquitetura oficial do governo, vinculada fortemente à questão da imagem, sinônimo de progresso, do que havia de mais novo.



Ilustração 33– Propaganda da construção de Brasília no governo JK. Fonte: <<http://www.arteculturaneuws.com/images/brasiliav6.jpg>>. Acesso em: junho de 2006.

Acompanhando o que acontecia no restante do país, Florianópolis passou a viver um período de efervescência e entusiasmo. Novos edifícios foram construídos sob influência da linguagem funcionalista, geralmente em áreas de expansão da cidade, tornando-se símbolos do desenvolvimento da Capital. O Clube Penhasco (ver Ilustração 34), por exemplo, foi projetado pelo arquiteto Walmy Bittencourt em 1954 e implantado no caminho que leva ao sul da Ilha. Tal projeto parece ter sido influenciado pela Casa do Baile de 1942 (ver Ilustração 35), no conjunto da Pampulha em MG, projetada por Oscar Niemeyer (CASTRO, 2002).

O volume acompanhando a cobertura em forma de concha explora a plasticidade do concreto e a liberação do espaço pela estrutura independente. O espaço definido por esta forma curva se abre para a ampla vista da baía Sul (CASTRO, 2002, p. 53).



Ilustração 34– Clube Penhasco, 1954. Fonte: <<http://www.ufsc.br/~esilva>>. Acesso em: maio de 2005.



Ilustração 35– Croqui Casa do Baile, 1942. Fonte: <<http://www.niemeyer.org.br>>. Acesso em: janeiro de 2006.

O Instituto Estadual de Educação-IEE (ver Ilustração 36) é outro exemplo de arquitetura modernista na Ilha e foi construído entre os anos de 1951 e 64. No projeto foram usados pilares em V, amplos pátios internos, rampas, janelas horizontais e grandes superfícies envidraçadas. Trata-se de um edifício que explora a horizontalidade e que se tornou referência para muitos profissionais do período (CASTRO,

2002, p. 54). A autoria do projeto é desconhecida, mas em alguns documentos é possível encontrar o nome de José da Costa Moelmann como profissional responsável pela obra.



Ilustração 36– Instituto Estadual da Educação. Fonte: <<http://www.arq.ufsc.br>>. Acesso em: janeiro de 2006.

O sistema de estruturas independentes em concreto armado chegou à cidade por volta dos anos 40, porém, havia muita dificuldade quanto ao domínio da técnica. Wolfgang Ráu, construtor e projetista de Florianópolis desde 48, em depoimento escrito para um grupo de estudos do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, relatou:

(...) a Capital catarinense ainda mantinha, em larga escala, a sua vida provinciana e até certo ponto, um tanto bucólica e isolada do interior do estado. (...) ainda predominava o caráter de cidade de Funcionários Públicos e de comércio relativamente modesto, com algumas poucas exceções, como a Casa Hoepcke, negociando com ferragens, material de construção, tecidos (...) (CASTRO, 2002, p.48).

No início dos anos 50 havia uma fábrica de cimento na região¹⁰; a cal, as telhas e as janelas vinham de regiões próximas. Maiores investimentos na construção civil só aconteceram no final da década citada. O projetista Ráu lembra que devido à falta de habilidade de se trabalhar com o concreto armado, muitas vezes, exagerava-se no dimensionamento da estrutura, tornando-a pesada e cara. Tal fato ia de encontro com os objetivos modernistas, principalmente o de barateamento da construção através do uso de novas técnicas construtivas (CASTRO, 2002, p.49).

¹⁰ Até os anos 40, todo o cimento utilizado na Ilha vinha da Alemanha (CASTRO, 2002).



Ilustração 37- Edifício residencial projetado por Moellmann & Ráu em Florianópolis, 1957. Fonte: arquivo pessoal, 2005.

No dia a dia o que acabava acontecendo na prática era uma arquitetura que mesclava técnicas e elementos de composição. Uma arquitetura que Castro conceitua como “híbrida”, levando em consideração a impossibilidade de ser “pura”, plenamente industrializada e funcional, segundo a matriz Corbusiana, devido às limitações e condições da cidade, que diferente da maioria das outras Capitais, não era uma cidade grande.

(...) As condições culturais e econômicas da cidade capital e do estado de Santa Catarina, que tratava de constituir sua identidade no circuito moderno do desenvolvimentismo nacional, favoreciam, por outro lado, a geração de um modernismo híbrido - uma mescla. Se a modernidade era sonho, no trajeto para alcançá-la se fazia o moderno possível, negociado, limitado, onde se misturavam os traços característicos da modernização com os motivos locais.

(...) O modernismo que aqui reverberava, se misturava às características ilhoas, gerando uma composição aparentemente dissonante, porém concluindo suas frases em acordes perfeitos. Havia a força deste imaginário cultural se fazendo presente no modernismo da Ilha, tecendo conformações.(CASTRO, 2002, pp. 74 e 76).

A arquitetura modernista logo foi aceita também pelo setor privado, como pode ser observado pela construção do edifício residencial citado anteriormente, construído pelo escritório de Ráu. Ainda na década de 50, apareceram as primeiras casas modernistas da Ilha, concebidas, sob a linguagem funcionalista defendida por Le Corbusier, mas que já mesclavam em sua composição elementos próprios da arquitetura modernista brasileira.

2.3 EXPANSÃO DO CENTRO URBANO: NOVA ARQUITETURA, NOVA CASA

O centro de Florianópolis é limitado fisicamente pelo mar e pelo Morro da Cruz (ver Ilustração 42). Embora tendo sua área restrita geograficamente, até meados do século XX, a parte central era tomada por grandes vazios urbanos. Naquela época, o atual bairro do Centro, era dividido em vários bairros menores.

Os bairros com a maior índice de ocupação confrontavam-se com o mar ao sul e localizavam-se próximos à Praça XV e ao Mercado Público (ver Ilustração 38). As ruas Conselheiro Mafra e Felipe Schmidt destacavam-se pelo comércio, sendo as mais movimentadas da cidade. Tudo acontecia nestas redondezas, desde os passeios das moças de família aos domingos, depois da missa, até os encontros com as prostitutas, na surdina da noite, na região próxima ao mar. Para as famílias tradicionais, estes lugares eram considerados promíscuos, principalmente pela presença do porto.

Nos vazios urbanos, onde o verde predominava, grandes chácaras conformavam os bairros mais reputados, longe do centro e de seus conflitos. Nestes lugares, de vida saudável, encontravam-se as melhores residências que pertenciam às famílias mais abastadas. Dentre os principais bairros da época, estavam o bairro da Praia de Fora e do Mato Grosso (VEIGA, 1993).

Os vazios urbanos devolutos na cidade, foram também consequência da existência de obstáculos topográficos, hidrográficos e geológicos. Há que salientar, com tal alcance, os fundos de vale, as grotas, as falhas de terreno, os mangues, os banhados e os córregos. Esses impedimentos de ordem geográfica, negaram, por certo, determinadas ocupações pretendidas, como a expansão de uma cidade reticulada e regular. Foram obstáculos estes que estancaram o avanço das ruas ortogonais, apontaram outras alternativas de traçados viários, e até derivaram na consolidação de alguns hiatos urbanos (VEIGA, 1993, P. 83).

O aparecimento de novas técnicas construtivas e o crescimento da população urbana, no início do século XX, favoreceu o início da urbanização destes lugares tomados por chácaras. A abertura de novos eixos viários e também o prolongamento de alguns já existentes, como foi o caso da Avenida Rio Branco, possibilitou a expansão do centro urbano, que cresceu em direção a estas áreas pouco ocupadas e que passaram a ser valorizadas (VEIGA, 1993, p. 83).

Ao mesmo tempo em que o centro urbano foi se alongando e adensando nos sentidos Leste e Oeste, outros vetores do crescimento da cidade se irradiaram em direções diferentes, preenchendo as áreas do centro do polígono, até então ocupadas por extensas chácaras (VEIGA, 1993, p. 327).

A complementação da Avenida Rio Branco, cruzando o centro, marcou o início da modernização da região central do polígono urbano. É importante destacar que a avenida foi implantada em 1900, sem um planejamento criterioso e global, mas foi só no final da década de 50 que teve seu traçado atual completo (VEIGA, 1993).

Florianópolis era uma cidade administrativa cujos habitantes, na sua maioria, trabalhavam como funcionários públicos. Não havia uma diferença muito grande entre as classes sociais e bairros específicos para a elite que também morava no centro (WILMAR apud VEIGA, 1993, P. 116).



Ilustração 38– Malha urbana de Florianópolis em 1921. Fonte: VEIGA, 2003; adaptado para este trabalho.

As chácaras foram parceladas aos poucos e no lugar surgiram loteamentos cujos terrenos eram muito valorizados. Por este motivo, o grupo de compradores restringia-se às pessoas que podiam pagar pelo conforto de estar no centro, morando num lugar tranquilo e de status. Entre os compradores se destacavam os jovens casais, descendentes de famílias abastadas da Ilha, ou então, em que o homem tinha um bom emprego como, por exemplo, médico, advogado ou funcionário público do alto escalão.

Dentro dessa área salientaram-se como zonas residenciais mais finas, as avenidas Trompowsky e Rio Branco, e as ruas Esteves Junior, Alves de Brito e Nereu Ramos, cujas moradias, de grande testada e bastante espaçamento, se apresentam cercadas de aprazíveis jardins e parques privados.

Novas áreas recém-loteadas, como a conhecida “Chácara da Espanha”, apresentam também feição moderna, muito embora a especulação não controlada tenha determinado um fracionamento excessivo de terra (WILMAR, 1948 apud VEIGA, 1993:116).

As novas casas construídas nestes loteamentos surgiam reforçando os ares de modernidade que se queria dar à cidade. Muitas casas passaram a ser construídas sob influência da arquitetura moderna, moda naqueles tempos, que circulava em revistas nacionais e internacionais. A casa com paredes pesadas, auto portantes, cuja função estrutural definia a distribuição dos ambientes e limitava o tamanho das aberturas foi, aos poucos, sendo substituída por edificações com estrutura de concreto armado, liberando as paredes da função estrutural e propiciando novos arranjos de ambientes e o aumento das aberturas, trazendo mais luz e higiene para a construção. As fachadas tradicionais, com muitos adornos (ver ilustração 39), deram lugar às fachadas sem caráter monumental e sem ornamentação (ver ilustração 40).



Ilustração 39– Casa na rua Victor Konder, anos 30. Fonte: <<http://www.andrepaiva.com.br>>. Acesso em: janeiro de 2006.



Ilustração 40– Casa na rua Santo Inácio Loyola, 1963. Fonte: arquivo pessoal, 2005.

Mahfuz escreve que a arquitetura moderna rompeu metodologicamente com a arquitetura feita até então, do Classicismo, onde o projeto consistia na imitação dos estilos arquitetônicos, e substituiu esta imitação pela idéia autônoma de forma, desvinculada de qualquer sistema prévio ou exterior. Ao falar de forma, se refere ao sistema de relações externas e internas que configuram um artefato ou episódio arquitetônico, determinando sua identidade (MAHFUZ, 2002).

As casas modernas foram construídas principalmente nas áreas de expansão da cidade como o bairro Trindade, a parte continental e o triângulo central. Neste último, aconteceu a maior concentração de projetos, sendo que ainda hoje, é possível encontrar nesta área muitos exemplares remanescentes.



Ilustração 41– Casa na avenida Osmar Cunha. Fonte: arquivo pessoal, 2005.

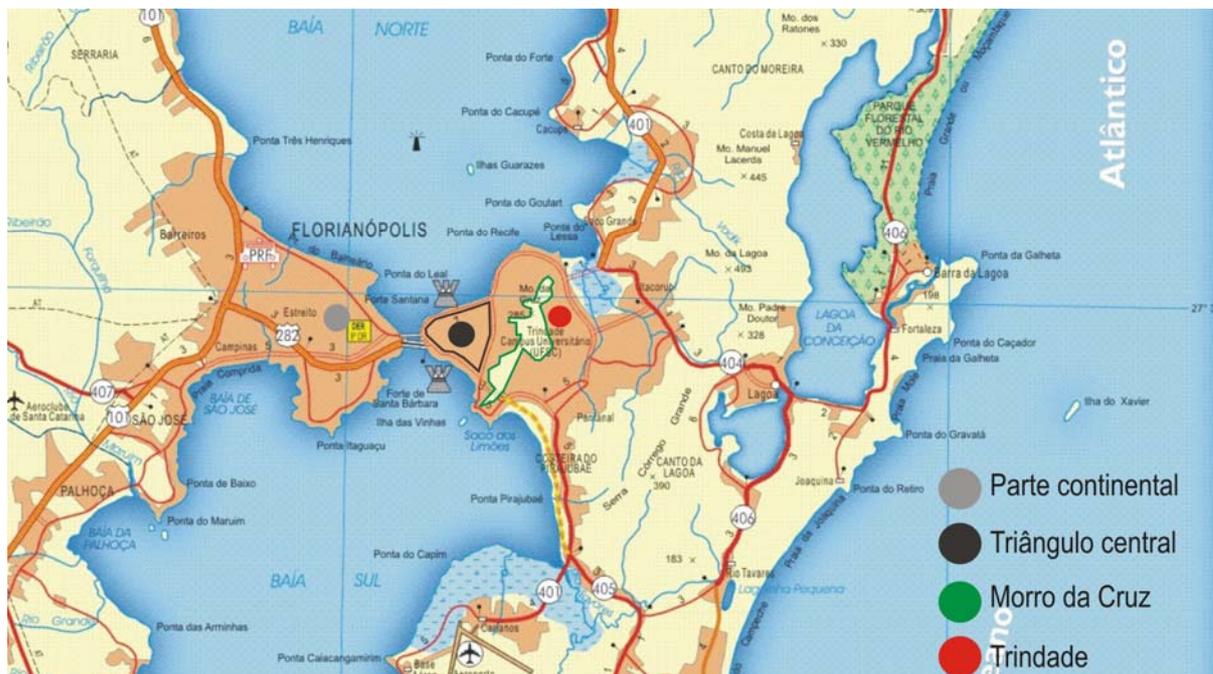


Ilustração 42– Mapa rodoviário da Ilha de Santa Catarina, modificado para este trabalho. Fonte: DEINFRA, 2002.

A arquitetura modernista da Ilha foi feita por jovens arquitetos que se formavam nos grandes centros. Geralmente, o cliente que procurava estes profissionais ia até eles porque queria uma casa moderna. Estes profissionais estavam atentos às novidades através das revistas de arquitetura, que circulavam pelo país, trazendo notícias sobre a construção de novos prédios modernistas, principalmente estatais, construídos em quase todas capitais, às vezes por meio de concursos, influenciados geralmente pela arquitetura funcional de Le Corbusier.

Profissionais como Wolfgang Ráu, citado anteriormente; Boris Terschitsch, engenheiro civil formado em São Paulo, e o arquiteto Domingos Filomeno Netto, iniciaram a construção de exemplares residenciais modernistas na Ilha. Arquitetos de outras cidades eram também contratados por famílias para a construção de suas casas, como é o caso do austríaco Hans Broos. Este arquiteto, ainda em 59, fez o projeto da Casa Zipser, localizada no triângulo central, e na década seguinte projetou outras três residências¹¹ na cidade.



Ilustração 43– Casa família Zipser, 1959. Fonte: arquivo pessoal, 2004.

Além de arquitetos como Luiz Gama Lobo D' Eça e engenheiros como Olavo Arantes e Adroaldo Pereira, da construtora PLANOBRA, profissionais com formação técnica e algumas vezes sem formação, foram também responsáveis pelos projetos de muitas casas da classe mais abastada. Há algumas casas inventariadas nesta dissertação, projetadas por estes profissionais que se mostraram atualizados e voltados às novas idéias modernistas na arquitetura. É importante destacar a abrangência da arquitetura moderna naquelas décadas que não se limitou aos meios acadêmicos.

Em entrevista (dezembro de 2005) o arquiteto Ademar José Cassol¹², relatou que as influências modernas chegavam através dos concursos de arquitetura que aconteciam por todo país; das revistas

⁴ Dois projetos foram feitos no ano de 1968, o primeiro para família Milasch e o segundo para família Brandalise. O terceiro projeto residencial é de 69 para família Martins.

¹² O arquiteto se formou em 1964, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, na cidade de Porto Alegre. O profissional atua em Florianópolis desde a década de 60 e é autor de muitos projetos que trouxeram a linguagem moderna para a cidade, entre eles, a casa do inventário (Capítulo 3) construída para família Becker em 1966.

especializadas como ACROPOLE, MODULO, DOMUS e L'Architecture d'Aujourd'hui; e de obras como a Pampulha e do Ministério da Educação no Rio de Janeiro. O Brutalismo Paulista, de Artigas e Paulo Mendes da Rocha, estava despontando como escola arquitetônica e arquitetos como Mies Van der Rhoe, eram referências da época (CASSOL, 2005).



Ilustração 44– Casa família Becker, 1966. Fonte: disponível em <<http://www.midiasite.com.br>> em janeiro de 2006.



Ilustração 45– Casa família Becker, 1966. Mural artístico. Fonte: arquivo pessoal, 2004.

É interessante o fato de Cassol ter mencionado a influência do arquiteto Mies Van der Rhoe, pouco citada geralmente. Mahfuz escreve sobre as influências do mestre alemão na arquitetura paulista das décadas de 60 e 70 e afirma que a obra “miesiana” teve um “papel transcendental da estrutura resistente na sua construção formal”, isto é, o papel da estrutura na definição da forma do edifício. Mahfuz faz ainda um paralelo entre Le Corbusier e Mies van der Rhoe.

É muito conhecida e analisada a influência de Le Corbusier sobre a arquitetura brasileira. É seguro dizer que as suas idéias e projetos são a fundação sobre a qual se assenta não apenas a produção do período áureo da nossa arquitetura, admirada em todo o mundo, e que culmina com a construção de Brasília, mas também de vários de seus desenvolvimentos posteriores.

Já a influência de Mies van der Rohe, o outro grande mestre do século XX, é escassamente mencionada na historiografia da nossa arquitetura (MAHFUZ, 2004).

Quanto aos projetos de casas modernistas, Cassol destacou a valorização da estrutura em concreto armado, quando ficava aparente; a modulação e os grandes vãos. As fachadas eram compostas com painéis inteiros, isto é, sem vergas ou mochetas, e as coberturas construídas em laje impermeabilizada. A opção pelo uso da cobertura plana impermeabilizada por vezes negligenciava as condições de conforto térmico. Um dos ambientes que passou a aparecer nos projetos foi a sala com mezanino intermediário, geralmente com paredes tomadas em toda a largura, por janelas e portas de vidro temperado (CASSOL, 2005).

A casa devia ter um motivo gerador no projeto, que podia ser um vazio de escadas, um pátio interno ou até mesmo a valorização da vista exterior. O usuário aceitava bem as novidades, mas, algumas vezes,

havia algum tipo de resistência, porém, já havia uma predisposição latente em aceitar a linguagem modernista como solução arquitetônica. Os projetos modernistas romperam com o falso neocolonial que imperava e ainda hoje continuam sendo atuais quanto aos aspectos externos. A valorização dos jardins exteriores facilitou a aceitação popular da nova arquitetura, mas a dificuldade para construir não diminuiu totalmente durante a década de 60. Havia limitação de materiais e tecnologias, em geral importadas e onerosas, e não havia mão de obra qualificada que dominasse as novas técnicas de construção (CASSOL, 2005).

A área de estudo deste trabalho, onde se encontram as doze casas inventariadas (ver Capítulo 3), localiza-se no triângulo central do centro de Florianópolis, mais precisamente no antigo bairro do Mato Grosso. A escolha desta área se deu por ser o local onde atualmente se encontra a maior concentração de casas construídas sob influência modernista na Ilha.

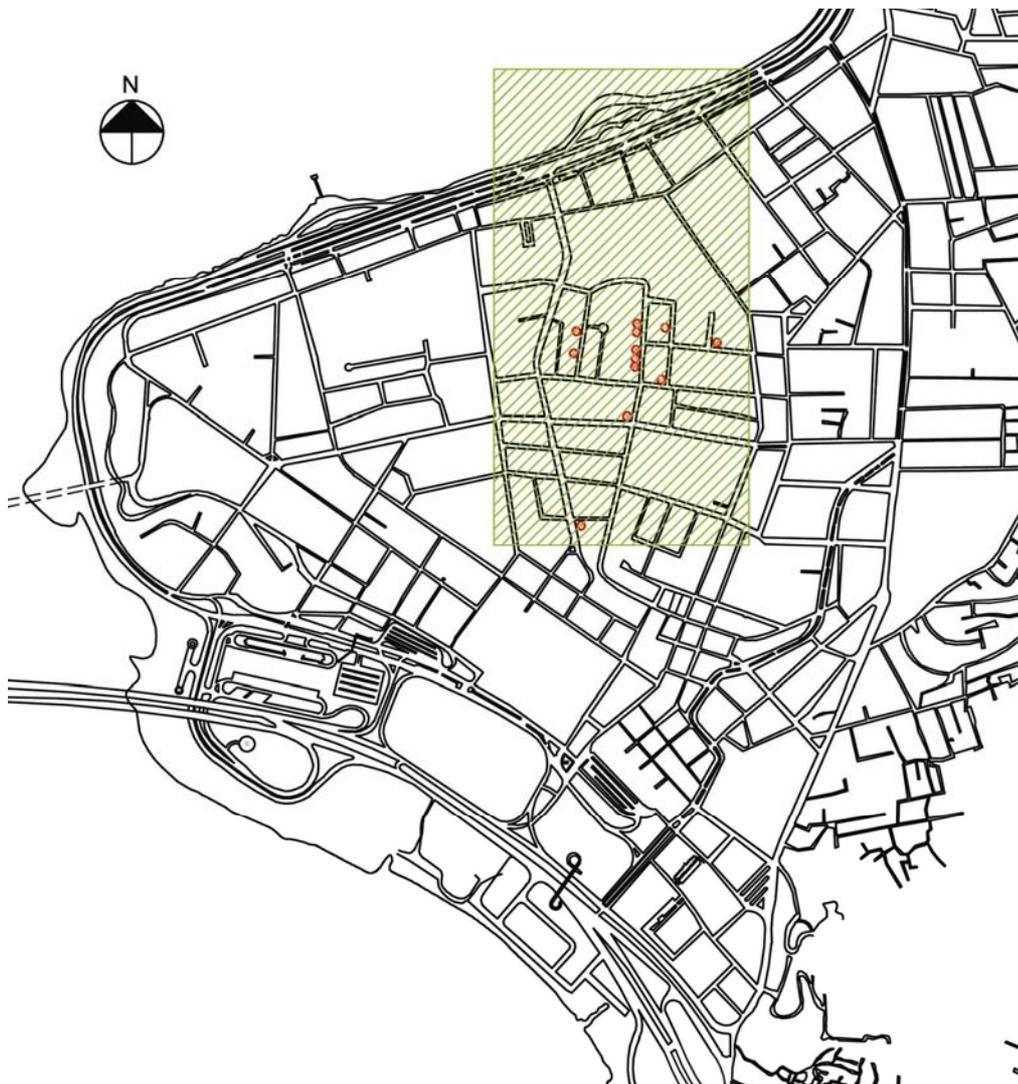


Ilustração 46 – Área de estudo no Bairro Centro, Florianópolis. Fonte: DIAS, 2005, adaptado para este trabalho.

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO 2

Até meados do século XX Florianópolis caracterizava-se por ser uma cidade pequena e pacata que embora tenha tido momentos de modernização, identificados principalmente no setor da construção civil, nos anos 50 ainda não se apresentava como cidade grande. Porém, esta condição não impediu o avanço cultural na cidade que já na década de 40 mostrou-se interessada nos movimentos de vanguarda que aconteciam pelo país, fato este que pode ser constatado com a fundação em 1949 do Museu de Arte Moderna de Florianópolis.

Os primeiros exemplares de arquitetura modernista na Ilha datam da década de 50 e caracterizam-se como obras públicas com linguagem funcionalista. Na mesma década foram construídas as primeiras casas modernas, cujos clientes, com um bom poder aquisitivo, procuravam arquitetos que estavam voltados às novidades e aos grandes exemplos modernos.

Embora houvesse limitações de materiais e de domínio das novas técnicas, os profissionais projetaram casas sob preceitos modernistas que ainda hoje destacam-se na paisagem como bons exemplos de arquitetura. Estes profissionais, formados geralmente em São Paulo e em Porto Alegre, tinham como referências internacionais os grandes arquitetos, como Le Corbusier e Mies van der Rohe; e como referências nacionais grandes nomes da arquitetura paulista como Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha e da arquitetura carioca como Niemeyer e Lúcio Costa.

No próximo capítulo serão inventariadas algumas residências modernistas, remanescentes destes anos e localizadas no centro de Florianópolis. São casas que registram uma época da cidade e que estão sendo substituídas rapidamente por novas edificações devido ao alto índice de renovação urbana no centro, incentivado pela alta valorização dos terrenos.

CAPÍTULO 3

HABITAÇÃO MODERNISTA EM FLORIANÓPOLIS - UM INVENTÁRIO

3.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO 3

O presente capítulo traz o inventário de doze residências, construídas, na sua maioria, no final da década de 50 e durante a década de 60, cujos projetos arquitetônicos trouxeram inovações técnicas – sendo a principal o uso do concreto armado – e contribuíram para os ares de modernidade da Capital. São casas que retratam a arquitetura modernista feita na Ilha e que identificam uma época de transição entre a casa tradicional da sociedade escravocrata - com paredes estruturais, pequenas aberturas e alcovas - e a nova casa, idealizada por Le Corbusier como ‘máquina de morar’, da sociedade industrial.

As casas foram selecionadas a partir dos seguintes critérios: localização, uso atual, estado de conservação, acesso à documentação e acesso ao morador (atual ou antigo). A área de estudo está localizada no centro da cidade, nas proximidades da avenida Rio Branco. É importante destacar ainda que aproximadamente trinta residências faziam parte do levantamento preliminar que abrangia uma área um pouco maior que a estabelecida. As residências em bom estado de conservação e que ainda mantêm uso residencial são o foco do capítulo, porém, é importante destacar que o acesso ao projeto arquitetônico e ao depoimento do morador foi primordial para a depuração e seleção final.

Num passeio pelas ruas centrais da cidade foram identificadas residências passíveis de estudo. Junto à Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos – SUSP, iniciou-se a busca pelos projetos arquitetônicos destas residências, facilmente localizados quando se tinha o nome do proprietário original. Num segundo momento, optou-se pela abordagem direta nas casas, que se mostrou mais eficiente principalmente pela disposição dos proprietários em contribuir com a pesquisa, fornecendo plantas, depoimentos e dados. Algumas vezes o proprietário não tinha mais as plantas, mesmo assim, contribuía com a localização imediata destas na SUSP, fornecendo os dados necessários.

Com o objetivo de complementar os dados do inventário, este capítulo traz também uma tabela com os ambientes encontrados em cada setor das casas, no projeto original e após modificações, e uma síntese das entrevistas com os usuários que procura traçar um perfil destes, resgatando suas opiniões sobre as casas e sobre o lugar em que estão inseridas na cidade.

3.2 UM LOCAL NO CENTRO: ÁREA DE ESTUDO

O Inventário apresenta doze casas, das quais sete localizam-se numa área que fazia parte de uma grande chácara, popularmente conhecida como Chácara do Molenda. Esta propriedade foi adquirida pelo alemão Carl Hoepcke, no final do século XIX, e compreendia uma extensão de 20000m², cobertos por uma exuberante vegetação.

Era uma grande gleba que tinha sua frente para a rua Bocaiúva, mais precisamente onde hoje se encontra a 14º Batalhão de Infantaria do Exército, e se estendia até a rua Presidente Coutinho. A parte da frente da chácara pertencia ao Bairro Praia de Fora, famoso pelas diversas chácaras vistosas, e a parte de trás, ao Bairro do Mato Grosso, marcado pela forte vegetação. Havia uma antiga casa na propriedade, voltada para a Bocaiúva e que foi substituída por uma nova casa na década de 30 (Ilustração 47).

No final dos anos 50, a parte dos fundos da chácara, próxima à Presidente Coutinho, foi loteada pela então proprietária, Meta Luísa Hoepke Zipser (filha de Hoepke). A parte da frente ficou mais um tempo com a família Hoepke, que acabou vendendo no início da década de 60 para Universidade Federal de Santa Catarina que ali implantou sua Reitoria. Atualmente, a propriedade pertence ao exército, porém, a casa, junto com algumas árvores, encontra-se protegida por tombamento.



Ilustração 47– Chácara do Molenda, Casarão. Fonte: PII - ARQ - UFSC, 1993.

A parte dos fundos foi dividida em vários lotes, servidos pelas ruas Barão de Batovy (ver Ilustração 48), antiga rua Marechal Gama D'Eça, e Santo Inácio Loyola, ambas perpendiculares à rua Presidente Coutinho (ver Ilustração 49). Foram lotes muito valorizados para época, situados em local nobre da cidade.

A casa 01 (Ilustração 50) do inventário está localizada na avenida Osmar Cunha, que está entre as mais movimentadas da cidade, junto com a Avenida Rio Branco. Quando este terreno foi adquirido a área na qual estava inserido era considerada área de expansão da cidade e ficava próxima a um outro loteamento conhecido até nossos dias como Chácara da Espanha.

As casas 02 e 03 (Ilustração 50), localizadas na rua Irmã Benwarda, fazem parte de um pequeno loteamento feito na mesma época que o anterior, num local que era conhecido como Pasto do Bush, fronteiro ao terreno dos Hoepck. A casa 09 (Ilustração 50), na esquina da Avenida Rio Branco com a rua Nereu Ramos, localiza-se num lote mais antigo. A porção da Avenida na qual localiza-se o terreno já existia em 1916 e na década de 50, era uma das ruas mais movimentadas da cidade.

O terreno da casa 12 (Ilustração 50) foi adquirido pelo proprietário no início dos anos 50 quando a rua São Jorge era uma rua sem saída e sem pavimentação que acabava na Chácara do Molenda. Havia uma casa no lugar que foi demolida no início dos anos 70, quando o proprietário começou a construir a casa atual.



Ilustração 48 – Rua Barão de Batovy.
Fonte: arquivo pessoal, 2005.



Ilustração 49 – Rua Presidente Coutinho.
Fonte: arquivo pessoal, 2005.



Ilustração 50– Localização das casas do inventário no centro de Florianópolis. Fonte: DIAS, 2005, adaptado para este trabalho.

3.3 DOZE CASAS – UM INVENTÁRIO

A ficha de cada casa está dividida em cinco partes:

Na primeira parte encontram-se as informações gráficas sobre o projeto original (implantação, planta-baixa, fachada e corte) e sobre o projeto edificado (fotos, atuais ou antigas). Estes elementos permitem ao leitor uma maior compreensão da casa, facilitando a visualização das formas de ocupação do lote e de como o projeto foi inserido no espaço urbano. As medidas fornecidas na planta-baixa, escala 1:200, propiciam uma melhor avaliação dos ambientes propostos e a fachada e a foto atual da edificação permitem, quando existem, perceber algumas modificações do projeto original.

As figuras do inventário não seguem a numeração geral da dissertação, porém as que não foram produzidas pela autora ou que não são de seu acervo aparecem acompanhadas de fonte.

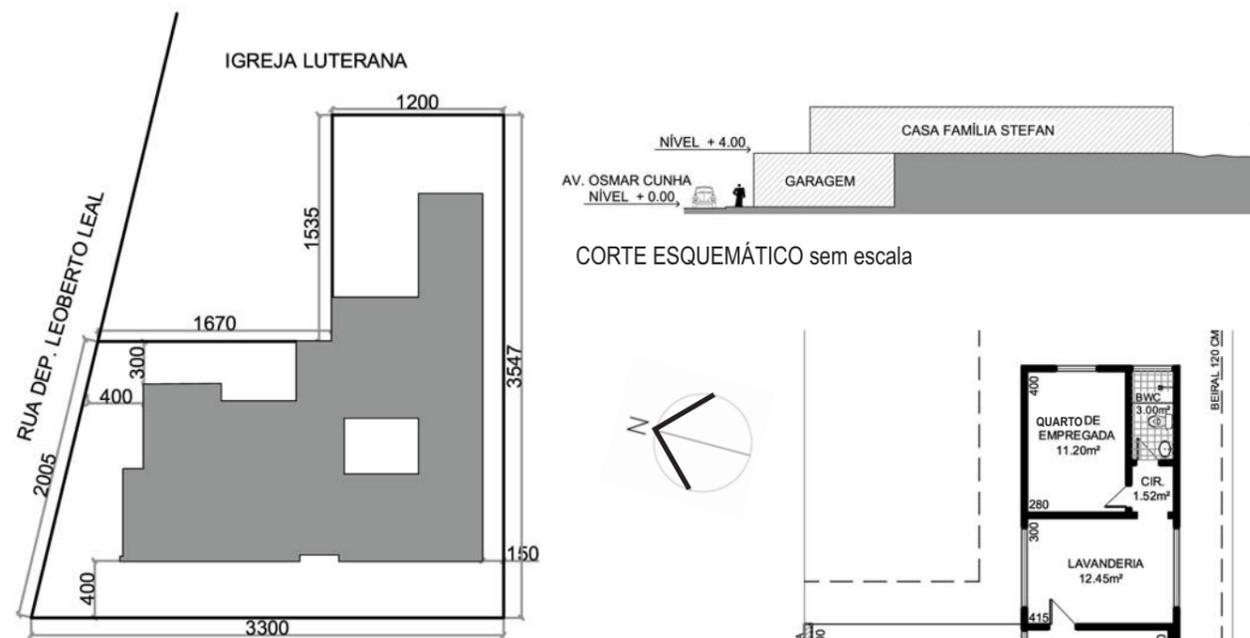
A segunda parte é uma relação de dados que fornecem o contexto geral do projeto. Traz informações sobre o projeto como localização, ano, uso atual e número do processo para aprovação na SUSP; sobre os moradores como profissão e composição familiar; sobre as áreas e taxa de ocupação; e sobre os ambientes que compõem cada setor da casa, este último dividido em social, íntimo, serviço e externo.

A terceira parte fornece uma leitura arquitetônica da residência, dividida em três tópicos: relação edificação-terreno, organização espacial e materiais utilizados. A primeira traz informações sobre o partido adotado tais como volumetria e implantação no terreno; a segunda é uma descrição da organização dos ambientes e a terceira aborda os materiais utilizados.

A quarta parte é uma síntese da entrevista com o morador, antigo ou atual, e comparece em dez casas do inventário. Visa complementar a leitura do projeto trazendo a figura do usuário.

A quinta parte destaca os elementos modernistas caracterizadores do projeto. Como é a primeira a ser vista pelo leitor, atenta para a linguagem modernista, foco de estudo deste trabalho. Nesta parte, também pode ser encontrada uma imagem de casa modernista com a finalidade de trazer para o inventário residências modernistas que foram construídas no restante do país.

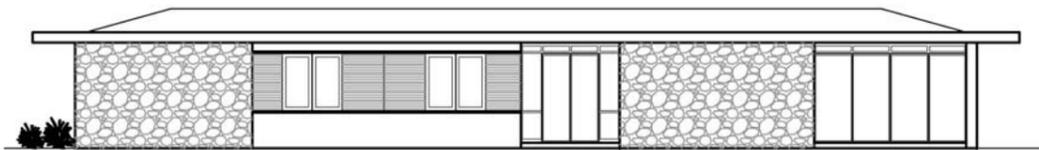
Segue o Inventário:



IMPLANTAÇÃO escala 1:500



PLANTA-BAIXA (pavimento sobre a garagem) escala 1:200



FACHADA escala 1:200



FOTOS SITUAÇÃO ATUAL
fonte: arquivo pessoal, 2005

Sobre o projeto

Localização: Osmar Cunha, nº164
Ano do projeto: 1967
Nº do projeto na SUSP: 13458
Uso atual: Serviço- lazer

Sobre os moradores

1º proprietário: Henrique Stefan
Profissão: comerciante
Grupo familiar: 06 pessoas, sendo o casal, 03 filhos e a cunhada

Áreas

Área terreno: 808,43m²
Taxa de ocupação: 58,70%
Área construída: 474,69m², sendo que 100m² de garagem

Setores

Setor social:
Hall, sala de estar, sala de jantar, sala de almoço, pátio interno, lavabo, circulação, terraço e varanda.

Setor íntimo:
01 suíte, 03 quartos, 01 banheiro compartimentado, rouparia e circulação.

Setor de serviço:
Cozinha, lavanderia, quarto de empregada e banheiro.

Setor externo
Garagem para 02 carros.

Relação edificação-terreno

A casa está implantada na esquina da rua Leoberto Leal com a Avenida Osmar Cunha. O engenheiro explorou o declive do terreno desenvolvendo o projeto térreo num pavimento acima à av. Osmar Cunha, deixando a garagem no nível desta. Há três acessos para pedestres, dois pela avenida e um pela rua Leoberto Leal. Este último também era de automóvel, mas devido aos cuidados dos moradores com o piso de pedra, pouco foi usado para este fim.

O formato irregular do terreno foi bem explorado pelo projetista que propôs uma planta em "L" com volume simples acentuado pela horizontalidade da fachada. O beiral de 1,20 m é arrematado por uma platibanda.

Organização Espacial

O projeto é setorizado. O centro da casa é o setor social. Este é articulado pelo pátio que recebeu tratamento paisagístico. A sala de estar se abre para uma grande sacada localizada acima da garagem, na parte frontal da casa sob orientação oeste. O pátio, além de garantir a integração de todo setor social, garante conforto térmico quando viabiliza ventilação cruzada entre a fachada leste, pela varanda da sala de jantar, e oeste. A divisão em setores garantiu a privacidade da área íntima que tem acesso através da circulação central. Armários foram propostos no projeto e conformam a divisão entre dois quartos e a rouparia junto à circulação na área íntima. A suíte e o quarto maior estão voltados para o norte e os outros dois quartos para oeste. A cozinha marca o setor de serviço e está ligada com a sala de almoço e com a sala de jantar. Este setor se desenvolve na parte sul do lote, mas a planta em "L" garantiu insolação para estes espaços também pelo norte e leste.

Materiais utilizados

A estrutura é de concreto e as paredes de alvenaria. Paredes de pedras aparentes são encontradas em alguns pontos da casa sempre com função estrutural. O piso dos quartos é de taco e o dos banheiros, lavabo, lavanderia e cozinha é de cerâmica São Caetano. Estes ambientes citados receberam azulejos até o forro. Os pisos dos pátios e hall são de pedra de boa cantaria e o da garagem de cimento alisado. As janelas dos quartos receberam venezianas de madeira. Telhas de fibrocimento cobrem a laje e não aparecem na fachada devido à platibanda.

Entrevista com o morador

Henrique, comerciante aposentado, morou trinta e quatro anos na casa com sua esposa, três filhos e cunhada. Adquiriu o terreno que na época localizava-se numa área de expansão da cidade. O projeto era inovador, além das "linhas retas" da fachada, os armários e esquadrias foram feitos na obra com materiais trazidos na sua maioria de São Paulo. A casa foi totalmente decorada por uma profissional paulistana que na ocasião trouxe para Florianópolis um caminhão baú lotado de objetos decorativos.

O proprietário relata saudoso que adorava a casa e que nunca precisou reformá-la já que eram cuidadosos com o imóvel. Deixou a casa em 2001, quando passou a alugá-la. Hoje no local funciona um bar cuja organização modificou consideravelmente o projeto original.

O ponto é altamente comercial e valorizado, fato que aumenta a probabilidade desta casa desaparecer em pouco tempo.

Referências Plásticas

Traçados retangulares dominam a planta e as elevações desta casa, gerando assim uma forma simples com poucos adornos.

As superfícies das fachadas receberam tratamento diferenciado através do uso de madeira, pedra e vidro. Essa tendência já podia ser constatada desde a década de 50, exemplificada nas casas dos mais diversos arquitetos, como Oswaldo Bratke e Sérgio Bernardes.

O pátio interno estrutura o projeto e nos remete às casas de Rino Levi, mais intimistas.

A mistura de elementos da arquitetura tradicional como os grandes beirais e as venezianas de madeira é característica da arquitetura modernista nacional.



Casa na rua Carmelo Rangel, Curitiba, Paraná.
Arquiteto Oswaldo Artur Bratke.
Fonte: <<http://www.vitruvius.com.br>>. Acesso em: janeiro de 2006.

CASA 01
RESIDÊNCIA STEFAN
1967

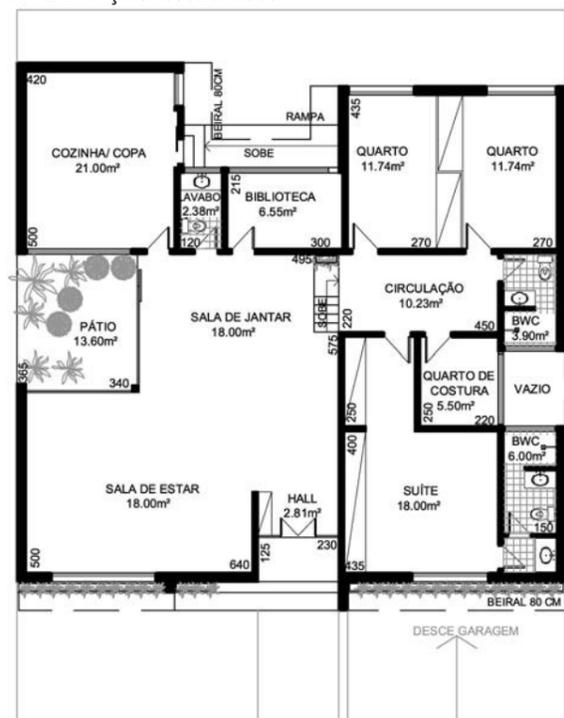
PROJETO
engenheiro Boris Tertschitsch



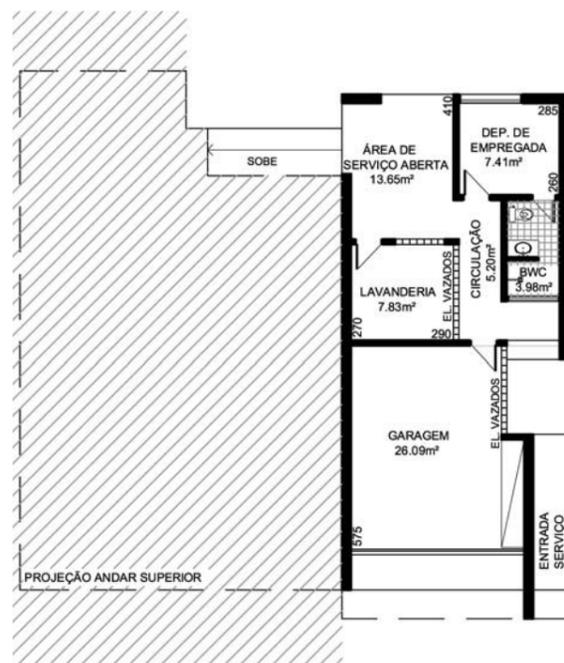
IMPLANTAÇÃO escala 1:500



CORTE ESQUEMÁTICO sem escala



PLANTA- BAIXA TÉRREO E 1º PAVTO escala



PLANTA- BAIXA NÍVEL GARAGEM escala 1:200



FOTO SITUAÇÃO ATUAL FACHADA
Fonte: arquivo pessoal, 2005



FACHADA FRONTAL ORIGINAL sem escala
Fonte: projeto encontrado na SUSP.



FOTO PÁTIO INTERNO- SALA DE ESTAR
Fonte: arquivo pessoal, 2005

Sobre o projeto

Localização: Irmã Benwarda, nº83
Ano do projeto: 1966
Nº do projeto na SUSP: 13196
Uso atual: residencial

Sobre os moradores

1º proprietário: Nazareno Amin
Profissão: médico
Grupo familiar: 05 pessoas, sendo o casal e 03 filhos

Áreas

Área terreno: 312 m²
Taxa de ocupação: 67,7%
Área construída: 287,62m², sendo 76,82m² de área no nível da garagem

Relação edificação- terreno

A casa, localizada na estreita rua Irmã Benwarda, ocupa toda largura do terreno em declive e tem sua frente voltada para o leste. Está organizada em três níveis e a entrada principal acontece no nível intermediário e a de serviço no lado da garagem, no nível abaixo da rua. O beiral avança além da fachada, arrematado por platibanda que esconde a cobertura. O tijolo aparente é elemento marcante da fachada e confere à casa um ar de rusticidade. Mesmo com as grandes janelas frontais e a proximidade com a rua, a residência volta-se para o interior, principalmente pela presença do pátio interno.

Organização Espacial

O setor social encontra-se no nível intermediário. O pátio interno traz o jardim para dentro da casa e integra sala de estar e jantar, estas também foram integradas visualmente com a circulação do setor íntimo. Da sala de jantar tem-se acesso à biblioteca, ao lavabo e à cozinha/copa, todos com aberturas voltadas para o oeste. A circulação vertical é feita através de duas escadas, uma interna que leva ao setor íntimo e outra externa, junto à cozinha, que leva ao setor de serviço. Acompanhando tendências da época, a separação entre os dois quartos foi feita com armários e a suíte ganhou um lugar específico para o "vestiário", hoje popularmente conhecido como closet. Destaca-se entre os ambientes o quarto de costura, geralmente localizado no setor íntimo. O projetista optou por ocupar toda largura do terreno, mas teve o cuidado de criar reentrâncias no volume, uma o pátio interno e outra no lado direito da casa, para garantir a entrada de ar e luz, melhorando o conforto térmico e luminoso dos ambientes. O setor de serviço é completado por ambientes localizados no nível mais baixo, junto à garagem.

Materiais utilizados

A estrutura é de concreto armado e os fechamentos em alvenaria. Laje de concreto e cobertura de telha de fibrocimento formam a cobertura. Elementos vazados são encontrados na lavanderia, fechando o ambiente mas garantindo ventilação contínua. Os setores social e íntimo receberam piso de taco (hoje nos quartos há carpete sobre o taco). As janelas têm venezianas, com exceção da abertura da sala de estar. O pé direito é de três metros.

Entrevista com o morador

A família vive na casa há 37 anos e foi a segunda a morar na rua recém aberta. O casal adquiriu o terreno porque localizava-se no centro da cidade, próximo ao local de trabalho do marido. A esposa relatou que quando fizeram o projeto desejavam uma casa com formas retas, mais simples, e que os quartos voltados para o oeste são quentes, necessitando de ar condicionado. Embora a rua não seja mais tão tranqüila, o casal adora viver no local.

Setores

Setor social:
Hall, sala de estar, sala de jantar, pátio interno, lavabo e biblioteca.

Setor íntimo:
Suíte, 02 quartos, 01 banheiro, circulação e quarto de costura.

Setor de serviço:
Cozinha/ copa, lavanderia, dependência de empregada, circulação, área de serviço aberta e garagem para 01 carro.

Referências Plásticas

A área social é integrada e articulada por um jardim de inverno que volta a casa para dentro. Tal recurso de projeto é muito comum nos lotes urbanos exíguos.

A divisão entre os quartos foi feita com armários embutidos.

O tijolo aparente da fachada e o projeto organizado em níveis, mais adequado ao terreno em declive, lembra os projetos de Wright que buscava integração com a natureza. Até meados da década de 40, estas características também podem ser observadas nas obras de Artigas.

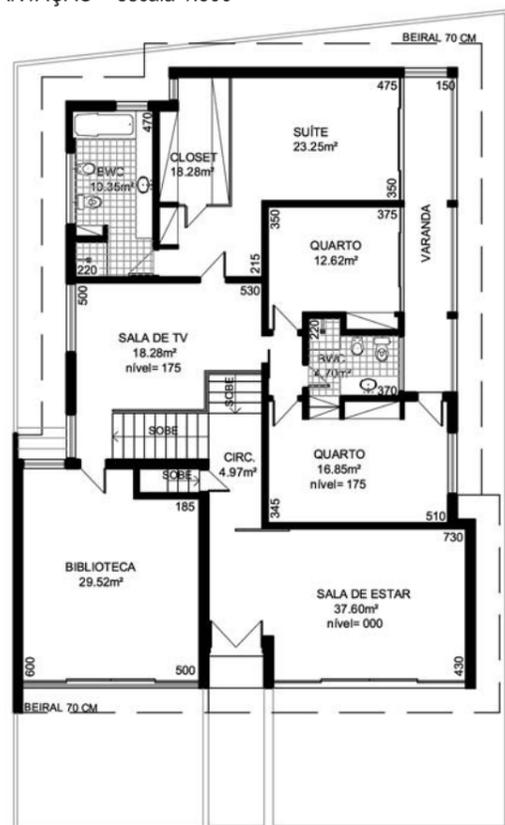
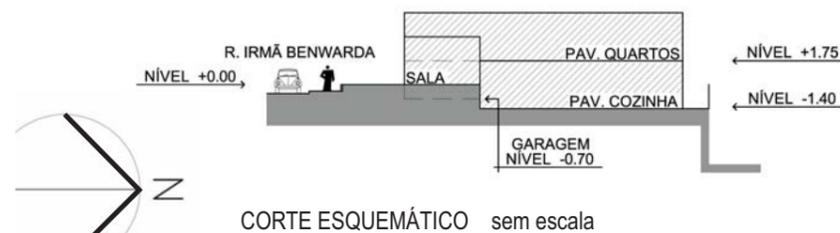
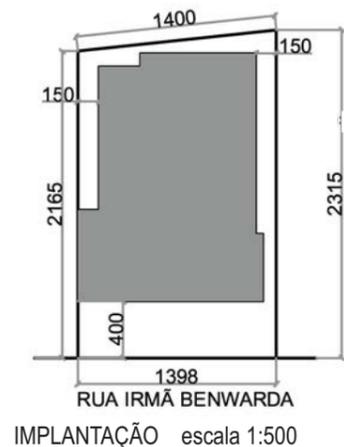
Na fachada original uma superfície de pedra, ao lado da porta, valorizava a entrada.



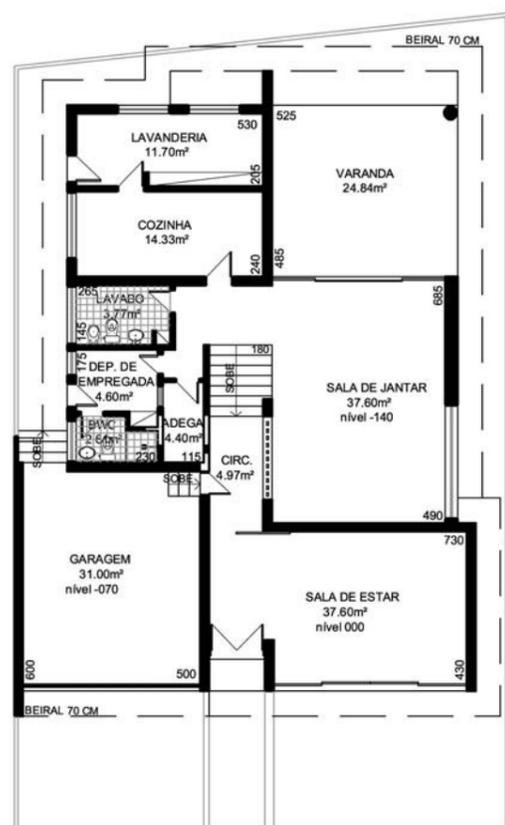
CASA HEITOR ALMEIDA, 1949, São Paulo.
Arquiteto João Batista Vilanova Artigas
Fonte: <http://www.arcoweb.com.br>. Acesso em: janeiro de 2006.

CASA 02
RESIDÊNCIA AMIN
1966

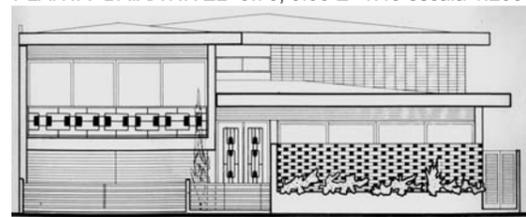
PROJETO
desenhista Tilodi



PLANTA- BAIXA NÍVEL 0.00 E NÍVEL 1.75 escala 1:200



PLANTA- BAIXA NÍVEL -0.70, 0.00 E -1.40 escala 1:200



FACHADA DO PROJETO ORIGINAL sem escala
Fonte: projeto encontrado na SUSP.



FOTO SITUAÇÃO ATUAL FACHADA
fonte: arquivo pessoal, 2005



FOTO VARANDAS- DA SALA DE JANTAR E DOS QUARTOS
Fonte: arquivo pessoal, 2005

Sobre o projeto

Localização: Irmã Benwarda, nº113
Ano do projeto: 1966
Nº do projeto na SUSP: 15456
Uso atual: residencial

Sobre os moradores

1º proprietário: Aluizio Blasi
Profissão: advogado
Grupo familiar: 05 pessoas, sendo o casal e 03 filhos

Áreas

Área terreno: 313 m²
Taxa de ocupação: 53%
Área construída: 363m², sendo 167,05m² térrea

Relação edificação-terreno

Localiza-se na rua Irmã Benwarda, em frente à Maternidade Carmela Dutra. O projetista propôs quatro níveis, explorando a declividade do terreno. A casa ocupou toda largura do lote sendo a fachada composta por volumes prismáticos retangulares, acentuados pelos beirais de concreto. O acesso de pedestre localiza-se no centro da edificação e o acesso de serviço acontece pela garagem, localizada na parte esquerda da casa. A harmonia dos volumes destaca a edificação na paisagem e a cor branca valoriza a composição.

Organização Espacial

Da porta principal tem-se acesso à sala de estar, isolada do restante da casa por ser o único ambiente neste nível onde acontece a distribuição de circulações da edificação. Pode-se descer por uma porta lateral e chegar à garagem, subir até a sala de TV ou descer, seguindo em frente, até a sala de jantar. A escada é o centro da casa. No pavimento mais alto encontra-se o setor íntimo, formado por dois quartos e suíte, todos orientados para o norte. É interessante destacar aqui a grande varanda para a qual os aposentos se abrem e que funciona como um ambiente intermediário entre a rua e o interior, amenizando a temperatura e melhorando a ventilação. Também neste nível há a biblioteca e a sala de TV. No nível mais baixo encontra-se a sala de jantar, aberta para uma varanda, e o setor de serviço, onde se encontra a adega.

Materiais utilizados

As paredes externas têm 25 cm de espessura e as internas 15cm, todas em alvenaria. A estrutura é de concreto armado e a cobertura recebeu laje sob as telhas de fibrocimento somente na área avarandada, onde o beiral de concreto se prolonga. No interior da casa, no pavimento superior, foi usado forro. O pé direito é de 2,80m e em alguns ambientes, como a sala de estar, pode-se encontrar sanca de iluminação junto à laje. As janelas frontais e a porta da sala de jantar vão até o forro e as dos quartos receberam venezianas. As áreas molhadas foram revestidas com ladrilho hidráulico e receberam azulejos até o teto. Soleiras e peitoris são de mármore, nas áreas externas foi usado pedra São Thomé, na garagem e adega cerâmica e nos demais ambientes taco, este último encoberto atualmente nos quartos por carpete. A escada feita em jacarandá da bahia se destaca.

Entrevista com o morador

O casal de advogados mora na casa desde 1970. Compraram o lote, na rua recém aberta, que embora tivesse um declive grande, gostaram muito da localização que já na época era nobre. Contrataram um arquiteto, mas não gostaram do projeto que acabou sendo feito por um desenhista que satisfizes as exigências do casal e sugeriu o estilo da casa. A proprietária relata que desde a construção da casa só foram feitas manutenções e que o casal está satisfeito e feliz morando no local.

Setores

Setor social:
Sala de estar, sala de jantar, lavabo, circulação, biblioteca, sala de TV e varanda.

Setor íntimo:
Suíte com closet, 02 quartos e banheiro.

Setor de serviço:
Cozinha, lavanderia, adega, dependência de empregada e garagem para 02 carros.

Referências Plásticas

O uso de janelas contínuas na fachada frontal possibilita uma maior integração do interior com o exterior.

O espaço de convívio da família, na sala de jantar, se estende pelo terreno, através da grande varanda. Há um aproveitamento total dos recuos do lote.

A planta-baixa é funcional. A busca por uma circulação eficiente e por uma melhor orientação solar direcionou a distribuição dos ambientes.

O jogo de volumes prismáticos retangulares define o volume.

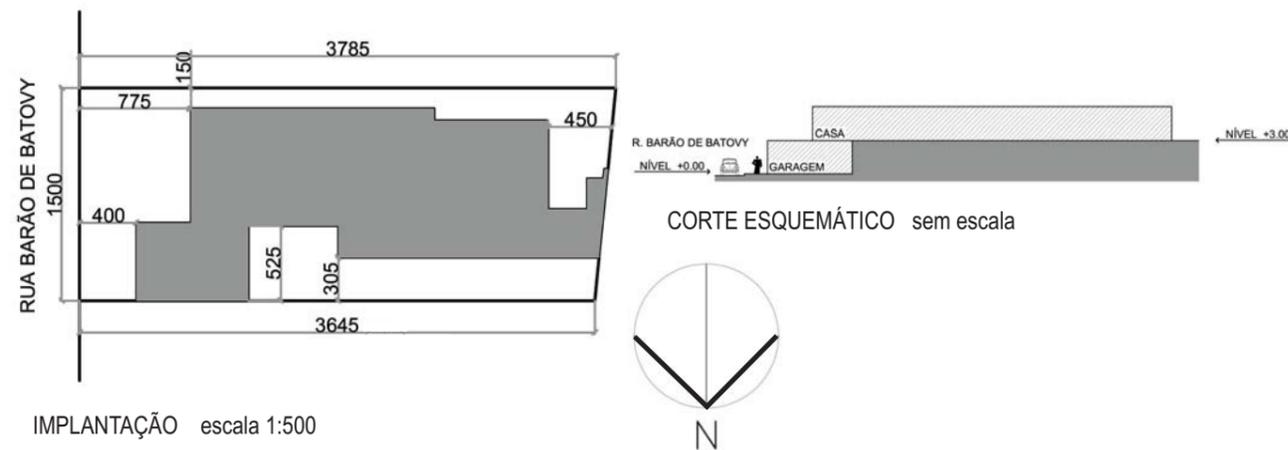
Os elementos vazados usados na composição da fachada original foram muito difundidos ainda na década de 50 como pode ser constatado na casa abaixo, projetada por Bratke.



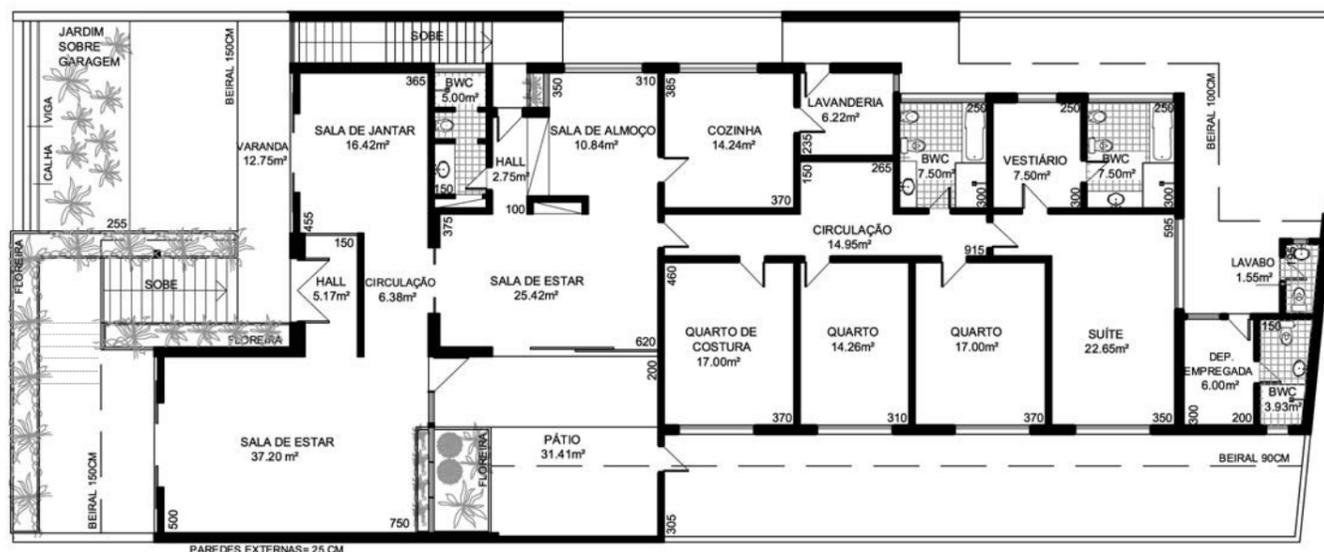
CASA DO ARQUITETO, 1953, São Paulo.
Arquiteto Oswaldo Artur Bratk
Fonte: MINDLIN, 2000.

CASA 03
RESIDÊNCIA BLASI
1968

PROJETO
desenhista João David de Souza



IMPLANTAÇÃO escala 1:500



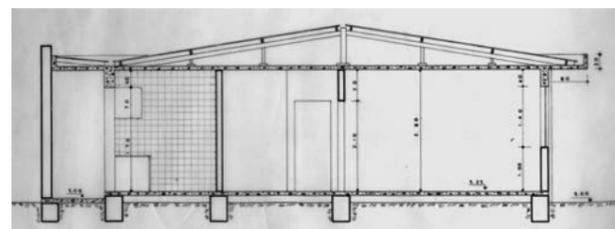
PLANTA- BAIXA PAVTO SOBRE GARAGEM escala



MUXARABI NAS ESQUADRIAS
Fonte: arquivo do morador, 2005.



PÁTIO
Fonte: arquivo pessoal, 2005.



CORTE PROJETO ORIGINAL sem escala
Fonte: projeto original disponibilizado pelo morador



FOTOS SITUAÇÃO ATUAL
Fonte: arquivo pessoal, 2005



FACHADA PROJETO ORIGINAL sem escala
Fonte: projeto original disponibilizado pelo morador

Sobre o projeto

Localização: Barão de Batovy, nº507
Ano do projeto: 1968
Nº do projeto na SUSP: 14604
Uso atual: residencial

Sobre os moradores

1º proprietário: Sylvio Orlando Damiani
2º proprietário: Sadi Lima
Profissão: advogado
Grupo familiar: 06 pessoas, sendo o casal e 04 filhos

Áreas

Área terreno: 575,25 m²
Taxa de ocupação: 62%
Área construída: 413,32m², sendo 56,07m² de garagem (nível da rua)

Relação edificação- terreno

O engenheiro explorou o terreno em acive propondo a garagem no nível da rua e desenvolvendo a casa num pavimento acima, ocupando toda extensão do lote. No nível da rua, destaca-se a grande parede de pedra que marca a escada principal. O volume da edificação é simples, formado por dois prismas retangulares não alinhados. Nas aberturas foram usados muxarabis que dão destaque à fachada. O acesso principal, citado acima, localiza-se no lado direito da garagem e o acesso de serviço, mas usado, no lado esquerdo.

Organização Espacial

A entrada principal é marcada pela longa escadaria que traz o visitante da rua, até um pequeno hall de onde pode-se observar a sala de estar e a de jantar. O setor social localiza-se na parte da frente da casa. Uma grande sala de estar se abre para o terraço frontal e para o pátio. Um segundo hall recebe o morador pela entrada de serviço e leva à sala de estar menor, também ligada ao pátio. O banheiro social é compartimentado e é separado da sala de jantar por um armário. O setor íntimo se desenvolve junto à fachada norte da casa e é formado por ambientes amplos. A cozinha e a lavanderia estão voltadas para o sul. Nos fundos do lote pode-se encontrar a dependência de empregada e um lavado.

Materiais utilizados

A estrutura é de concreto armado, as paredes de alvenaria sendo as externas mais espessas que as internas. A cobertura é de telha fibrocimento, escondida pelas platibandas que arrematam os grandes beirais que chegam a 1,20m. As floreiras, a laje jardim da frente da casa, a madeira nobre dos muxarabis e o taco do piso se encontram em excelente estado de conservação. É importante destacar os armários embutidos, feitos durante a obra, que na cozinha não receberam madeira na parte de trás, ficando a parede azulejada como fundo.

Entrevista com o morador

Sadi Lima, advogado, mora na casa há vinte e um anos e a comprou do primeiro proprietário. Relatou que numa visita à residência de João Batista Bonassis (casa 07), ficou admirado com a beleza da casa, sonhando um dia possuir uma igual. Algum tempo depois, surgiu a oportunidade de adquirir o imóvel na mesma rua. A casa era bastante confortável e vinha com muitos móveis embutidos. Além disto, era um sonho morar na Ilha e os juros baixos da época facilitaram a compra. A localização era central e nobre. Está muito satisfeito com a casa e apesar do alto preço já oferecido, não quer vendê-la. Com a troca de proprietário, alguns ambientes receberam outros usos. A sala de jantar, por exemplo, virou um escritório/ biblioteca e a sala de estar menor recebeu a TV. Os moradores já sentem, há alguns anos, diferenças no dia a dia devido aos novos vizinhos, prédios multifamiliares.

Setores

Setor social:
hall, 02 salas de estar, sala de jantar, banheiro compartimentado, circulação, sala de almoço, terraço, pátio e varanda.

Setor íntimo:
Suíte com closet, 02 quartos, banheiro, circulação e quarto de costura.

Setor de serviço:
Hall, cozinha e lavanderia.

Setor externo:
Dependência de empregada, lavabo e garagem para 02 carros.

Referências Plásticas

A laje jardim, sobre a garagem, se destaca na fachada.

Os muxarabis nas aberturas e o grande painel em pedra, que marca a escada principal, são elementos típicos da arquitetura modernista brasileira.

Houve o aproveitamento dos recuos laterais e frontais para criação de jardins. Destaque para o pátio, que além de trazer luminosidade para os ambientes, propicia integração visual.

Alguns princípios orgânicos são observados neste projeto identificado pelo jogo volumétrico que reforça as linhas horizontais. Esta influência da arquitetura de Wright também pode ser observada na casa abaixo, de Forte.



CASA DO ARQUITETO, São Paulo, 1948.
Arquiteto Miguel Forte.
Fonte: <http://www.vitruvius.com.br>. Acesso em: janeiro de 2006.

**CASA 04
RESIDÊNCIA LIMA
1968**

**PROJETO
engenheiro Olavo Arantes e Adroaldo
Pereira**

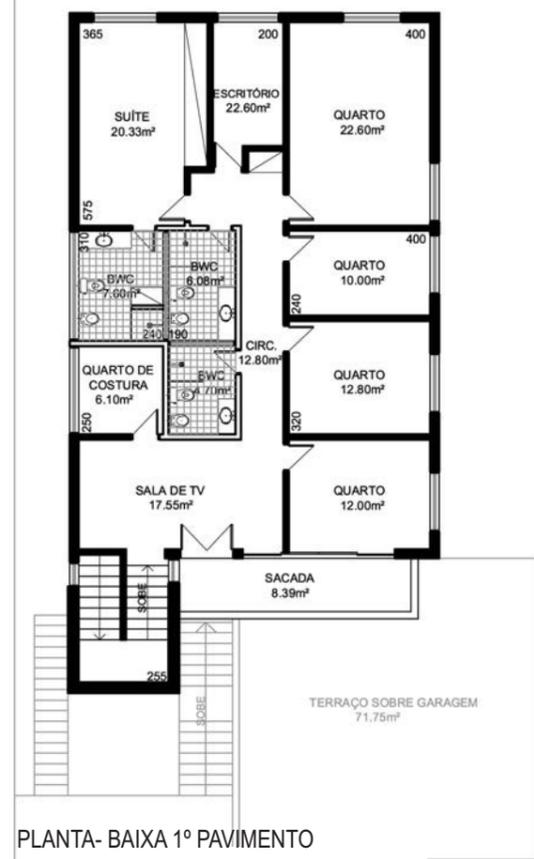
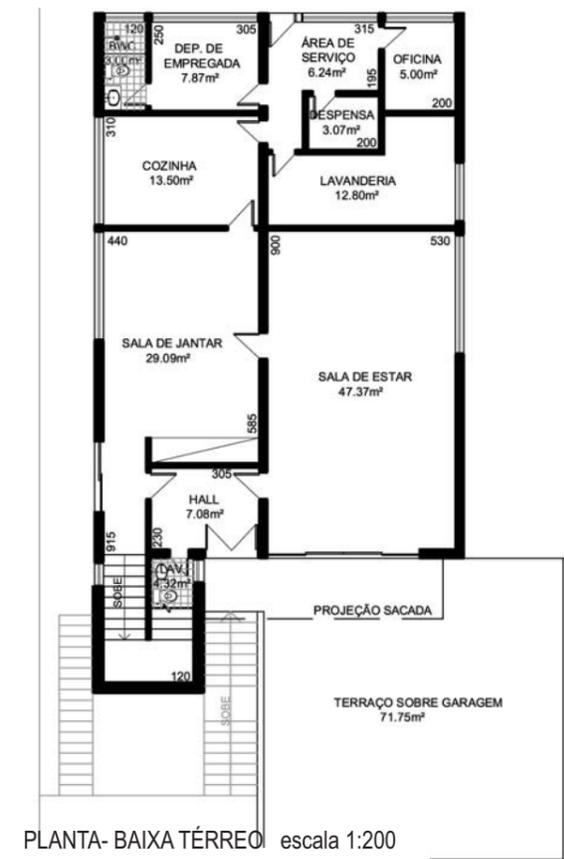
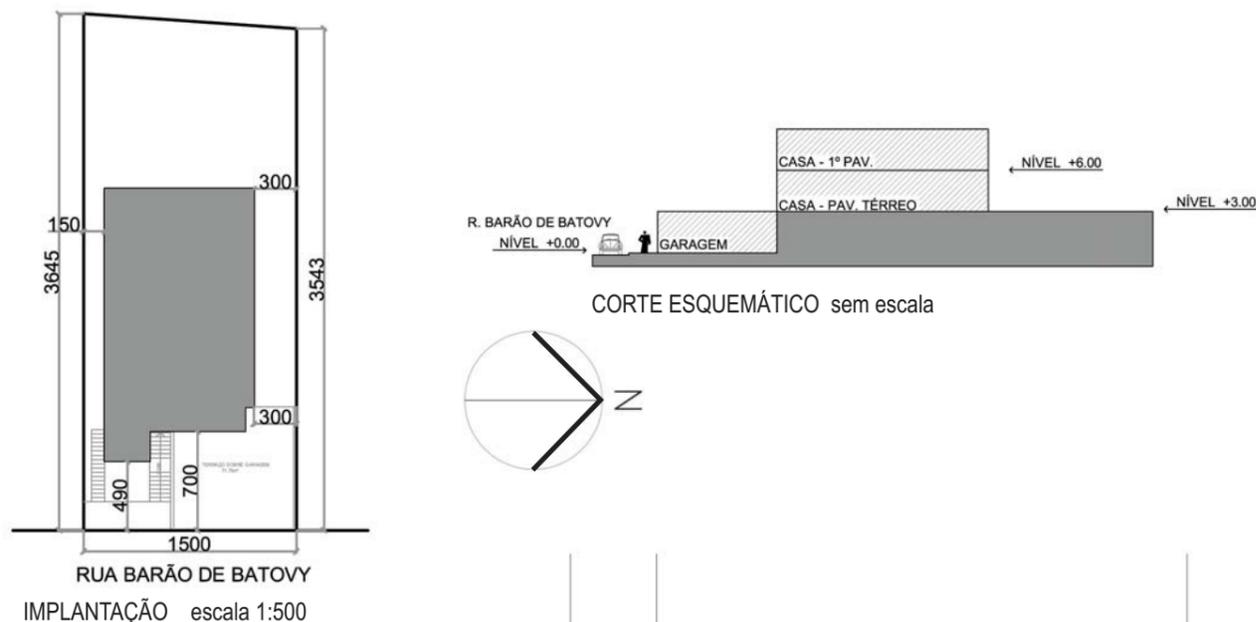
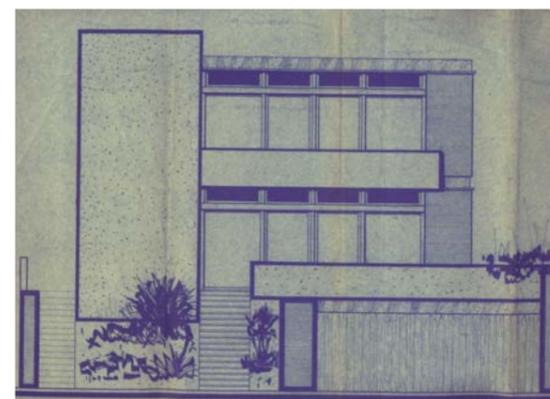


FOTO SITUAÇÃO ATUAL - FACHADA
Fonte: arquivo pessoal, 2005



FACHADA PROJETO ORIGINAL
Fonte: projeto disponibilizado pelo morador

Sobre o projeto

Localização: Barão de Batovy, nº523
Ano do projeto: 1969
Nº do projeto na SUSP: -
Uso atual: residencial

Sobre os moradores

1º proprietário: Ewaldo J. R. Schaefer
Profissão: médico
Grupo familiar: 10 pessoas, sendo o casal, 07 filhos e a sogra

Áreas

Área terreno: 539,32 m²
Taxa de ocupação: 44%
Área construída: 415,48m² sendo 183,65m² do pavimento térreo e 48,18m² de garagem (nível rua)

Setores

Setor social:
Hall, sala de estar, sala de jantar, terraço e lavabo.

Setor íntimo:
Suíte, 04 quartos, 02 banheiros, circulação, quarto de costura, escritório, sacada e sala de TV.

Setor de serviço:
Cozinha, lavanderia, dependência de empregada completa, área de serviço, oficina e despensa.

Setor externo:
Garagem para 02 carros.

Relação edificação- terreno

Esta casa localiza-se na rua Barão de Batovy e é facilmente identificada pela volumetria pura e pelos tijolos aparentes. Nela, o arquiteto optou por fazer a garagem junto à rua, repetindo um padrão facilmente encontrado no local, onde os terrenos são em aclive e as residências são elevadas em relação à rua. O projeto compreende dois pisos e ocupa a parte frontal do lote. O acesso de pedestres dá-se à esquerda da garagem, que foi projetada para abrigar dois carros. Foram deixados recuos laterais, sendo o do lado direito de 3m. O menor recuo frontal tem 4,90m, este, junto ao volume que recebe a escada, que se destaca na fachada. Quanto à orientação, a casa tem sua fachada frontal voltada para o leste e todos os quartos para o norte.

Organização Espacial

A porta principal tem acesso pela escadaria que tangencia o grande terraço sobre a garagem. O setor social é formado pela sala de jantar, pela sala de estar, pelo lavabo e pelo hall. Do hall tem-se acesso à sala de estar, à direita, ou à sala de jantar e a escadaria, que leva ao piso superior, à esquerda. Além de ter cozinha e lavanderia espaçosos, o setor de serviço conta também com despensa, área de serviço, oficina e dependência de empregada. Todo setor íntimo localiza-se no pavimento superior, cujos quartos foram voltados para o norte. O desenvolvimento da planta em dois pavimentos permitiu uma maior setorização do projeto.

Materiais utilizados

A estrutura é de concreto armado e as paredes de alvenaria. A laje intermediária é dupla e última laje é protegida por uma cobertura de telha fibrocimento, escondida atrás da platibanda, no alinhamento das paredes externas. As aberturas receberam venezianas, sendo de madeira e de enrolar. O arquiteto desenhou a casa em tijolos aparentes, mas teve o cuidado de destacar o volume da escada que recebeu chapisco na face frontal. Destacou também com chapisco a viga sobre a garagem e a da sacada no pavimento superior, reforçando a horizontalidade destes elementos. As paredes externas são mais espessas que as internas e o pé direito é de 2,80m. No corredor dos quartos há um condutor para jogar roupas sujas diretamente para a lavanderia.

Entrevista com o morador

O morador construiu a casa no ano de 1969 quando contratou o arquiteto Gama D'Eça. Desde então, mora com a esposa na residência onde já moraram dez pessoas. Morava anteriormente na Chácara da Espanha e adquiriu o lote porque se tratava de um local alto e ensolarado, com orientação leste para a rua que propiciava a localização dos quartos na fachada norte. O arquiteto sugeriu o estilo e o proprietário gostou do projeto porque era simples e atendia às necessidades da família. O casal está totalmente satisfeito com sua casa.

Referências Plásticas

A volumetria pura e compacta e o tijolo aparente identificam esta casa.

A distribuição funcional da planta aconteceu segundo a orientação solar, fato percebido através da localização dos quartos.

O espaço é contínuo na sala de estar e aberto para o terraço acima da garagem, integrando exterior com interior.

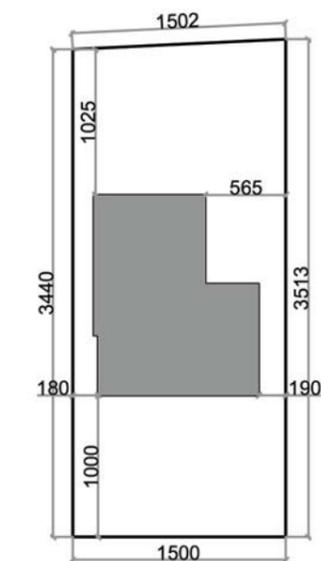
O jogo forte de volumes nos remete a arquitetura feita na década de 30 por Warchavchik, inspirada na arquitetura racionalista Corbusiana.



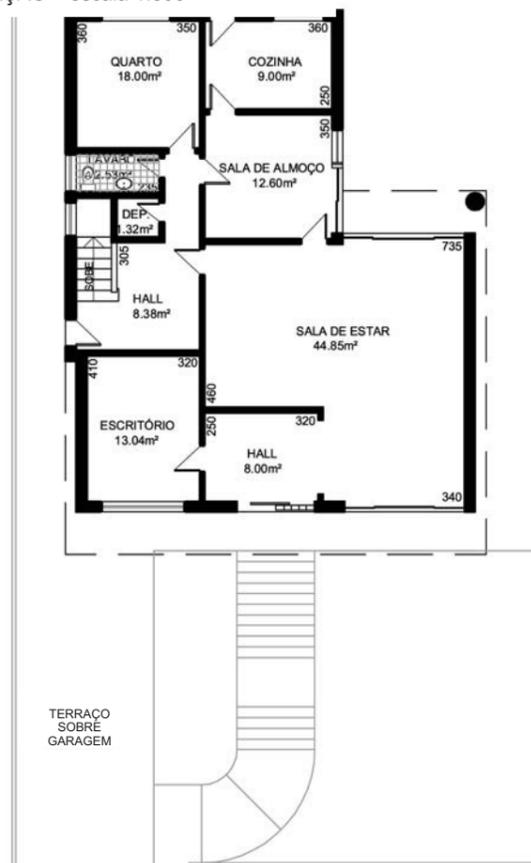
CASA LUIZ DA SILVA PRADO, 1930, São Paulo.
Arquiteto Gregori Warchavchik
Fonte: XAVIER, 1983.

CASA 05
RESIDÊNCIA SCHAEFER
1969

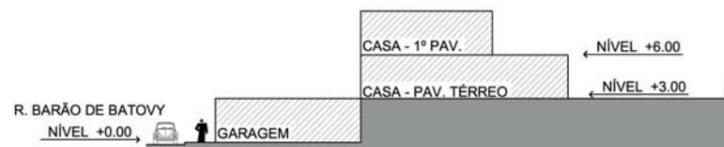
PROJETO
arquiteto Luiz Gama Lobo D'Eça



RUA BARÃO DE BATOVY
IMPLANTAÇÃO escala 1:500



PLANTA- BAIXA TÉRREO escala 1:200



CORTE ESQUEMÁTICO sem escala



PLANTA- BAIXA 1º PAVIMENTO escala 1:200



FACHADA ORIGINAL escala 1:200
Fonte: arquivo da SUSP, 2005.



FOTOS FACHADA
Fonte: arquivo pessoal, 2005



Sobre o projeto

Localização: Barão de Batovy, nº527
Ano do projeto: 1959
Nº do projeto na SUSP: 7879
Uso atual: sem uso

Sobre os moradores

1º proprietário: Nereu Corrêa de Souza

Áreas

Área terreno: 521 m²
Taxa de ocupação: 26%
Área construída: 276m² sendo 136m² do pavimento térreo, 120m² do pavimento superior e 20m² de garagem (nível rua)

Setores

Setor social:
Hall, sala de estar, sala de almoço, circulação e escritório.

Setor íntimo:
Suíte com closet, 02 quartos, banheiro e circulação.

Setor de serviço:
Cozinha, depósito, lavabo, quarto e hall.

Setor externo:
Garagem para 01 carro.

Relação edificação-terreno

Localiza-se também na rua Barão de Batovy, num terreno em acive. A garagem, em pedra, foi feita no nível da rua e diferente das demais casas citadas, não dialoga com a linguagem usada na casa, mais moderna. É uma casa de dois pavimentos, cujo pavimento superior se destaca na fachada por avançar além do térreo através de um balanço acompanhado pelo beiral e pelas paredes laterais superiores, dando a impressão de uma caixa suspensa. Para reforçar esta impressão as paredes laterais superiores não coincidem com as do andar de baixo que se encontram deslocadas 30 cm para dentro. Há somente um acesso de pedestres, pela escadaria, na frente da casa voltada à leste. Foram deixados recuos em todos os lados, sendo que o frontal chega a 10m.

Organização Espacial

O hall principal dá acesso ao escritório e à sala de estar que se abre para um pátio e para a frente da casa. Na fachada sul há outro hall, de serviço, de onde pode-se ter acesso à escada que leva ao andar superior, ao depósito, ao lavabo, ao quarto e a sala de almoço. Esta última também se abre para o pátio e liga a cozinha ao restante da casa. O andar superior define o setor íntimo, formado por dois quartos e suíte. A divisão entre os dois quartos foi pensada com mobiliário. O closet, na suíte, é um ambiente que começa a aparecer nesta época. No andar térreo pode-se destacar o escritório, isolado do ambiente familiar.

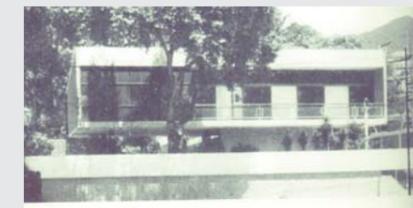
Materiais utilizados

A estrutura é de concreto armado e as paredes de alvenaria. As paredes externas são espessas, chegando a 30 cm. O pé direito é de 3 metros, tanto no térreo quanto no primeiro pavimento. Nos banheiros os azulejos vão até 1,50 m da altura da parede e o piso é cerâmico, igual ao da cozinha e ao da sacada. O piso nas salas, quartos e hall de serviço é taco e no hall principal é de mármore. Há laje de cobertura devidamente protegida por uma segunda cobertura de telha fibrocimento. O pequeno beiral é de concreto, cuja viga de amarração tem 30 cm de altura e funciona como platibanda, escondendo o telhado.

Referências Plásticas

A sala de estar está integrada com o exterior através de duas portas. A primeira se abre para frente da casa e a segunda, para trás. Pode-se observar aqui a tendência modernista de valorizar todas as fachadas, procurando aproveitar os recuos para criar espaços como pátios e jardins.

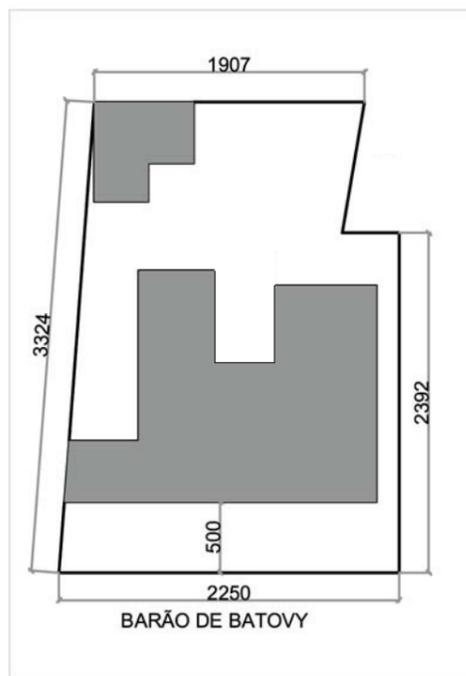
O volume racional desta casa se destaca na paisagem. O pavimento superior avança sobre o térreo como uma caixa suspensa. Solução volumétrica parecida a esta pode ser observada na casa abaixo, projetada por Bernardes, em 1951.



CASA DE JADIR DE SOUZA, 1951, Rio de Janeiro
Arquiteto Sérgio Bernardes
Fonte: MINDLIN, 2000.

CASA 06
RESIDÊNCIA CORRÊA DE SOUZA
1959

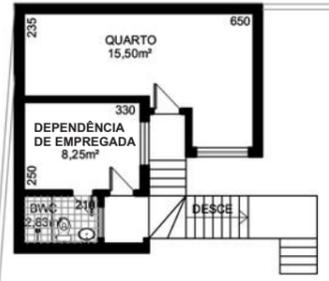
PROJETO
engenheiro David da Luz Fontes



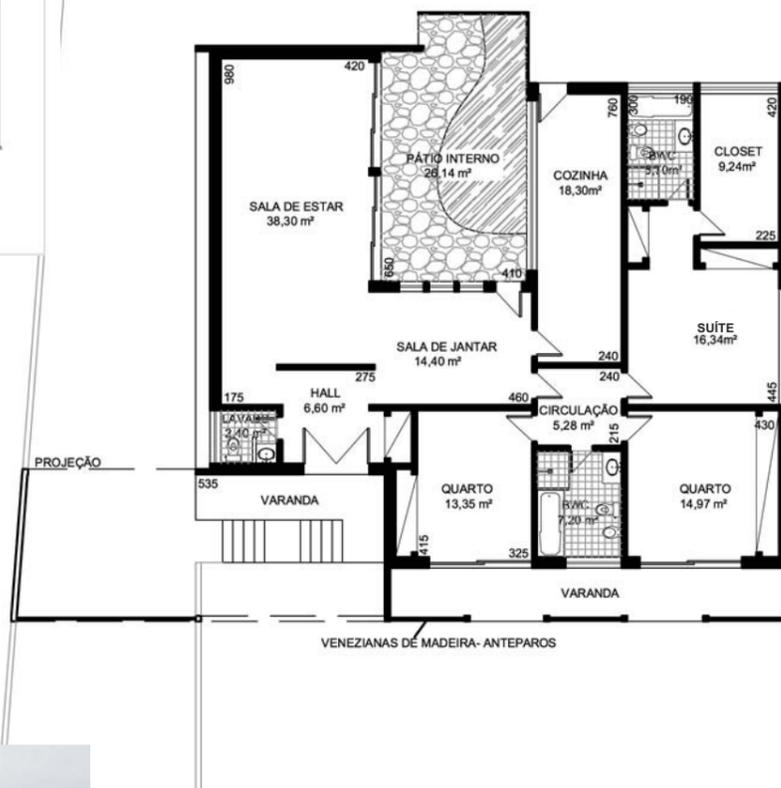
IMPLANTAÇÃO escala 1:500



PLANTA-BAIXA TÉRREO- EDÍCULA
escala 1:200



PLANTA-BAIXA 1ºPVTO- EDÍCULA
escala 1:200



PLANTA- BAIXA escala 1:200



FOTOS FACHADA - SITUAÇÃO ATUAL
fonte: arquivo pessoal, 2005



FOTO FACHADA- DÉCADA DE 70
fonte: arquivo da proprietária, 2005.

Sobre o projeto

Localização: Barão de Batovy, nº587
Ano do projeto: 1959
Nº do projeto na SUSP: 8090
Uso atual: educacional

Sobre os moradores

1º proprietário: João Batista Bonassis
Profissão: advogado
Grupo familiar: 05 pessoas, sendo o casal e 03 filhos
2º proprietário: Célio G. Salles
Profissão: médico
Composição familiar: 05 pessoas, sendo o casal e 03 filhos

Áreas

Área terreno: 711,61 m²
Taxa de ocupação: 40,7%
Área construída: 289,70m², sendo 66,70m² de edícula

Relação edificação- terreno

Esta casa, também localizada na rua Barão de Batovy, num terreno em alicive, foi implantada acima do nível da rua e se destaca pela horizontalidade do volume, marcado por painéis de venezianas em madeira. Os acessos, tanto de pedestre como de veículo, acontecem no lado esquerdo do lote. A garagem está localizada nos fundos do lote numa edícula. A planta- baixa é em "U" e tem no seu centro um pátio onde foi previsto um laguinho de forma orgânica. Das casas já estudadas, é a primeira que apresenta edícula que por sua vez, destoa arquitetonicamente da casa.

Organização Espacial

O projeto é inovador, tanto pela setorização, quanto pela estruturação entorno do pátio. No hall há um armário embutido e o lavabo. A parede, anteparo para o visitante, direciona para a grande sala de estar ou para sala de almoço, ambas abertas para o pátio interno e integradas. Da sala de almoço tem-se acesso à cozinha ou à circulação do setor íntimo. Este último está voltado para o norte e para o leste e tem dois quartos que se abrem para a varanda frontal. Embora abertos para a frente da casa, mantêm sua privacidade devido aos anteparos, venezianas de madeira, que impedem que o olhar do transeunte invada estes ambientes. Hoje, os espaços livres entre estes anteparos foram fechados com vidro. O setor de serviço está concentrado na edícula. Embora seja uma casa com grandes aberturas frontais, é aberta para o interior, para o pátio que articula todo setor social.

Materiais utilizados

As paredes externas foram feitas com 30cm de espessura e as internas com 15cm. A estrutura de concreto armado, as paredes de alvenaria, a cobertura dupla (laje de concreto e sobre esta, telha de fibrocimento), a platibanda finalizando o beiral, são soluções construtivas comuns nas casas inventariadas. Materiais nobres são encontrados nesta residência como o alumínio da janela da cozinha, as venezianas de madeira, enroladas verticalmente, e os grandes painéis de vidros encontrados nas portas. Os armários da casa, feitos durante a obra com madeira nobre, e o grande balanço frontal, na varanda dos quartos, foram inovações.

Entrevista com o morador

A família Salles adquiriu a casa do primeiro proprietário em 1973 e morou nela durante dezessete anos. A proprietária relatou saudosa que quando conseguiram comprá-la ficaram muito satisfeitos, pois além de ser boa, vistosa e espaçosa, havia muitas pessoas interessadas pela compra. Algumas inovações no projeto foram citadas pela proprietária: balanços na fachada frontal, o lavabo, o hall, o closet da suíte, as esquadrias com muito vidro e a própria divisão funcional da casa que implicava na mudança de alguns hábitos dos moradores.

Setores

Setor social:
Hall, sala de estar, sala de jantar, lavabo e pátio.

Setor íntimo:
Suíte com closet, 02 quartos, banheiro e circulação.

Setor de serviço:
Cozinha e copa.

Setor externo:
Lavanderia, dependência de empregada, quarto e garagem para 01 carro.

Referências Plásticas

Planta em "U", setorizada, organizada entorno de um pátio que integra ambientes sociais, traz luminosidade e volta a casa para dentro.

Tratamento paisagístico no pátio que recebeu um espelho d'água com linhas curvas.

Grandes painéis de venezianas de madeira na fachada frontal.

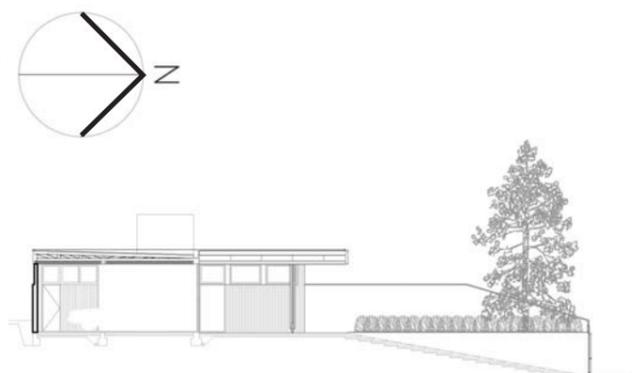
Sistema estrutural modulado com vão estrutural mantido vazio no lado esquerdo da fachada frontal. Esta mesma solução pode ser observada na casa abaixo, de Artigas.



CASA HEITOR ALMEIDA, 1949, São Paulo.
Arquiteto Vilanova Artigas
Fonte: MINDLIN, 2000.

CASA 07
RESIDÊNCIA SALLES
1959

PROJETO
arquiteto Domingos Filomeno Netto

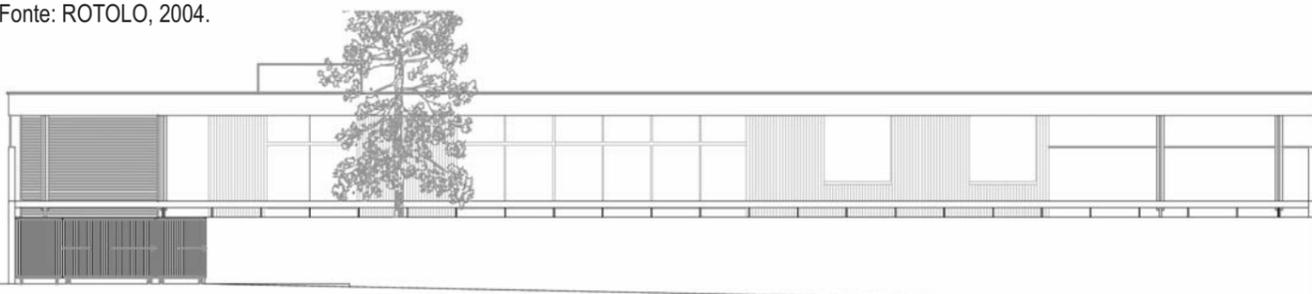


CORTE LATERAL escala 1:200
Fonte: ROTOLO, 2004.

RUA BARÃO DE BATOVY
IMPLANTAÇÃO escala 1:500
Fonte: ROTOLO, 2004.



PLANTA- BAIXA escala 1:200
Fonte: ROTOLO, 2004.



FACHADA FRONTAL escala 1:200
Fonte: ROTOLO, 2004.



FOTO FACHADA FRONTAL E PÉRGULA LATERAL
fonte: arquivo pessoal, 2005



Sobre o projeto

Localização: Barão de Batovy, nº627
Ano do projeto: 1959
Nº do projeto na SUSP: -
Uso atual: residencial

Setores

Setor social:
Hall, sala de estar, sala de jantar,
lavabo e biblioteca.

Sobre os moradores

1º proprietário: Margaretha Zipser
Profissão: do lar
Grupo familiar: 03, sendo o casal e uma
filha.

Setor íntimo:
03 quartos, 02 banheiros e circulação.

Setor de serviço:
Cozinha, lavanderia, despensa,
dependência de empregada, área de
serviço e garagem para 01 carro.

Áreas

Área terreno: 900m²
Taxa de ocupação: 25%
Área construída: 222,15m²

Relação edificação- terreno

O lote foi dividido em duas parcelas iguais. A parte anterior, que está em contato com a rua se destinou para o jardim, rampa e escada de acesso. A outra parte, em sua totalidade, é ocupada pelo edifício. Broos define a metade reservada para o edifício através da estrutura da cobertura, pois uma viga de 60cm envolve todo seu perímetro. A solução confere identidade à casa. O jardim deixa de ser um resíduo circundante para ganhar status de elemento compositivo, isola a casa da agitação da rua e se relaciona com os espaços interiores. O terreno em alíve foi nivelado pela sua cota mais alta. Da rua, a casa se destaca e da casa, a rua se separa agradavelmente (ROTOLO, 2004).

Organização Espacial

A distribuição dos ambientes é funcional. O setor social está voltado para rua, a leste. Sala de estar, jantar estão integrados com o jardim através das grandes portas corredeiras. Um armário separa biblioteca dos dois ambientes citados. O hall localiza-se junto à entrada, onde está o lavabo. O setor íntimo é formado por três quartos, cujos armários compõem as divisórias e dois banheiros. O setor de serviço é composto por cozinha e lavanderia, ambos amplos. A entrada de serviço liga à dependência de empregada e à entrada da cozinha. Nos recuos encontram-se jardins sombreados por pérgulas.

Materiais utilizados

A estrutura desta casa difere das outras casas inventariadas principalmente pelo uso da madeira. Vigas, pilares e muros são elementos portantes. Grandes portas de correr, de vidro e de venezianas de madeira, correm dentro da parede também em madeira. O piso da garagem é de concreto, o do setor social e do íntimo é de taco e nas áreas molhada é de ladrilhos. Placas de concreto foram usadas como pisos nos pátios externos. As divisórias são leves e nos quartos e na biblioteca são os armários embutidos, devidamente pensados para cada caso. A cobertura ventilada é composta por várias camadas de materiais como chapa de alumínio, manta asfáltica e fibra natural.

Entrevista com o morador

A família vive na casa desde 1962 e assim que chegou da Áustria contratou o arquiteto Broos que trabalhava em Blumenau. O estilo foi definido em conjunto pelo profissional e pelo proprietário que queria uma casa térrea. Tanto a construção quanto os materiais utilizados foram inovadores. A cobertura, com várias camadas, garantiu conforto térmico à edificação, mas não foi de fácil execução. O casal recebeu orientações do arquiteto quanto aos cuidados que deveriam ter na manutenção da residência. É importante destacar o bom estado de conservação desta residência, fruto dos cuidados da família que teme pelo futuro da casa.

Referências Plásticas

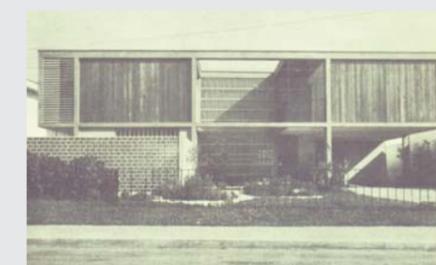
A continuidade espacial do setor social é conseqüência do arranjo espacial segundo o conceito da planta- livre.

Todo lote foi pensado em projeto, sendo os recuos aproveitados para jardins. As grandes aberturas integram exterior- interior, trazendo o verde para dentro da casa.

Superfícies revestidas de plaquetas litocerâmicas podem ser encontradas na fachada lateral e posterior, tendência da arquitetura modernista brasileira.

A estrutura modular e a divisão funcional da casa surpreendem pela racionalidade.

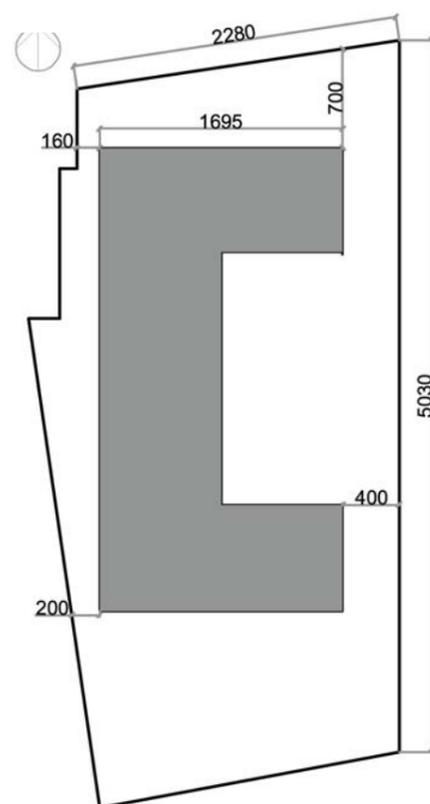
Nas casas de Bratke também é usada muita madeira na fachada. Porém, é importante destacar que as influências de Broos são européias e que o arquiteto, ainda quando morava na Europa, foi pessoalmente à Suíça, estudar as propostas de Le Corbusier.



CASA BENJAMIN FLEIDER, 1956, São Paulo
Arquiteto Oswaldo Arthur Bratke
Fonte: XAVIER, 1983

CASA 08
RESIDÊNCIA ZIPSER
1959

PROJETO
arquiteto Hans Broos

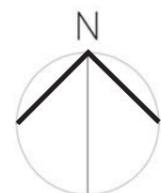


AVENIDA OSMAR CUNHA

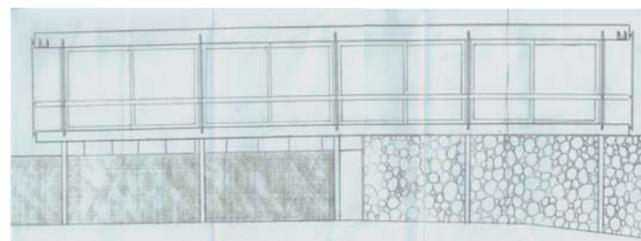
IMPLANTAÇÃO escala 1:500



CORTE ESQUEMÁTICO sem escala



PLANTAS- BAIXAS NA PRANCHA 02



FACHADA PROJETO ORIGINAL escala 1:500
Fonte: arquivo da SUSP, 2005.



FOTO FACHADA PARA AV. RIO BRANCO E MOSAICO DA ENTRADA PRINCIPAL- AMBAS SITUAÇÃO ATUAL
fonte: arquivo pessoal, 2005



Sobre o projeto

Localização: Avenida Rio Branco, esquina com a Rua Nereu Ramos
Ano do projeto: 1966
Nº do projeto na SUSP: 12557
Uso atual: educacional

Sobre os moradores

1º proprietário: Wilmar Henrique Becker

Áreas

Área terreno: 1195 m²
Taxa de ocupação: 34%
Área construída: 705m², sendo 405m² no primeiro pavimento

Setores

Setor social:
Escritório, lavabo, hall, sala de jantar, sala de estar, salão de festas, escritório, lavabo, circulação, varanda e sauna.

Setor íntimo:
Suíte do casal com closet, suíte de hóspedes, 03 quartos, quarto da camareira, sala íntima, biblioteca, 02 banheiros.

Setor de serviço:
Cozinha/ copa, 02 quartos de empregada, cozinha (térreo), depósito, banheiro, lavanderia, área de serviço e garagem para 03 carros.

Setor externo:
Vestiário e piscina

Relação edificação- terreno

É uma caixa de concreto, leve pelos balanços, que se destaca na paisagem. Os arquitetos exploraram o terreno em acive desenvolvendo o pavimento principal sobre o nível da garagem. A planta-baixa em "U" tem seu centro voltado para rua Nereu Ramos - à leste- e explora quase toda extensão do lote. Há um acesso de pedestre junto à Rio Branco e outro junto à garagem que está voltada para Nereu Ramos. A forma muito bem marcada da planta faz com que a casa se abra para o interior, para área de lazer onde se localiza a piscina. O terreno tem formato irregular e na sua parte frontal há um jardim com muito verde que se destaca aos olhos de quem passa em frente.

Organização Espacial

A entrada principal junto à garagem está fortemente marcada por um grande mosaico. No hall tem-se acesso à escadaria que leva ao primeiro pavimento, ao escritório, ao salão de festas ou ao grande setor de serviço com sauna, lavanderia, depósito e dependências de empregada. Para este setor há uma porta lateral à entrada principal. Subindo a escada principal chega-se num outro hall que distribui a circulação para o setor íntimo, para o social ou para o de serviço. O setor íntimo apresenta seis quartos, sendo dois suítes _ do casal e o dos hóspedes. Entre os quartos há o da camareira que possui duas portas, uma desta se abre para circulação externa que leva para a cozinha ou para a escada, esta desce até o setor de serviço do térreo. A orientação dos aposentos é leste ou norte, com exceção do quarto da "camareira" que volta-se para oeste. O setor social é formado por uma grande sala de estar integrada com jantar, ambas abertas para a área de lazer onde se localiza a piscina, ao norte, e para frente da casa voltada para avenida Rio Branco, ao sul.

Materiais utilizados

A estrutura é de concreto armado e modular. Na lateral menor, no sentido leste-oeste, encontram-se cinco pilares de 30x15cm, dispostos com vão regular de 4,20m. Nos três quartos, dispostos na fachada leste, a modulação fica mais evidente porque além de possuírem o mesma largura de 3m a divisão entre eles é feita pelo armário, de 60 cm de profundidade. Nesta casa há laje de cobertura dupla de 60 cm, o que auxilia no conforto da edificação. A laje do pavimento intermediário também é dupla, com espessura de 40cm. Os beirais variam de 90 cm a 150 cm e nas suas extremidades possuem grandes calhas que ficam embutidas entre a laje e a viga na extremidade. Concreto aparente, vidro e pedra identificam esta casa que dentre as inventariadas, destaca-se pelo sistema estrutural modular.

Referências Plásticas

A estrutura modular, em concreto armado, definiu a distribuição dos ambientes desta casa, organizada segundo o princípio da planta- livre.

A fachada se destaca na paisagem pelos panos de vidro, fazendo a integração do interior com o exterior, e pelo concreto aparente.

Há um grande painel artístico junto à entrada principal. A aproximação do artista e do arquiteto é característica da arquitetura moderna brasileira.

As divisões internas respeitaram a modulação estrutural e nos quartos foram feitas com o mobiliário.

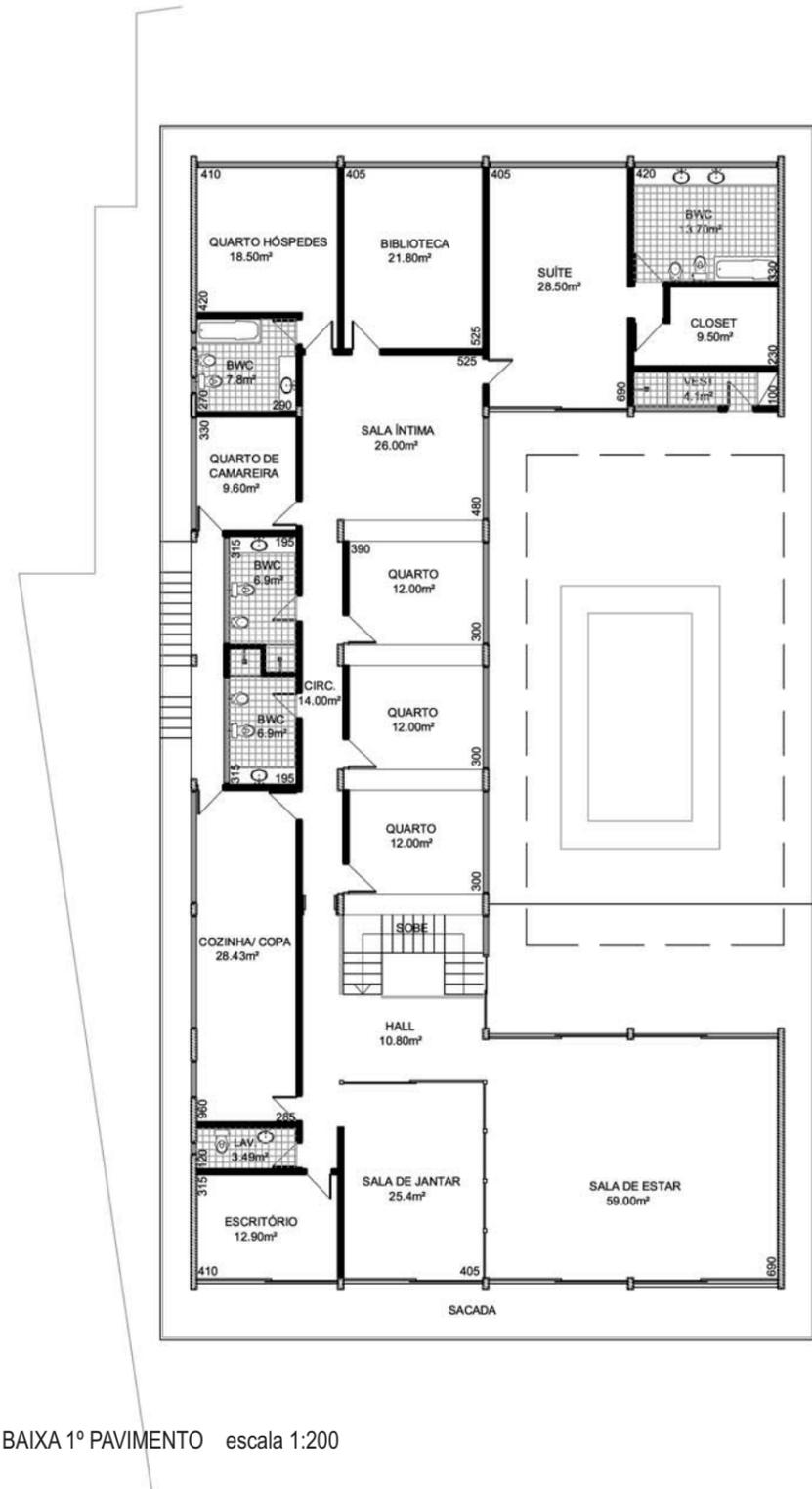
A arquitetura desta casa remete à brutalista paulistana, da década de 60.



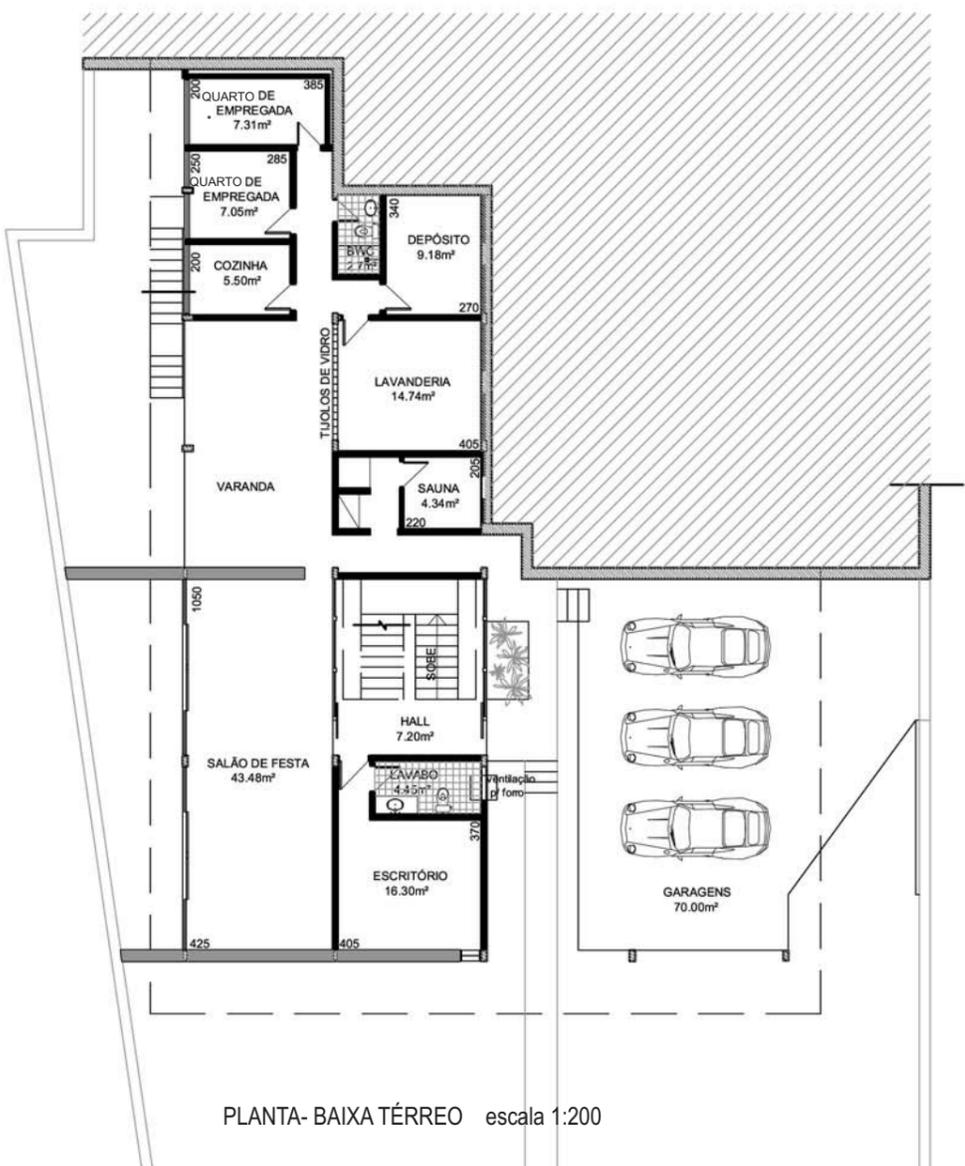
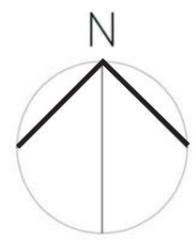
CASA JAMES FRANCIS KING, São Paulo, 1972
Arquiteto Paulo Mendes da Rocha
Fonte: XAVIER, 1983.

CASA 09/ 01
RESIDÊNCIA BECKER
1966

PROJETO
arquitetos Ademar Cassol e
Carmem Cassol



PLANTA- BAIXA 1º PAVIMENTO escala 1:200



PLANTA- BAIXA TÉRREO escala 1:200

CASA 09/ 02
 RESIDÊNCIA BECKER
 1966

PROJETO
 arquitetos Ademar Cassol e
 Carmem Cassol

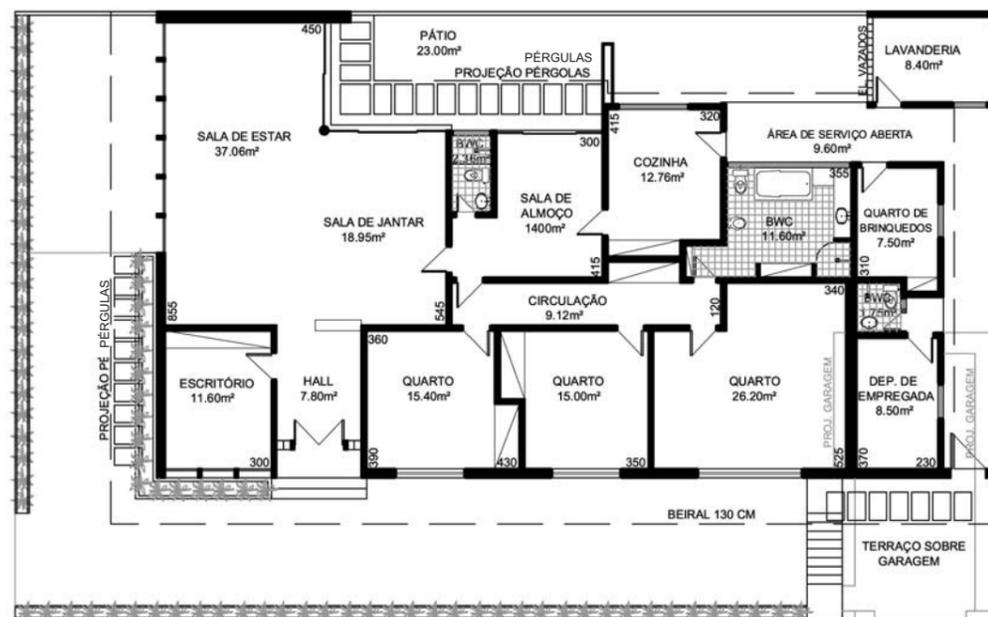
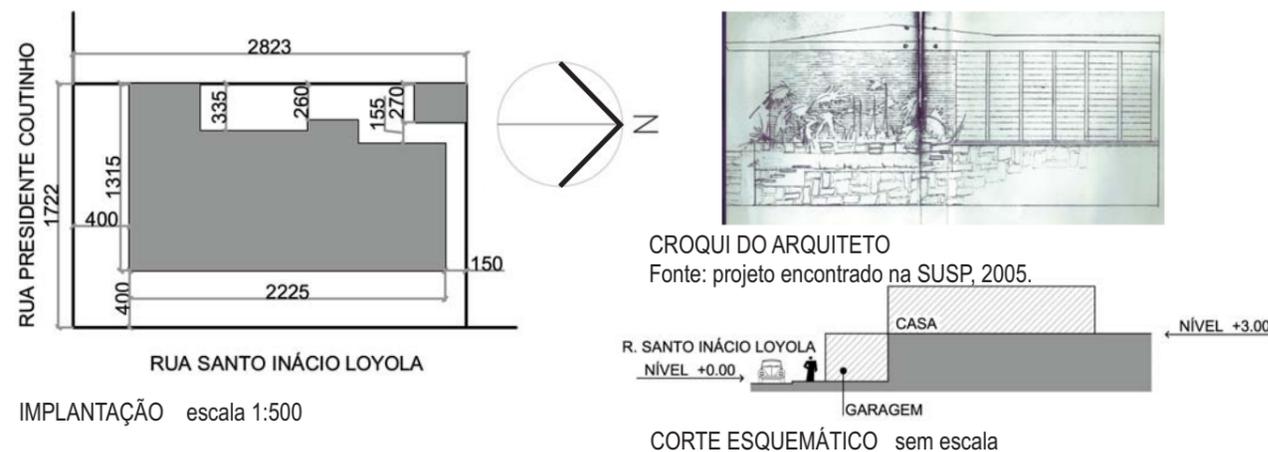


FOTO FACHADA
fonte: arquivo pessoal, 2005



FOTO PÁTIO INTERNO
fonte: arquivo pessoal, 2005



FOTO DA LAVANDERIA, DO BANHEIRO SOCIAL E DO TERRAÇO SOBRE A GARAGEM, TODOS AMBIENTES SEM ALTERAÇÕES
fonte: arquivo pessoal, 2005

Sobre o projeto

Localização: Presidente Coutinho, nº135
Ano do projeto: 1963
Nº do projeto na SUSP: 7668
Uso atual: residencial

Sobre os moradores

1º proprietário: Constantino Dimatos
Profissão: médico
Grupo familiar: 05 pessoas, sendo o casal e 03 filhos

Áreas

Área terreno: 488,13 m²
Taxa de ocupação: 45%
Área construída: 251m², sendo 30m² de garagem e 20m² de edícula

Setores

Setor social:
Hall, escritório, sala de estar, sala de jantar, sala de almoço, banheiro e pátio.

Setor íntimo:
03 quartos, banheiro e circulação com rouparia.

Setor de serviço:
Cozinha, quarto de brinquedo, dependência de empregada e lavanderia.

Setor externo:
Garagem e terraço.

Relação edificação- terreno.

É uma casa térrea localizada na esquina da rua Presidente Coutinho com a Santo Inácio Loyola. A cobertura da garagem funciona como terraço. As duas fachadas, sul e leste, são bem visíveis ao pedestre, mas, o uso de floreiras garantiu uma certa privacidade. O acesso principal, de veículo e de pedestre, dá-se pela Presidente Coutinho. No lado da garagem, voltada para Santo Inácio Loyola, há um acesso de serviço para pedestres. Um jogo de pilares, intercalados por vidro, confere leveza a fachada cuja horizontalidade foi intensificada pelo acabamento em madeira nas aberturas e pelo painel de tijolo aparente, iluminado através da pérgula.

Organização Espacial

A porta principal, cercada de tijolos de vidro, se abre para um hall onde uma estante elegante com traços chineses o separa do setor social. O setor social é integrado e os ambientes se abrem para um pátio, contornado por pérgulas e vegetação abundante. Todos os setores se encontram na sala de almoço que também se abre para o pátio. O setor íntimo é isolado do restante e seu corredor iluminado zenitalmente junto ao armário embutido que serve como rouparia. A cozinha é aberta para uma circulação externa, onde encontra-se o tanque, que dá acesso à edícula, ao quarto de brinquedos e à dependência de empregada.

Materiais utilizados

O beiral de concreto, chegando a 1,50m, é extensão da laje de cobertura, protegida por outra cobertura de telha fibrocimento. Na garagem a estrutura é de pedra. O piso da casa, com exceção das áreas molhadas, é taco. O banheiro que atende os quartos foi revestido com pastilhas e nele encontram-se dois armários embutidos. O piso da área de serviço foi cuidadosamente revestido com pedaços de cerâmica. A maioria dos móveis foi desenhada pelo próprio arquiteto e se encontra em excelente estado de conservação. Alguns feitos em jacarandá da bahia, outros de laca chinesa, ambos materiais nobres que na época foram trazidos de São Paulo.

Entrevista com o morador

A família vive na casa desde 1963. A proprietária relatou que o terreno de esquina atraiu a atenção do casal pela localização nobre que despertou confiança quanto à qualidade do imóvel. Ao falar da casa a proprietária lembra saudosa do engenheiro Boris que era detalhista e muito atencioso. Por ser uma casa considerada moderna para a época demorou três anos para ficar pronta devido à dificuldades quanto ao acesso de materiais e à falta de domínio das técnicas construtivas. A proprietária disse adorar a divisão por setores da casa cuja distribuição de ambientes garantiu privacidade e conforto para os moradores. As condições de conforto são boas, mas a família percebeu perda de qualidade após construção dos prédios vizinhos. A família adora a casa.

Referências Plásticas

Os ambientes do setor social são contínuos e organizados em torno de um pátio. O vidro transparente das aberturas voltadas para este pátio garantem uma maior integração do interior com o exterior.

A distribuição dos ambientes ocorreu por setores, numa divisão claramente funcional.

O volume retangular da casa ocupa todo o lote. Toda extensão de recuos foi aproveitada como jardins.

As superfícies da fachada receberam tratamento diferenciado, ora em tijolo aparente, ora em vidro, e a porta principal foi emoldurada por tijolos de vidro que permitem a entrada de luz.

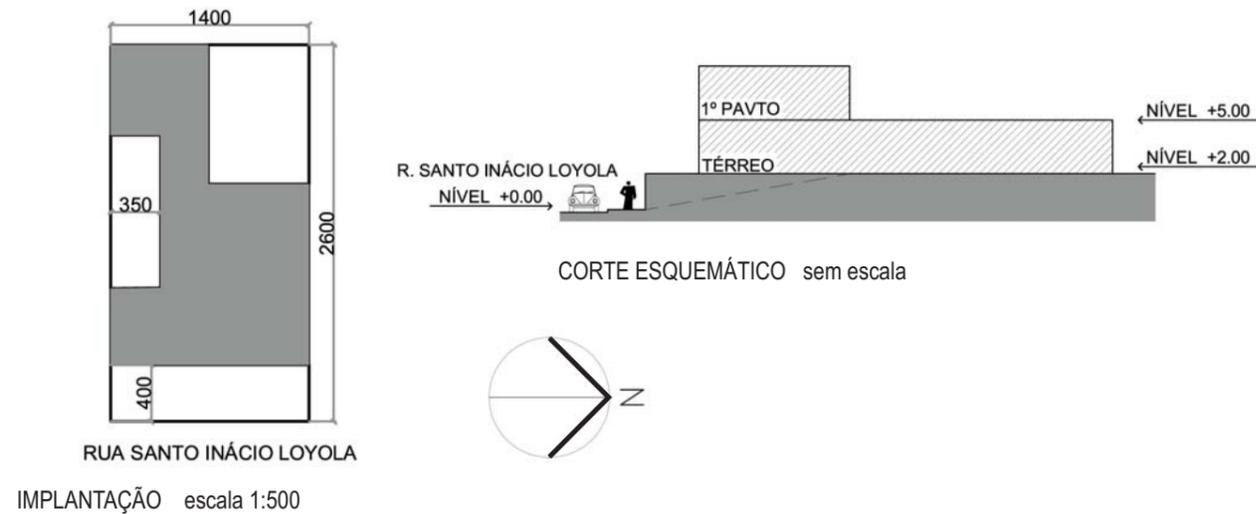
Pilares entre vidro quebram a horizontalidade da fachada. Tanto esta solução como o caráter intimista desta residência nos remetem as casas intimistas de Levi.



CASA DO ARQUITETO, São Paulo, 1946
Arquiteto Rino Levi
Fonte: MINDLIN, 2000.

CASA 10
RESIDÊNCIA DIMATOS
1963

PROJETO
engenheiro Boris Tertschitsch



Sobre o projeto

Localização: Santo Inácio Loyola, nº163
 Ano do projeto: 1964
 Nº do projeto na SUSP: 10590/ 15643
 Uso atual: residencial

Sobre os moradores

1º proprietário: Dalmo Bastos Silva
 Profissão: magistrado
 Grupo familiar: 05 pessoas, sendo o casal e 03 filhos

Áreas

Área terreno: 363m²
 Taxa de ocupação: 57%
 Área construída: 320m², sendo 210m² no térreo

Setores

Setor social:
 Escritório, sala de estar, sala de jantar, sala de almoço, banheiro e varanda.

Setor íntimo:
 01 quarto no térreo, 03 quartos, sacada, banheiro, circulação e rouparia.

Setor de serviço:
 Cozinha.

Setor externo:
 Lavanderia e garagem.

Relação edificação- terreno.

Localiza-se na rua Santo Inácio Loyola de onde pode ser avistada sobre o muro de pedra que a eleva, explorando o terreno também em aclave. Desenvolve-se em dois pisos ocupando toda largura do lote, concentrando-se na lateral norte deste. Plasticamente destaca-se pela madeira na fachada e pelas grandes aberturas. No lado esquerdo do lote encontra-se a entrada para a garagem e do lado desta a de pedestre que dá acesso à casa através de uma escadaria.

Organização Espacial

A porta principal se abre para um pequeno corredor pelo qual tem-se acesso ao escritório ou à sala de estar. No setor social a sala de almoço e a de jantar se abrem para uma varanda e foram integradas. Um armário separa o corredor do banheiro do setor social e perto deste encontramos um quarto cuja entrada fica ao lado da cozinha. Na edícula há lavanderia e garagem. Por ser uma casa de dois pisos a setorização fica ainda mais evidente e concentra o setor íntimo no pavimento superior. É importante destacar que esta casa foi ampliada cinco anos após sua construção e que o projeto foi consideravelmente alterado.

Materiais utilizados.

A estrutura é de concreto armado e as paredes de alvenaria. Solução comum entre as casas inventariadas, a cobertura é composta por uma laje de concreto e sobre esta telha de fibrocimento, escondida na fachada pela platibanda que dá acabamento aos beirais. As paredes externas são mais espessas. O piso é taco e nas áreas molhadas marmorite, sendo as paredes revestidas de azulejo até meia altura. Na fachada encontramos pedra no muro, madeira junto às aberturas do pavimento superior e no térreo reboco pintado de branco.

Entrevista com o morador

Modesta e Dalmo Bastos Silva vivem na casa desde 1964. O casal contratou o engenheiro Boris Tertschitsch porque viu uma casa construída por ele, com volumetria simples, e gostou. Cinco anos depois contrataram outro arquiteto para realizar a grande reforma. Adquiriram o terreno porque gostaram do lote que tinha uma vista bonita para o Morro da Cruz, além de ser perto de tudo. A proprietária relata que o projeto garantiu privacidade e conforto aos ambientes e que atendeu a todas as necessidades da família.

Referências Plásticas

O pavimento superior avança sobre o térreo como um caixa suspensa revestida em madeira.

O uso de materiais como a pedra e a madeira na fachada remete à arquitetura orgânica. Porém, o volume simples e racional desta edificação se aproxima mais da arquitetura paulistana.

Parte do setor social é integrado e voltado para varanda, na parte de trás, repetindo a tendência modernista de aproveitar ao máximo o lote, não hierarquizando fachadas.

Esta casa traz muitos elementos que podem ser encontrados na arquitetura de Artigas, como pode ser observado na casa abaixo. Provavelmente, esta influência paulistana na arquitetura de Tertschitsch se deva ao fato que o engenheiro se formou na Mackenzie, em São Paulo.



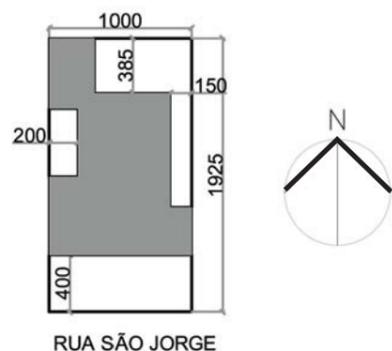
CASA JOSÉ TAQUES BITTENCOURT, 1956, São Paulo. Arquiteto Vilanova Artigas
 Fonte: XAVIER, 1983.



FOTOS FACHADA FRONTAL
 fonte: arquivo pessoal, 2005

CASA 11
RESIDÊNCIA BASTOS SILVA
1964

PROJETO
engenheiro Boris Tertschitsch



IMPLANTAÇÃO escala 1:500



PLANTA- BAIXA TÉRREO E 1º PAVIMENTO escala 1:200



FACHADA PROJETO ORIGINAL sem escala
Fonte: arquivo da SUSP, 2005.



FOTOS FACHADAS SITUAÇÃO ATUAL
fonte: arquivo pessoal, 2005



FOTO ESCADA, MESA CIRCULAR DA SALA DE JANTAR, VARANDA DOS QUARTOS E JARDIM NA LATERAL LESTE DO LOTE
fonte: arquivo pessoal, 2005

Sobre o projeto

Localização: rua São Jorge, nº159
Ano do projeto: 1974
Nº do projeto na SUSP: 22023
Uso atual: residencial

Sobre os moradores

1º proprietário: Arthur do Livramento Moritz
Profissão: contador
Grupo familiar: 10 pessoas, sendo o casal e 08 filhos

Áreas

Área terreno: 191,85m²
Taxa de ocupação: 57%
Área construída: 200,57m², sendo 104,57m² no térreo

Relação edificação- terreno.

Esta casa de dois pisos localiza-se na Rua São Jorge, via perpendicular à rua Santo Inácio Loyola e, diferente das demais casas, está implantada num lote plano. O projeto arquitetônico explorou toda extensão do lote que não era de esquina quando a casa foi construída. É uma casa simples, voltada para o sul, cuja planta baixa é bastante funcional. A garagem localiza-se à esquerda do lote e a entrada de pedestres é centralizada.

Organização Espacial

Há duas entradas, a primeira leva ao escritório e a segunda à sala de estar, esta última separada do restante da casa através de uma porta. Ambos os ambientes dão acesso à grande sala de refeições que inclui ainda um pequeno estar para TV. Na sala de jantar todos os setores da casa se interligam; a cozinha, o lavabo e a escada que leva ao primeiro pavimento também têm acesso por este ambiente. O setor íntimo, no pavimento superior, inclui quatro quartos, dispostos em pares e abertos para a circulação íntima, onde se encontram dois banheiros com aberturas para a sacada (um azul e outro rosa). Os dois quartos da fachada norte se abrem para uma sacada. O setor de serviço é composto, além da cozinha, por depósito e lavanderia. Esta última está localizada na edícula implantada no extremo norte do lote e já serviu como garagem.

Materiais utilizados.

A estrutura é de concreto e as paredes de alvenaria sendo que as externas, no térreo, são mais espessas. A laje intermediária é em concreto e a laje que cobre a garagem é dupla. O segundo piso está em balanço em relação ao térreo e a cobertura sobre a laje de concreto é de telha cerâmica. O piso das áreas molhadas é de ladrilho e as paredes são revestidas com azulejos que vão até o forro. Os outros ambientes são revestidos por taco. A divisão entre os quartos foi feita com armários.

Entrevista com o morador

Arthur Livramento Moritz iniciou a construção desta casa em 1974 no lote que adquiriu ainda em 1954, quando havia uma antiga casa no local. Atualmente ele mora na casa com sua esposa Sulamita, mas já moraram em dez pessoas, sendo o casal e oito filhos. A localização do terreno influenciou na compra do lote que se encontrava numa rua recém aberta, sem pavimentação. O lugar era bom, mas não pertencia ao centro da cidade que naquela época ficava próximo ao Mercado Público. O projetista desenhou a casa conforme a vontade do proprietário que entregou um rascunho do projeto arquitetônico pensando em praticidade de uso e funcionalidade. Relata que sua casa é confortável o ano inteiro e que embora a esposa se sinta um pouco incomodada com a escada, não quer sair dali.

Setores

Setor social:
Escritório, sala de estar, sala de jantar e lavabo.

Setor íntimo:
04 quartos, 02 banheiros e circulação.

Setor de serviço:
Cozinha e depósito.

Setor externo:
Lavanderia e garagem.

Referências Plásticas

A distribuição dos ambientes desta casa é funcional. O setor de serviço e o social localizam-se no térreo e o íntimo no primeiro pavimento.

A divisão entre os quartos foi feita através de armários embutidos, solução que pode ser encontrada em algumas casas inventariadas.

O guarda corpo da varanda é formado por elementos vazados que contrastam com a veneziana das grandes portas dos quartos.

A solução de esquadria desta casa, projetada na década de 70, é a mesma usada por Niemeyer em sua casa da década De 40.



CASA DO ARQUITETO, 1942, Rio de Janeiro. Arquiteto Oscar Niemeyer. Fonte: XAVIER, 1991

**CASA 12
RESIDÊNCIA MORITZ
1974**

**PROJETO
Desenhista José Laércio Andrade**

3.4 SOBRE OS PROJETOS INVENTARIADOS

3.4.1 TERRENOS E ÁREAS

A especulação imobiliária faz que os lotes urbanos sejam aproveitados ao máximo, logo, quanto maior a taxa de ocupação, melhor. Os terrenos onde estão implantadas as casas apresentadas neste trabalho são altamente valorizados, tanto pela área, a maioria com mais de 400m², quanto pela localização estratégica no centro da cidade. Há uma insistência junto aos proprietários, por parte das imobiliárias, para a venda destas casas visando, quase sempre, a substituição destas casas por prédios.

O quadro abaixo traz a classificação das áreas onde se encontram as casas inventariadas, segundo o Plano Diretor do Distrito Sede-Florianópolis.

Classificação da área	Casas do Inventário	Lote Mínimo (m ²)	Testada Mínima (m)	Nº Máximo de Pavimentos	Índice de Aproveitamento Máximo	Taxa de Ocupação Máxima (%)
ARP* 5- Área Residencial Predominante 5	07, 08, 11	360	12	06	1,3	(G)* 31%
ARP* 6- Área Residencial Predominante 6	12	570	19	12	2,3	(G) 25%
ARP 6- Área Residencial Predominante 6	02, 03, 04, 05, 06, 10	570	19	08	2,3	(G) 29%
AMC 6 – Área Mista Central 6	01, 09	1020	30	12	3,0/ 4,1	(G) 25% (A)*
* (G) TO= (37-NP)% sendo que NP= Número de Pavimentos						
* (A) até 80% nos dois primeiros pavimentos destinados a comércio e serviços (100% no polígono central)						

Quadro 01- Previsão Plano Diretor para área estudada. Quadro montado pela autora segundo dados do IPUF-Instituto de Planejamento de Florianópolis. Fonte: <<http://www.ipuf.sc.gov.br/viabilidade>>. Acesso em: janeiro de 2006.

O quadro a seguir traz a relação de áreas e a taxas de ocupação das casas. Destacam-se as taxas de ocupação, altas e, quase todas, maiores que as permitidas hoje pelo Plano Diretor, fato que se deve mais ao tamanho destas residências, chegando a 350 m² em média, do que a área do lote.

C A S A S		ÁREA DO TERRENO (m ²)	ÁREA CONSTRUÍDA (m ²)	TAXA DE OCUPAÇÃO DO LOTE (%)	TAXA DE OCUPAÇÃO PLANO DIRETOR (%)
	01	808,43	474,69	58,70	25
	02	312,00	287,62	67,70	29
	03	313,00	363,00	53,00	29
	04	575,25	413,32	62,00	29
	05	539,32	415,48	44,00	29
	06	521,00	276,00	26,00	29
	07	711,61	289,70	40,70	31
	08	900,00	222,15	25,00	31
	09	1195,00	705,00	34,00	25
	10	488,13	251,00	45,00	29
	11	363,00	320,00	57,00	31
	12	191,85	200,57	57,00	25
Médias	576,00	351,00	47,50	-	

Quadro 02: Relação de áreas e taxa de ocupação das residências inventariadas. Fonte: arquivo pessoal.

Observando as propostas do Plano Diretor vigente para a área, percebe-se que todas as casas tendem a desaparecer, sendo substituídas por outras edificações. As casas 01 e 09 se destacam pelos grandes terrenos estrategicamente localizados nas avenidas Osmar Cunha e Rio Branco e classificados dentro de uma Área Mista Central, fato este que viabiliza a construção de um edifício de até doze pavimentos. Ambas não são mais usadas como residências, sendo que a casa 01 foi bastante descaracterizada pela implantação de um bar no local.

Os outros terrenos são classificados dentro de uma Área Residencial Predominante - ARP, fato que não controla a especulação imobiliária visto que permite a construção de edifícios residenciais. As casas 07, 08 e 04 são altamente visadas porque possuem lotes maiores que os mínimos exigidos pelo Plano Diretor, o que assegura a construção de edifícios residenciais de até oito pavimentos. As outras casas não têm o lote mínimo exigido, mas isto não garante a proteção já que, segundo os proprietários, a procura por parte das imobiliárias é intensa abordando vizinhos e propondo a venda conjunta dos lotes. Está claro que este conjunto de casas residenciais, de potencial interesse histórico, no centro de Florianópolis não resistirá à pressão por parte dos especuladores sendo tomado, aos poucos, por prédios residenciais que já circundam o local.

3.4.2 AMBIENTES ENCONTRADOS

O hall, ambiente intermediário entre a casa e a rua, também conhecido como vestíbulo, aparece em quase todas as casas. Neste local, era comum encontrar um lugar para guardar objetos, como guarda-

chuvras e casacos, que podia ser um pequeno armário ou similar. A localização do hall era pensada estrategicamente para que o visitante não invadisse o espaço familiar, sendo a porta do escritório colocada neste espaço. Assim, se algum membro da família precisasse trabalhar em casa e por ventura, receber alguma pessoa de fora, a privacidade da família continuava garantida.

Nestas casas é comum a integração da sala de jantar e estar. Quando existe pátio interno as salas costumam ser abertas para este. A sala de almoço geralmente está localizada perto da cozinha e numa zona de transição entre setor social e o de serviço. A sala de TV, que passa a ser comum na década de 70, é praticamente inexistente nestes projetos, mas verificando o uso atual dos ambientes constata-se a adequação de outras salas ou até mesmo, dos quartos dos filhos não mais ocupados, para este fim. É comum a existência de lavabo no setor social e de um ambiente de trabalho, seja ele nomeado como biblioteca ou escritório. Exclusivamente na casa 09 foram encontrados salão de festas, sauna e piscina, itens raros para a época.

No setor íntimo a suíte do casal aparece em oito projetos, sendo que em cinco há closet, ou vestiário. Os quartos são amplos, geralmente voltados para o norte, e atendidos por um ou mais banheiros que seguindo uma linha racional, aparecem compartimentados permitindo o uso de mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Foi possível conferir que o quarto de costura era um ambiente comum nas casas da época, herança das casas tradicionais onde a mulher se dedicava exclusivamente ao lar. A Casa 09, a maior das inventariadas, conta também com sala íntima e quarto de camareira no setor íntimo. Na Casa 11 havia um pequeno espaço destinado à rouparia, esta se fazia presente em algumas outras casas junto à circulação, através de armários embutidos que faziam parte do projeto da casa. É importante destacar nestas casas, o uso de armários como divisórias entre ambientes, principalmente quartos, conferindo um maior aproveitamento do espaço interno.

No setor de serviço era comum encontrar copa junto à cozinha, quando o tamanho desta permitia. A sala de almoço também funcionava como copa. Junto à cozinha estava a lavanderia, um ambiente geralmente amplo. Outros ambientes de apoio como depósito e despensa, também foram encontrados. O alojamento dos empregados localiza-se neste setor, geralmente aos fundos da casa. A garagem em muitas casas pode ser encontrada num volume externo. A edícula pensada junto com o projeto original aparece na Casa 07. Segue abaixo um quadro com a relação de ambientes, divididos por setores, que constam nos projetos originais destas casas:

	AMBIENTES ENCONTRADOS POR SETOR			
	S. SOCIAL	S. ÍNTIMO	S. DE SERVIÇO	S. EXTERNO
AMBIENTES ENCONTRADOS NOS PROJETOS ORIGINAIS	1) Hall (exceto as casas 03 e 12) 2) Sala de estar (todas casas possuem) 3) Sala de jantar (exceto a casa 06) 4) Sala de almoço (01, 04, 06, 10, 11) 5) Sala de TV (somente a casa 03) 6) Biblioteca ou escritório (02,03,06,08,09,10,11,12) 7) Pátio interno (01,02,04,07,10) 8) Lavabo (01,02,03,05,07,08,09,12) 9) Banheiro (10, 11) 10) Banheiro Compartimentado (somente a casa 04) 11) Circulação (01,03,04,09,11) 12) Salão de Festas (somente a casa 09) 13) Sauna (somente a casa 09) 14) Terraço (01,04, 05) 15) Varanda (01,03,09,11)	1) Suíte (01, 02, 05) 2) Suíte com Closet (03, 04, 06, 07, 09) 3) Suíte de Hóspedes (somente a casa 09) 4) Quarto (todas casas possuem) 5) Banheiro (exceto a casa 01) 6) Banheiro compartimentado (somente a casa 01) 7) Circulação (02,04,06,07,08,11,12) 8) Circulação com rouparia (01,05,10) 9) Quarto de costura (02, 04, 05) 10) Quarto da camareira (somente a casa 09) 11) Sala íntima (04,09) 12) Biblioteca ou escritório (05, 09) 13) Sacada (03,05, 11, 12) 14) Sala de TV (somente a casa 05)	1) Hall (04,06) 2) Cozinha (01,03, 04, 05, 06 ,08, 09,10, 11, 12) 3) Cozinha com copa (02, 07, 09) 4) Lavanderia (01,03,04,05,08,09) 5) Quarto de empregada (01,06,09) 6) Dependência de empregada (03,05,08) 7) Lavabo (somente a casa 06) 8) Banheiro (01,09) 9) Área de serviço (aberta ou fechada) (05,08) 10) Adega (somente a casa 03) 11) Oficina (somente a casa 05) 12) Despensa (05,08) 13) Depósito (06,09,12) 14) Garagem (08,03,09) 15) Circulação (01,02,03,05, 06,09)	1) Garagem (01,02,04,05,06,07,10,11,12) 2) Quarto de empregada (04,06,07) 3) Dependência de empregada (02,04,07,10) 4) Lavanderia (02,07,10) 5) Área de serviço (aberta ou fechada) (somente a casa 02) 6) Lavabo (somente a casa 04) 7) Vestiário (somente a casa 09) 8) Piscina (somente a casa 09) 9) Quarto de brinquedos (somente a casa 10)
<p>Observação: As casas nas quais os ambientes foram encontrados estão entre parênteses.</p> <p>Foram consideradas as seguintes definições de ambientes para classificação: Varanda: área aberta coberta no pavimento térreo; Sacada: área aberta coberta no primeiro pavimento; Terraço: área aberta descoberta sobre laje; Dependência de empregada: quarto + banheiro</p>				

Quadro 03: Relação de ambientes encontrados nas residências inventariadas. Fonte: arquivo pessoal.

3.4.3 MODIFICAÇÕES NOS PROJETOS ORIGINAIS

O projeto arquitetônico apresentado é o projeto original, aquele que foi aceito pelo proprietário antes da obra ser iniciada. Três casas sofreram alterações de projeto ainda em obra (02 03 e 05); duas foram ampliadas consideravelmente (06 e 11); a 12 recebeu a churrasqueira no fundo do lote e o restante recebeu pintura periódica ao longo do tempo e outros retoques, a título de manutenção. É importante destacar que aquelas que estão sendo usadas como atividade de serviço (casa 01- lazer, casa 07- educacional, casa 09- educacional) sofreram modificações consideráveis, mas esta pesquisa procurou registrar as mudanças feitas enquanto em uso habitacional.

As mudanças físicas realizadas em cada residência são descritas a seguir.

Casa 01(uso atual serviço-lazer): sofreu alterações para adaptar-se ao novo uso.

Casa 02 (uso atual residencial):

Este projeto foi mudado consideravelmente ainda durante a obra. Segundo o projeto original a porta principal era recuada em relação à fachada. Hoje, se encontra na linha da fachada e não se abre direto para o jantar, e sim para o estar. Uma parede foi construída como anteparo, garantindo privacidade ao espaço familiar dos olhos do visitante.

A principal mudança foi a criação de um corredor entre a biblioteca e a sala de jantar que recebeu a escada, agora paralela à parede da biblioteca que se transformou numa sala de almoço e TV e não é mais visível da sala de jantar. A criação deste corredor possibilitou a separação da sala de jantar e estar do restante da casa. O novo lavabo foi implantado no final deste corredor tendo sua janela para um jardim, extensão do pátio interno.

A divisão entre cozinha e sala de almoço também foi feita por armário e esta última passou a configurar o centro de circulação da casa de onde se tem acesso à escada, que leva aos quartos, ou à cozinha, que leva ao setor de serviço, externo à casa. Observando a fachada original e a foto atual, pode-se perceber diferenças de projeto, como, por exemplo, o recuo antes existente na entrada principal, as floreiras e a parede de pedra lateral à porta de entrada. Todas estas mudanças foram feitas ainda durante a obra, segundo depoimento da moradora.

Casa 03 (uso atual residencial):

O projeto original previa uma sacada na biblioteca, mas ainda na construção anexaram esta área à biblioteca. A área frontal à sala de estar também não foi impermeabilizada, como era previsto no projeto.

Casa 04 (uso atual residencial): o espaço na frente da dependência de empregada, nos fundos do lote, foi coberto.

Casa 05 (uso atual residencial)

A modificação principal ocorreu no pavimento superior. O quarto dos fundos, ao norte, foi transformado em suíte sendo anexado a este o escritório, que virou closet, e o quarto da suíte, proposta no projeto original, que se transformou no grande banheiro do casal.

No lado esquerdo do corredor, no lugar dos dois banheiros, que tinham pouca ventilação, foram feitos três ambientes sucessivos: a biblioteca, o quarto de costura e o banheiro. Todos com ventilação direta, junto à fachada sul. O quarto da frente hoje funciona como um escritório. A divisão entre os outros dois quartos foi feita com armário, tendência da época. A maior parte destas modificações foi feita ainda durante a obra.

Casa 06 (sem uso): esta casa foi ampliada, mas, não se teve acesso ao projeto e nem à casa.

Casa 07 (uso atual serviço-educacional): sofreu alterações para adaptar-se ao novo uso.

Casa 08 (uso atual residencial): Não sofreu alterações.

Casa 09 (uso atual serviço-educacional): sofreu alterações para adaptar-se ao novo uso.

Casa 10 (uso atual residencial):

O projeto original previa um lavabo, junto à sala de almoço, que foi retirado para ampliação da sala, que passou a receber também a TV. A dependência de empregada foi extinta e este espaço foi aberto para o quarto de casal e transformou-se num grande banheiro. O banheiro no setor íntimo passou a atender aos dois quartos e também ao setor social.

Casa 11 (uso atual residencial):

O projeto foi ampliado cinco anos após sua construção. O quarto no térreo foi aberto para a cozinha, também ampliada, e transformado em sala de almoço. A parede que separava as salas de estar e de

jantar foi retirada e estes ambientes integrados. Foi construída uma parede entre jantar e sala de almoço.

A edícula ganhou um quarto de estudos, duas dependências de empregada com um banheiro e no primeiro pavimento churrasqueira. O segundo piso da casa foi bastante transformado. Os dois quartos menores foram transformados em um e criou-se a suíte do casal, com closet, com uma sacada aberta para o grande terraço que é contíguo à churrasqueira.

Casa 12 (uso atual residencial): Nos fundos do lote, na extremidade direita, foi construída a churrasqueira.

3.5 ENTREVISTAS COM MORADORES

Foram realizadas dez entrevistas com moradores e ex-moradores. Destes, nove responderam às perguntas pessoalmente e um respondeu por telefone. O questionário foi montado para extrair informações sobre o usuário, suas opiniões sobre o bairro e sobre a casa. Onde há uso residencial, as entrevistas foram feitas in loco e o dono da casa, geralmente muito receptivo, após responder às perguntas, mostrava a casa, explicando detalhes e relatando o uso dos ambientes e eventuais modificações. As entrevistas ocorreram de forma descontraída e nem sempre as perguntas eram feitas como se encontram no questionário porque havia necessidade de simplificação ou troca de termos para que houvesse uma maior compreensão por parte dos entrevistados. Nos dois quadros abaixo serão expostos dados, extraídos dos questionários, relativos aos moradores e às casas; sempre voltados à aproximação com o usuário.

SOBRE OS MORADORES							
C A S A S	Atividade (s)	1º ou 2º proprietário	Quantas pessoas residem na casa?	Quantas residem na casa atualmente?	Tempo de residência	Antes moravam aonde?	A localização influenciou na compra do imóvel?
CASA 01	Comerciante aposentado e dona de casa.	1º	06	Não mora mais na casa.	34 anos	Florianópolis	Sim. Terreno estrategicamente bem colocado.
CASA 02	Médico e dona de casa.	1º	05	02	37 anos	Florianópolis	Sim. Por ser muito próximo do trabalho do esposo.
CAS A	Advogados.	1º	05	02	35 anos	Florianópolis	Sim. O Local era próximo de tudo.
CASA 04	Advogado e dona de casa.	2º	06	03	21 anos	Florianópolis	Sim. Pela centralidade.

CASA 05	Médico e auxiliar técnica.	1º	10	02	34 anos	Florianópolis	Sim. A orientação e a localização do lote eram excelentes.
CASA 07	Dona de casa	2º	05	Não mora mais na casa.	17 anos	Florianópolis	Sim. Além de estar no centro, era um local reservado e tranquilo.
CASA 08	Dona de casa	1º	03	01	45 anos	Áustria	Foi um loteamento feito pela família.
CASA 10	Dona de casa	1º	05	02	42 anos	Florianópolis	Sim. Era um lugar nobre na cidade, com os terrenos mais caros.
CASA 11	Magistrado e dona de casa	1º	05	03	39 anos	Florianópolis	Sim. Perto de tudo.
CASA 12	Contador e dona de casa	1º	10	02	30 anos	Florianópolis	Sim. O lugar era bom.

Quadro 04: Dados das entrevistas realizadas com moradores e ex-moradores. Fonte: arquivo pessoal.

Nestas casas viviam famílias de classe média alta, geralmente oriundas de locais do mesmo bairro ou de bairros próximos. Adquiriram estes lotes principalmente pela localização nobre. Eram casais novos, com filhos pequenos, em que o homem trabalhava fora – destaque para as profissões de advogado e de médico - e a maioria das mulheres cuidava dos afazeres da casa. Hoje é comum encontrar casais ou viúvas nestas casas, ambos às vezes acompanhados por algum filho, resistindo bravamente às pressões do mercado imobiliário.

SOBRE O PROJETO							
C A S A S	Quem sugeriu o estilo da casa?	A casa foi considerada uma novidade para época?	O projeto garantiu boa circulação para os ambientes?	Conforto térmico	Conforto lumínico	Dimensionamento dos ambientes	Grau de satisfação
CASA 01	O engenheiro Boris	Sim	Sim	Bom	Bom	Bom	Muito bom
CASA 02	O casal.	Sem destaques	A circulação no living incomoda. Todos entram pela porta da frente.	Os quartos são quentes	Bom.	Bom	Muito bom
CASA 03	O projetista	Sem destaques	Sim.	Bom	Bom	Muito bom	Muito bom
CASA 04	Não cabe	Sem destaques	Sim	Bom	Bom	Bom	Muito bom
CASA 05	O arquiteto	Sim	Excelente	Bom	Bom	Muito bom	Muito bom
CASA 07	Não cabe	Sim	Sim	Muito bom	Bom	Muito bom	Muito bom
CASA 08	O arquiteto com o proprietário.	Sim.	Sim.	Muito bom	Bom.	Muito bom	Muito bom

CASA 10	O arquiteto.	Sim.	Excelente	Bom	Bom	Muito bom	Muito bom
CASA 11	O casal.	Sem destaques	Excelente	Regular	Bom	Bom	Bom
CASA 12	O proprietário.	Sem destaques	Excelente	Muito bom	Muito bom	Muito bom	Muito bom

Quadro 05: Dados das entrevistas sobre os projetos. Fonte: arquivo pessoal.

Geralmente o profissional sugeria a linguagem da casa, mas se o proprietário não estivesse voltado às novidades da época não aceitava. Sendo Florianópolis, na época, uma cidade pequena, onde todos se conheciam, os clientes já procuravam diretamente os profissionais em evidência.

Sobre os projetos arquitetônicos, no geral, os moradores consideraram boas as condições de dimensionamento e conforto das casas. Quase todos adoram a casa em que vivem, ou que viveram, e se mostram zelosos e saudosos quando falam de como era bom morar no local quando ainda não tinha sido invadido por outros usos, quando ainda muitos dos seus vizinhos moravam no lugar. O grau de satisfação no quadro de entrevista não consegue transmitir o orgulho e a emoção que estas pessoas passam quando falam de suas casas, de seus lares.

3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO 3

À medida que o inventário foi sendo feito, um leque maior de temas se abriu (pós-ocupação, patrimônio, entre outros), porém, optou-se pelo resgate mais cuidadoso dos projetos originais e documentações, voltados ao usuário. Descobrir para quem estas casas foram feitas foi uma questão que ganhou importância ao longo do trabalho.

A maior dificuldade enfrentada disse respeito ao estado da documentação encontrada. Muitos moradores tinham em posse projetos arquitetônicos anteriores aos realizados, muitas vezes dos primeiros profissionais que procuraram e que não satisfizeram seus anseios. A procura pelo projeto arquitetônico ocorreu na SUSP e com o morador, paralelamente. A organização do arquivo da Secretaria é admirável, porém as condições físicas são limitadas, está tudo muito velho, em permanente risco de incêndio como aconteceu há alguns anos atrás, quando foram danificados muitos documentos.

As casas, na sua maioria, não foram reformadas ao longo do tempo, mas algumas sofreram modificações ainda durante a construção que não constam nos projetos arquitetônicos. Definir qual

documento seria registrado no inventário, o projeto original ou o projeto com as modificações feitas em obras, foi difícil. Optou-se pelo registro do original visto que estas modificações geralmente eram propostas pelo proprietário e não garantiram qualidade ao projeto.

A avaliação, expedita, do que o Plano Diretor vigente prevê para a área foi suficiente para concluir que estas casas irão desaparecer se não forem tombadas, fato este que não surpreende num país que tende a gostar de novidades e que, como disse uma moradora, tende a desprezar a história e a memória. Estas casas não são consideradas antigas o suficiente para serem preservadas, embora algumas destas casas, como as da família Salles e da Zipser, são verdadeiras obras modernistas, dignas de preservação.

Todas as casas inventariadas são modernistas?

Diante da dificuldade de acesso a novos materiais e do domínio de novas técnicas construtivas em meados da década de 50 na Ilha, a vontade de se fazer algo novo, por parte dos profissionais da construção, era surpreendente. Conseqüentemente, a nova arquitetura era possível através de tentativas e passível de erros e acertos. Talvez, a característica modernista mais marcante, presente nestas casas, seja o grande anseio pela modernização, a despeito de todas as limitações construtivas.

Muitos elementos modernistas de projeto foram identificados nestas construções, dentre os principais, pode-se destacar:

- a busca pelas formas puras e volumes simples;
- o uso do concreto armado liberando as paredes da antiga função sustentadora;
- as grandes aberturas;
- a valorização dos materiais industrializados;
- a distribuição funcional dos ambientes;
- a integração dos espaços;
- a racionalização do sistema construtivo.

O pátio interno foi encontrado em mais de cinco casas articulando ambientes e trazendo o paisagismo para o interior. Superfícies revestidas com os mais diversos materiais (madeira, cerâmica, tijolo, pedra) nas fachadas é uma típica característica da arquitetura modernista brasileira que pode ser facilmente observada nas casas de Bratke e Bernardes. As influências modernistas chegaram dos grandes centros brasileiros, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, e muitas vezes, diretamente da Europa.

CAPÍTULO 4

CONCLUSÕES

4.1 FLORIANÓPOLIS MODERNISTA

A presença do modernismo em toda a expressão da arquitetura mundial ultrapassou fronteiras físicas e temporais. Há quase um século, os paradigmas modernos, definidos por um pequeno número de profissionais, revolucionam o pensamento arquitetônico, seja para a sua negação, seja para a defesa de sua atemporalidade. Este trabalho pretendeu contribuir para a compreensão da importância do pensar arquitetônico moderno na construção da cidade contemporânea que além de trazer uma nova linguagem arquitetônica, não mais resultado da cópia de estilos e conhecida popularmente através de elementos formais como os cinco pontos de Le Corbusier, representou uma ruptura metodológica quanto à maneira de conceber o projeto.

Florianópolis, até meados do século XX, caracterizava-se como uma cidade pequena, isolada economicamente do restante do país, mas, culturalmente inserida nos movimentos de vanguarda que aconteciam pelo Brasil afora. A abertura do Museu de Arte de Florianópolis, em 1949, e a elaboração do Plano Diretor, em 1952, são acontecimentos que mostram que a Capital de Santa Catarina não era atrasada quando o assunto era cultura.

A construção dos primeiros exemplares de arquitetura modernista na Ilha coincide com o ciclo de desenvolvimento que se alastrava por todo país nos anos 50. Desde a década de 30, o Estado investiu nas idéias modernistas e financiou a construção de prédios públicos em todo país, projetados com linguagem racionalista, sendo esta uma das versões do pensamento modernista presente na Europa. O

governo deu credibilidade a esta nova arquitetura que passou a inspirar confiança, não tardando a aparecer no meio privado.

Datam dos anos 50 as primeiras casas construídas em Florianópolis sob influência modernista, projetadas geralmente por jovens arquitetos que se formavam nos grandes centros, como São Paulo e Porto Alegre. Estas residências eram construídas geralmente nos novos loteamentos que surgiam nas áreas de expansão da cidade.

O terceiro capítulo apresentou doze exemplares construídos nesta época, registrados segundo o projeto original. A maioria das casas não foi reformada e ainda se encontra com uso residencial. Porém, o Plano Diretor e a situação atual, conferida *in loco*, revelam que estas casas tendem a desaparecer por causa do alto índice de renovação urbana, reflexo do crescimento urbano e conseqüente especulação imobiliária, e pela falta de legislação de preservação das mesmas.

O registro destas edificações permitiu a construção de um leque de exemplares que se distinguem por trazerem elementos modernistas, de importância para o resgate histórico desta época áurea da cidade. É importante destacar que o anseio pela modernização é característica comum presente em todos exemplares inventariados.

O objetivo geral do trabalho foi identificar em que medida as idéias modernistas estiveram presentes na produção habitacional de Florianópolis. O inventário realizado permitiu a identificação de exemplares de casas, onde a percepção de elementos formais modernistas, em menor ou em maior escala, revelam esta influência. Algumas casas se destacam mais por apresentarem uma linguagem modernista não limitada apenas à fachada, reflexo de um verdadeiro modo de conceber moderno que não é a simples opção por um estilo, com seus elementos formais.

Os princípios modernistas encontrados podem ser observados desde a concepção projetual - como a distribuição dos ambientes segundo a função, setorizando a casa (social, serviço, íntimo); a

continuidade espacial, propiciada pela integração de ambientes; e o caráter intimista, abrindo os ambientes da casa para pátios ou jardins internos – até elementos formais como as pérgulas; o concreto aparente; a estrutura de concreto armado, propiciando a planta livre; as fachadas trabalhadas com materiais organicistas (madeira, cerâmica e tijolo); a laje jardim; os grandes painéis de vidro, garantindo integração com o exterior; e as grandes aberturas, entre outros.

No projeto original da casa 02 (1966) pode-se perceber uma busca pela integração da área social em volta de um pátio interno. A fachada original mostra uma composição que mescla elementos como o tijolo e a pedra. O projeto passou por mudanças consideráveis que o aproximaram da casa tradicional, como a compartimentação dos ambientes. Caso semelhante é a casa 11 (1964) que se destaca pela fachada racional, trabalhada em madeira. A Casa 12 (1974) apresenta uma racionalidade na distribuição dos ambientes, principalmente nos quartos, onde a divisão entre eles foi feita com mobiliário. Estas três casas, embora apresentem intenções modernistas de projeto, aproximam-se muito das soluções arquitetônicas tradicionais.

O projeto da casa 03 (1968) aproveita toda a extensão do lote e faz uso de varandas como espaços intermediários que garantem conforto à edificação. Na casa 04 (1968) pode-se encontrar muxarabis nas aberturas, laje jardim sobre a garagem e integração completa da área social através do pátio que possibilita continuidade visual. As casas 05 (1969) e 06 (1959) são identificadas pela racionalidade do volume final, sendo que a primeira se destaca pelos volumes puros e tijolo aparente e a segunda pela sensação de caixa suspensa do primeiro pavimento, provocada pelo balanço em relação ao térreo.

As casas 01 (1967) e 10 (1963), ambas projetadas por Tertschitsch, são identificadas pela horizontalidade do volume marcada pelos grandes beirais, cuja monotonia é quebrada pelo uso de vários materiais, como a pedra e o tijolo, e pelos planos de vidro. A clareza na distribuição funcional dos ambientes e a articulação da área social, em torno do pátio, confirmam a influência modernista. Estas duas casas nos remetem às casas de Bratke e Levi. A casa 09 (1966) se destaca por remeter ao

Brutalismo Paulista, principalmente pelo uso do concreto aparente, do vidro e da estrutura modular. É a única que traz um painel artístico na entrada.

A casa 07 e a 08, ambas de 1959, podem ser consideradas, sem dúvida, belos exemplares da arquitetura modernista, referências de bons projetos. A primeira é organizada em “U” em torno de um pátio integrado à área social. A fachada frontal é composta por uma varanda com anteparos de madeira que além de enriquecerem o volume dão privacidade aos quartos, sem impedir a ventilação. A viga contínua garante continuidade à fachada e reforça a horizontalidade do volume, enriquecida pelo balanço da área avarandada. É importante destacar nesta casa a edícula como elemento tradicional marcante.

A casa 08 apresenta um sistema estrutural inovador que mescla madeira e aço e onde o conforto térmico foi elemento decisivo de projeto. A área social é integrada e o espaço, através das grandes portas corrediças, é contínuo com o exterior. O arquiteto austríaco Hans Broos, imigrado para o Brasil, traz influências diretas da Europa e nesta casa deixa transparecer a racionalidade de Le Corbusier e a organicidade, pelo uso da madeira, da escola escandinava e finlandesa, bem representada pelo arquiteto Alvar Aalto.

Tanto Wright, como Le Corbusier, influenciaram a arquitetura produzida no Brasil, porém, o arquiteto franco-suíço teve uma presença marcante no cenário nacional. As décadas de 30 até 60 foram períodos áureos para arquitetura nacional. O projeto modernista brasileiro havia absorvido principalmente os princípios racionalistas, somando a estes elementos da arquitetura colonial, criando uma arquitetura própria, de destaque mundial, contrastando o tradicional com o novo.

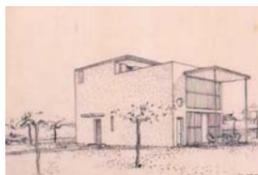
Estas influências chegaram à Florianópolis em meados da década de 50, incentivando os profissionais locais a fazerem uma arquitetura nova. Havia muitas dificuldades pela falta de materiais e principalmente, pela falta de mão de obra qualificada, o que tornava estas obras onerosas e possíveis

para poucos. Alguns projetos inventariados refletem mais estas dificuldades. É importante destacar que na época em que as casas inventariadas foram construídas, no final da década de 50 e década de 60, a escola paulista estava em evidência sendo que alguns dos profissionais que atuaram em Florianópolis se formaram em São Paulo.

O presente trabalho buscou as influências modernistas através da análise geral de ícones modernistas como as casas de Le Corbusier, as de Lúcio Costa e as de Artigas. É importante destacar que estes ícones, dentro do universo modernista, muitas vezes representam tendências opostas, fato este que não invalida este trabalho, mas que atenta para a importância desta diversidade de correntes arquitetônicas dentro de um mesmo movimento.

O quadro abaixo traz algumas residências referências internacionais, algumas nacionais e as casas inventariadas neste trabalho, representando o contexto local. O objetivo deste quadro ilustrativo é traçar um paralelo temporal, permitindo identificar a condição de Florianópolis no que se refere à arquitetura residencial moderna, possibilitando assim uma melhor compreensão das influências modernistas que chegaram na Ilha.

décadas de 20, 30 e 40



Le Corbusier
Casa Citrohan, 1921



Gerrit Rietveld
Casa Schöroder, 1924



Le Corbusier
Villa Savoye, 1928



Adolf Loos
Casa Müller, 1930



Gregori Warchavchik
Casa modernista, 1928



Gregori Warchavchik
Casa Luis da Silva Prado, 1930



Mies van der Rohe
Casa Tugendhat, 1930



Frank Lloyd Wright
Casa Fallingwater, 1935



Lucio Costa
Casa Hungria Machado, 1942



Vilanova Artigas
Casa Rio Branco Paranhos, 1943



Alvar Aalto
Casa Mairea, 1937



Mies van der Rohe
Casa Farnworth, 1945



Rino Levi
Casa do arquiteto, 1946



Henrique Mindlin
Casa George Hime, 1949



Lina Bo Bardi
Casa da arquiteta, 1951



Sérgio Bernardes
Casa Guilherme Brandi, 1952



Oscar Niemeyer
Casa do arquiteto, 1953



Oswaldo Bratke
Casa Benjamin
Fleider, 1956



Vilanova Artigas
Casa José Bittencout, 1956

década de 50

Contexto local



Eng. David Fontes
Casa Souza 1959



Hans Broos
Casa Zipser, 1959



Domingos Filomeno Netto
Casa Salles, 1959



Boris Tertschitsch
Casa Dimatos, 1963



Boris Tertschitsch
Casa Bastos Silva, 1964



Ademar Cassol
Casa Becker, 1966



Tilodi
Casa Amin, 1966



Boris Tertschitsch
Casa Stefan, 1967



Olavo Arantes e
Adroaldo Pereira
Casa Lima, 1968



João David de Souza
Casa Blasi, 1968



Luiz Gama Lobo D'Eça
Casa Schaefer, 1969

décadas de 60 e 70

Contexto Internacional

Contexto nacional



Paulo Mendes da Rocha
Casa James King, 1972



José Andrade
Casa Moritz, 1974

4.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das questões deste estudo era verificar até que ponto estas residências permanecem atuais. Tal questionamento remete à atemporalidade dos princípios modernistas de projeto aplicados em residências.

Ao longo deste trabalho foi possível compreender que a arquitetura modernista não é resultado apenas da aplicação dos elementos formais, como os cinco pontos de Le Corbusier ou os elementos da arquitetura vernacular de Lúcio Costa, senão seria como a arquitetura neoclássica ou eclética, feitas através da cópia de estilos. A concepção do projeto onde a forma final é resultado da organização das partes, dos subsistemas, representou uma ruptura quanto à maneira de projetar e tal ruptura teve reflexos nas gerações de arquitetos que sucederam no tempo.

O uso residencial encontrado na maioria das edificações inventariadas garantiu uma melhor conservação. É importante destacar, entretanto, que o grupo de moradores entrevistados, representado por casais idosos e habitando sua residência há décadas, não garante a preservação deste patrimônio. Com o falecimento de um dos cônjuges, o que acontece geralmente é a venda do imóvel.

Algumas das casas apresentadas neste trabalho foram projetadas por desenhistas, realidade característica naqueles anos. Embora este fato ilustra a difusão da arquitetura moderna entre os profissionais, evidencia que esta difusão não garantiu que os princípios modernistas fossem aplicados criteriosamente. É importante destacar a diferença quanto à qualidade dos projetos realizados por profissionais habilitados, na sua maioria mais concisos e pertinentes, do que os realizados por desenhistas.

Os exemplares de casas apresentados neste trabalho forneceram um quadro da arquitetura modernista produzida na Ilha. Alguns poderiam ser indicados para preservação, como é o caso da Casa 07e 08, porém a falta de conscientização da importância destas edificações, por serem consideradas muito novas e a alta especulação imobiliária presente na cidade torna difícil tal providência.

4.3 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

A medida em que o trabalho foi desenvolvido, surgiram muitos questionamentos, sendo que alguns puderam ser respondidos e outros não. Segue abaixo algumas sugestões de estudos que podem ser realizados:

1. Fazer o levantamento arquitetônico de outras edificações modernistas no município de Florianópolis, dando continuidade ao inventário e garantindo às gerações futuras, o desenvolvimento de estudos sobre estes projetos;
2. Analisar, de maneira mais aprofundada, os exemplares apresentados neste estudo. O projeto estrutural poderia ganhar mais destaque, bem como as análises arquitetônicas;
3. Aprofundar as questões relacionadas à preservação do patrimônio moderno, sugerindo ao IPUF - Florianópolis uma maior atenção sobre estas edificações que tendem a desaparecer rapidamente;
4. Verificar, através da comparação de projetos arquitetônicos, diferenças entre as edificações projetadas por arquitetos, engenheiros e desenhistas;
5. Estudar a influência modernista americana nas casas inventariadas neste trabalho através da verificação de bibliografia norte-americana do pós- guerra, 2ª Guerra Mundial, dando devida atenção para o tema *Case Study Houses*;
6. Realizar um trabalho sobre os principais profissionais que atuaram em Florianópolis desde os anos 50.

REFERÊNCIAS

- ACAYABA, Marlene Milan. **Residências em São Paulo, 1947-1975**. São Paulo: Projeto, 1986.
- AFONSO, Sônia. **Urbanização de encostas: a ocupação do Morro da Cruz**. São Paulo, 1992. 376f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – FAUUSP.
- ARANTES, Otilia B. F. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1995. 246p.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 709p.
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. **Caminhos da arquitetura**. São Paulo: Lech, 1981. 142p.
- AYMONINO, Carlo. **La vivienda racional**. Barcelona: G. Gili, 1973. 313p.
- BENEVOLO, Leonardo. **Historia da arquitetura moderna**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 813p.
- _____. **O ultimo capitulo da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes; Lisboa: Edições 70, 1985. 235p.
- BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da habitação social no Brasil. Arquitetura Moderna, lei do Inquilinato e difusão da casa própria**. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998. 342p.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981. 397p.
- CALDAS FILHO, Raul. **Oh! Que delicia de ilha**. 3. ed. Florianópolis: Paralelo 27, 1995. 135p.
- CAMBI; DI CRISTINA; STEINER. **Tipologias Residenciales en Hileras**. México: Gustavo Gili, 1992.
- CAMBI; DI CRISTINA; STEINER. **Viviendas unifamiliares con patio**. Madrid, España: Xarait, 1985.
- CASTRO, Eloah Rocha Monteiro. **Jogo de formas híbridas: Arquitetura e modernidade em Florianópolis na década de 50**. Florianópolis, 2002. 143 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- CHING, Francis d. K. **Arquitectura: Forma, Espacio y Orden**. México: Gustavo Gili, 1998.
- COELHO, Mario Cesar; FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Moderna ponte velha: imagem & memória da Ponte Hercílio Luz**. Florianópolis, 1997. 172f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. **A arquitetura de Lucio Costa: uma questão de interpretação**. In: NOBRE, Ana Luiza ; et al. **Um modo de ser moderno: Lucio Costa e a crítica contemporânea**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

DIAS, Adriana Fabre. **A reutilização do patrimônio edificado como mecanismo de proteção: uma proposta para os conjuntos tombados de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado)- Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 10.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. 172p.

FRAMPTON, Kenneth. **Historia critica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 470p.

GHab- Grupo de Estudos da Habitação. **Revitalização da Vila Operária: Proposta de Preservação**. Relatório Final de Pesquisa PIBIC/CNPq/UFSC. Florianópolis: Ghab/ UFSC, 2002.

GROPIUS, Walter. **Bauhaus: nova arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1977. 223p.

HARVEY, David. **A condição pos-moderna : uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1993. 349p

JENCKS, Charles. **Movimentos modernos em arquitetura**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985. 372p.

LE CORBUSIER. **A Célula Comanda**. Texto traduzido para uso em aulas do 2º ano- 1970. São Paulo: Laboratório de Artes Gráficas/ FAU-USP, 1970.

LE CORBUSIER. **Por uma Arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

LE CORBUSIER. **A Carta de Atenas**. São Paulo: Hucitec, 1989.

LE CORBUSIER. **Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

LE MOS, Carlos. **História da Casa Brasileira**. História do Contexto, 1989. 83p.

MACIEL, Carlos Alberto. **Villa Savoye: arquitetura e manifesto**. [2002]. 6p. Disponível em : www.vitruvius.com.br/arquitextos/. Acesso em: janeiro de 2006.

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. **A Casa**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. 253p.

MAHFUZ, Edson da Cunha. **O sentido da arquitetura moderna brasileira**. [2002]. 5p. Disponível em : www.vitruvius.com.br/arquitextos/. Acesso em: janeiro de 2006.

_____. **Ordem, estrutura e perfeição no trópico. Mies van der Rohe e a arquitetura paulistana na segunda metade do século XX**. [2005]. 6p. Disponível em : www.vitruvius.com.br/arquitextos/. Acesso em: janeiro de 2006.

MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano/ IPHAN, 2000. 283p.

NOBRE, Ana Luiza, et al. **Um modo de ser moderno: Lucio Costa e a crítica contemporânea**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978. 211p,

ROTOLO, Leandro. **Hans Broos, Casa Zipser 1959- 1962, Florianópolis**. In: ROVIRA, Teresa (org). **Documentos de Arquitectura Moderna en la América Latina 1950-1965**. Espanha: Universidad Politécnica de Catalunya, 2004. p. 48- 57.

RYBCZYNSKY, Witold. **Casa: pequena história de uma idéia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. 261p.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (org.). **A Promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930- 1964**. São Carlos: RiMa, 2002. 316p.

SEGAL, Walter. **Home and Environment**. London: Great Britain, 1948.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2002. 224p.

_____. **O fio de Lucio Costa**. In: NOBRE, Ana Luiz, et al. **Um modo de ser moderno: Lucio Costa e a crítica contemporânea**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SOMMER, Robert. **Espaço Pessoal: as bases comportamentais de projetos e planejamentos**. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

SOUZA, Marina Ester Fialho de; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Apropriação do espaço da moradia: uma maneira de marcar o território individual**. Florianópolis, 1999. [200]f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: Memória Urbana**. Florianópolis: UFSC, 1993. 390 p.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos A.. C.; CORONA, Eduardo. **Arquitetura moderna paulistana**. São Paulo: Pini, 1983. 251p.

_____; Fundação Cultural de Curitiba. **Arquitetura moderna em Curitiba**. São Paulo: Ed. Pini; Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1986. 269p.

_____. **Arquitetura moderna brasileira: depoimento de uma geração**. São Paulo: ABEA: FVA, 1987. 389p.

_____; BRITTO, Alfredo; NOBRE, Ana Luiza. **Arquitetura moderna no Rio de Janeiro**. São Paulo: Pini: Fundação Vila-nova Artigos; Rio de Janeiro: RIOARTE, 1991. 315p.

WESTON, Richard. **A Casa no Século Vinte**. Lisboa: Editorial Blau, 2002.

LISTA DE FIGURAS

Capítulo 1	página
Introdução	
Ilustração 01: Casa na rua Presidente Coutinho, Centro, Florianópolis, demolida em 2004	13
Tabela 01: Congressos CIAMs realizados	16
Ilustração 02: Conjunto Habitacional construído em Warschau, Alemanha, em 1928	17
Ilustração 03: Propaganda da exposição Weissenhofsiedlung	17
Ilustração 04: Casa Horner, Viena, Áustria, 1912, Adolf Loos	19
Ilustração 05: Casa Müller, Praga, República Checa, 1930, Adolf Loos	19
Ilustração 06: Casa Robie House, Illinois, EUA, 1909, Frank Lloyd Wright	20
Ilustração 07: sistema Dom-ino, 1914, e casa Citrohan, 1921, Le Corbusier	21
Ilustração 08: Villa Savoye, França, 1928, Le Corbusier	22
Ilustração 09: Villa Errazuriz, Chile, 1930, Le Corbusier	23
Ilustração 10: Casa Schoröder, Holanda, 1924, Gerrit Ritveld; e Casa Farnsworth, EUA, 1945, Mies van der Rohe	23
Ilustração 11: Casa na rua Santa Cruz, São Paulo, 1928, Warchavchik	25
Ilustração 12: Casa na rua Bahia, São Paulo, 1930, Warchavchik	25
Ilustração 13: Casa Argemiro Hungria Machado, Rio de Janeiro, 1942, Lucio Costa	26
Ilustração 14: Casa George Hime, Rio de Janeiro, 1949, arquiteto Henrique Mindlin	27
Ilustração 15: Casa Guilherme Brandi, Rio de Janeiro, 1952, arquiteto Sérgio Bernardes	27
Ilustração 16: Casa de Canoas, Rio de Janeiro, 1953, arquiteto Oscar Niemeyer	27
Ilustração 17: Casa Geraldo Baptista, Rio de Janeiro, 1954, arquiteto Olavo Redig	27
Ilustração 18: Pavilhão do Brasil em NY, EUA, 1938	27
Ilustração 19: Casa do arquiteto, 1946, arquiteto Rino Levi	29
Ilustração 20: Casa do arquiteto, 1942, arquiteto Vilanova Artigas	29
Ilustração 21: Casa do arquiteto, 1943, arquiteto Vilanova Artigas	29
Ilustração 22: Casa do arquiteto, 1949, arquiteto Vilanova Artigas	29
Ilustração 23: Casa do arquiteto, 1956, arquiteto Vilanova Artigas	29
Ilustração 24: Casa do arquiteto, 1948, Miguel Forte	30
Ilustração 25: Casa na Av. Brasil, 1953, Miguel Forte	30
Ilustração 26: Casa do arquiteto, 1953, Oswaldo Bratke	30
Ilustração 27: Casa Benjamin Fleider, 1956, Oswaldo Bratke	30
Ilustração 28: Conjunto Residencial de Pedregulho, 1947, arquiteto Affonso Eduardo Reidy	35
 Capítulo 2	
A Cidade e o Movimento Moderno	
Ilustração 29– Mercado Público no início do século XX, Florianópolis	42
Ilustração 30– Rua Conselheiro Mafra no início do século XX, Florianópolis	42
Ilustração 31– Ponte Hercílio Luz, 1970, Florianópolis	42
Ilustração 32- Ministério da Educação e Saúde: Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Reidy, Jorge Moreira, Ernani Vasconcelos e Carlos Leão, Rio de Janeiro	45
Ilustração 33– Propaganda da construção de Brasília no governo JK	46
Ilustração 34– Clube Penhasco, 1954, Florianópolis	46
Ilustração 35– Croqui Casa do Baile, 1942, arquiteto Oscar Niemeyer	46

Ilustração 36– Instituto Estadual da Educação	47
Ilustração 37– Edifício residencial projetado por Moellmann & Ráu em Florianópolis, 1957	48
Ilustração 38– Malha urbana de Florianópolis em 1921	50
Ilustração 39– Casa na rua Victor Konder	51
Ilustração 40– Casa na rua Santo Inácio Loyola, 1963, engenheiro Boris Tertschitsch	51
Ilustração 41– Casa na avenida Osmar Cunha	52
Ilustração 42– Mapa rodoviário da Ilha de Santa Catarina, modificado para este trabalho	52
Ilustração 43– Casa família Zipser, 1959, arquiteto Hans Broos	53
Ilustração 44– Casa família Becker, 1966, arquiteto Ademar Cassol e Carmem Cassol	54
Ilustração 45– Casa família Becker, 1966. Mural artístico.	54
Ilustração 46 – Área de estudo no Bairro Centro, Florianópolis	55

Capítulo 3

Habitação Modernista Em Florianópolis - Um Inventário

Ilustração 47– Chácara do Molenda, Casarão	58
Ilustração 48– Rua Barão de Batovy, Florianópolis	59
Ilustração 49– Rua Presidente Coutinho, Florianópolis	59
Ilustração 50– Mapa de localização das casas do inventário no centro de Florianópolis	60
Inventário	62 a 74
Quadro 01- Previsão Plano Diretor para área estudada	75
Quadro 02: Relação de áreas e taxa de ocupação das residências inventariadas	76
Quadro 03: Relação de ambientes encontrados nas residências inventariadas	78
Quadro 04: Dados das entrevistas realizadas com moradores e ex-moradores	81
Quadro 05: Dados das entrevistas sobre os projetos	82

Capítulo 4

Conclusões

Quadro 06: Paralelo temporal: arquitetura residencial modernista internacional, nacional e local	90
--	----

APÊNDICES

APÊNDICE A – EXEMPLO DE FICHA CADASTRAL DAS CASAS

<p>CASA 01- FAMÍLIA STEFAN</p> <p>Localização: Osmar Cunha, nº 164</p> <p>Uso Atual: serviço-lazer</p> <p>Características: horizontalidade e organização da área social entorno de um pátio interno (jardim de inverno)</p>	
<p>Sobre o projeto</p> <p>Ano do projeto: 1967</p> <p>Arquiteto: Boris Tertschistch Engenheiro: idem Construtor: idem</p> <p>Nº projeto SUSP: 13458</p> <p>Sobre os proprietários</p> <p>Nome do 1º proprietário: Contato: Ano de aquisição do imóvel: 1967</p> <p>Proprietário Atual: Contato: Ano de aquisição do imóvel:</p> <p>Entrevistas relacionadas à casa</p> <p>1) com o 1º proprietário</p> <p>2)</p> <p>3)</p>	<p>Levantamentos fotográficos</p> <p>Fotos externas: ok Fotos internas: Fotos antigas:</p> <p>Documentos gráficos</p> <p>Implantação: ok Plantas- baixas: ok Cortes: ok Fachadas: ok Situação: ok</p> <p>Elementos modernistas caracterizadores e referências bibliográficas:</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <p>Apresenta dados para análise arquitetônica mais aprofundada?</p> <p>Sim / Não</p>

APÊNDICE B – MODELO DE ENTREVISTA REALIZADA COM MORADORES



Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PósARQ
Mestrado/ Josicler Orbem Alberton

HABITAÇÃO MODERNISTA EM FLORIANÓPOLIS: Estudo de caso

Ficha de Identificação do Usuário/Casa

CASA Nº _____ FAMÍLIA _____

Localização:

Uso atual:

Usuário (s):

Relação de parentesco:

Atividades principais:

Curiosidade (s):

Data da entrevista:

Características marcantes:

1. SOBRE OS MORADORES

1.1. Nº de residentes:

Curiosidade (s):

1.2. Ano de aquisição:

1.3. Tempo de residência:

1.4. Origem da família (Bairro/ Cidade/ UF):

1.5. É o primeiro proprietário? Por que adquiriu o imóvel?

1.6. A localização na cidade, no bairro, influenciou na compra? Por quê?

2. SOBRE A CASA

2.1. Autoria do projeto:

2.2. Ano do projeto:

2.3. Primeiro Proprietário:

2.4. O estilo da casa foi você quem escolheu ou foi o construtor/ engenheiro/ arquiteto que sugeriu? Por que a escolha?

2.5. O projeto era inovador para você? O que tinha de “diferente”?

2.6. Programa:

Ordem	AMBIENTE	QUANTIDADE
1.	Vestíbulo (hall)	
2.	Sala	
3.	Pátio interno	
4.	Biblioteca/ Escritório/ Sala de Estudos	
5.	Quarto	
6.	Banheiro	
7.	Cozinha	
8.	Despensa	
9.	Lavanderia	
10.	Sala de Costura	
11.	Dependência de empregada completa	
12.	Garagem	
13.	Depósito	
14.	Churrasqueira	

Curiosidade (s):

2.7. O imóvel já foi transformado? Como?

2.8. O projeto garantiu uma boa circulação e privacidade para os ambientes?

2.9. Condição de conforto verão/ inverno:

2.10. Condição de iluminação natural:

2.11. Condição de dimensionamento dos ambientes:

Curiosidade (s):

2.12. Você está satisfeito com sua casa? O projeto da casa atente bem as suas necessidades?

Curiosidade (s):

2.13. Avaliação dos usos:

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO EDIFÍCIO

3.1. Estado geral do edifício:

Curiosidades sobre o edifício:

3.2. Em sua opinião, por que muitas casas deste bairro ainda permanecem com uso residencial?

3.3. Ainda é bom morar aqui ou tem alguma coisa que incomoda?

3.4. Você conhece os vizinhos? Como é a relação de vizinhança no bairro?

3.5. O bairro lhe parece seguro?

Curiosidades:

ESPAÇO PARA CROQUIS DE DETALHES ARQUITETÔNICOS:

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O ARQUITETO ADEMAR CASSOL



Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PósARQ
Mestrado/ Josicler Orbem Alberton

Nome Completo: Ademar José Cassol

Data de entrevista e local: 20/12/2005- Centro- Florianópolis

Local de Formação (cidade, instituição) e ano: UFERGS- POA- 1964

Sobre as influências da arquitetura modernista

1 De onde chegavam as influências arquitetônicas nas décadas de 50,60 e 70 (princ. 50 e 60)?

Estas influências se faziam através dos concursos de arquitetura, das revistas de arquitetura como ACROPOLE, MODULO, DOMUS, L'ARCHITECTURE D' AUJOURD'HUI. Influências das obras da Pampulha e do Instituto da Educação no Rio de Janeiro, também de Le Corbusier.

2 Você poderia citar algumas escolas e profissionais referências da época?

Como Escola podemos citar o Brutalismo Paulista de Artigas e Paulo Mendes da Rocha e à nível internacional Mies van der Rohe.

3 Você procurava atualizar-se através de que meios?

Através das revistas de arquitetura e da observação de obras recentes em outras capitais.

4 Quais os critérios de projeto que eram utilizados por você? Quais os elementos formais que passaram a ser utilizados nos projetos?

Valorização da estrutura em concreto armado quando ficava aparente. Modulação e grandes vãos. Procurava compor as fachadas em painéis inteiros, isto é, sem vergas. Cobertura em laje impermeabilizada.

Quanto aos projetos de casas modernistas

5 Que novos ambientes surgiram nas casas projetadas naquela época?

Por exemplo, as salas com mezaninos intermediários, janelas e portas em toda a largura da parede. Paredes em vidro temperado.

6 O que era valorizado dentro de uma casa e por que?

A casa deveria ter um motivo gerador: seja o vazio da escada, seja um pátio interno, seja a valorização da vista exterior.

7 O usuário aceitou bem a casa modernista? Houve alguma mudança na rotina (novos hábitos) do usuário devido a casa?

Houve às vezes resistência, mas os clientes que procuravam jovens arquitetos já estavam predispostos a aceitar o modernismo.

8 Quanto aos materiais e técnicas havia limitações? Era difícil conseguir novos materiais ou mão-de-obra especializada?

Havia muita limitação de revestimentos cerâmicos. Esquadrias de alumínio eram pesadíssimas. Não havia vidro laminado. Os materiais de impermeabilização eram importados e não havia mão de obra na cidade.

9 Quanto ao conforto térmico, lumínico e acústico há algo a destacar nesta arquitetura?

Os aspectos de conforto térmico foram negligenciados por vezes devido a utilização de cobertura plana impermeabilizada.

10 Como era feita a adequação desta nova arquitetura as condições locais? Que adaptações eram feitas (econômicas, culturais e sociais)?

Acredito que a valorização dos jardins exteriores facilitou a aceitação popular da nova arquitetura.

11 Na sua opinião estes projetos residenciais continuam ainda atuais?

Nos aspectos externos são atuais. Nos interiores certamente houve necessidade de atualização de uso e de decoração.

12 O que teve de inovador nestes projetos?

Rompeu com o falso neocolonial que imperava nas classes abastadas.

Depoimento em relação ao projeto específico: Casa da Família Becker na Avenida Rio Branco.

Laje de cobertura impermeabilizada, porém, dupla. Entre as duas lajes correm instalações. Janelas dos dormitórios contrapesadas, tanto vidros como venezianas.

Todos os elementos de concreto são aparentes. Pela primeira vez se utilizou concreto aparente em residência em Florianópolis.

Há um painel artístico notável em cerâmica na entrada social.